

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

LUIZ HUMBERTO CARRIÃO

DO CRISTO CÓSMICO E DO CRISTO TELÚRICO
NA VISÃO DE HUBERTO ROHDEN

GOIÂNIA

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

DO CRISTO CÓSMICO E DO CRISTO TELÚRICO
NA VISÃO DE HUBERTO ROHDEN

Luiz Humberto Carrião

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Literatura Sagrada

Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva

Goiânia, 2016

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

C316d Carrião, Luiz Humberto.
Do Cristo cósmico e do Cristo telúrico na visão de Huberto Rohden [manuscrito] / Luiz Humberto Carrião – Goiânia, 2016.
129 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, 2016.
“Orientador: Dr. Valmor da Silva”.

Bibliografia.

1. Jesus Cristo. 2. Rohden, Huberto, 1893-1981. 3. Cristologia. I. Título.

CDU 27-31(043)

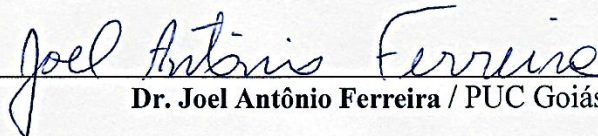
**DO CRISTO CÓSMICO E DO CRISTO TELÚRICO NA VISÃO DE HUBERTO
ROHDEN**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião
da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 20 de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Presidente)



Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás



Dr. André Luiz Caes / UEG

Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Suplente)

Agradecimentos

Não poderia deixar, neste momento, de agradecer àqueles que, à sua época, possibilitaram a realização dessa vontade:

Antônio Hipólito de Souza

Airton Rodrigues de Barros

Carmem Marize Lima

Valmor da Silva

RESUMO

CARRIÃO, Luiz Humberto. *Do Cristo Cósmico e do Cristo Telúrico na visão de Huberto Rohden*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – PUC Goiás, Goiânia - 2016.

A pesquisa tem como objetivo investigar a novidade contida na visão cristológica do filósofo brasileiro Huberto Rohden acerca do personagem central dos Evangelhos - Jesus Cristo - para quem, o Cristo Cósmico, o Verbo ou Logos descrito no quarto Evangelho, é a primeira e a mais perfeita manifestação individual da Divindade Universal, Deus; e, o Cristo Telúrico, Jesus Nazareno, o veículo visível do Cristo invisível, que através de Maria habitou entre nós, com a potencialidade de habitar em nós, e que, como Cristo, pode ter-se personificado em outras partes da Terra e do Universo.

Palavras chave: Cristo Cósmico, Cristo Telúrico, Jesus Cristo, Huberto Rohden.

ABSTRACT

The goal of this research is to investigate the new aspects contained in the Christological view of the Brazilian philosopher Huberto Rohden about the central character of the Gospels – Jesus Christ – for whom, the Cosmic Christ, the Word or Logos described in the fourth Gospel is the first and most perfect individual manifestation the Universal Deity, God; and, the Telluric Christ, Jesus of Nazareth, the visible vehicle of the invisible Christ who, through Mary, lived among us, and who may have become personified in other parts of the Earth and the Universe.

Key words: The Cosmic Christ, the Telluric Christ, Jesus Christ, Huberto Rohden.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. HUBERTO ROHDEN	12
1.1. Entre a Teologia e o Evangelho.....	12
1.2. Um novo horizonte abriu-se na América.....	19
1.3. No tempo e no espaço.....	24
1.4. Genética e ambiente.....	28
1.5. Cosmorama: a utopia rohdiana.....	34
1.6. Tomando perspectiva	39
2. JESUS CRISTO: A MAIS BELA DAS LENDAS OU A MAIS PURA DAS REALIDADES.....	41
2.1. Da cidade de Ur ao Estado de Israel: A saga do povo judeu.....	42
2.2. Da Lei à Graça.....	47
2.3. Jesus, o judeu.....	54
2.4. Jesus, o Cristo	61
2.5. Jesus, o salvador.....	66
2.6. Jesus, o mito.....	71
3. CRISTO CÓSMICO E CRISTO TELÚRICO.....	74
CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXOS	92
Anexo A: Documento encaminhado ao seu superior com o pedido de demissão	93
Anexo B: Carta aberta a numerosos amigos iludidos	97
Anexo C: Obras do filósofo Huberto Rohden.....	102
Anexo D: Foto oficial do filósofo e professor Huberto Rohden	106
Anexo E: Aula ministrada no Centro de Autorrealização Alvorada de São Paulo pelo filósofo e professor Huberto Rohden em 23/05/78.....	107
Anexo F: Última entrevista do filósofo e professor Huberto Rohden (pouco antes de sua morte) concedida ao jornalista José Ítalo Stelle, publicada na revista Visão, edição de 9/fevereiro/1981.....	123

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos em que fui professor de História no Ensino Médio, dois personagens históricos chamaram-me a atenção pelas reações que provocam nos alunos: um considerado do bem, o filho de Deus, Jesus Cristo; o outro, considerado do mal, o anticristo, Adolph Hitler. Entre eles, a cultura religiosa na qual me criei me fez optar pelo primeiro.

Quem nunca se preocupou com a identidade d'Aquele cujo fascínio O transformou no personagem mais importante da história confessional e secular mundial?

Fascínio que tem levado multidões a templos, praças públicas, estádios de futebol, ginásios de esportes, etc. para ouvir o que se tem a dizer sobre Ele; fascínio que O coloca em um percentual elevado de audiência nas grades das televisões no Brasil e no Mundo; fascínio que sustenta um mercado editorial e fonográfico como jamais alguém o fez: a Bíblia é hoje o livro mais vendido na história gráfica mundial; espaços físicos cada vez maiores e luxuosos são erguidos e nominados como Suas casas. Suas palavras expressas nos Evangelhos se tornam essenciais como alimento da alma humana. Fascínio que chega a ser considerado como análogo a um autofascínio. O que se pode dizer de tudo isso, é que, esse Personagem não pode ser alguém inventado.

Quem é o Cristo?

Muitas são as tentativas de resposta, mas como asseveram Schiavo e Silva, “nenhuma consegue esgotar o argumento, pretendendo ter a resposta definitiva. Talvez Jesus tenha sido um pouco de cada definição, mas sempre ultrapassando todas” (2011, p.101).

Partimos do pensamento do filósofo Huberto Rohden, exarado em sua vasta publicação após seu contato com a matemática de Einstein, com a *Self-Realization Fellowship*, e com a *Kryia Yoga* nos Estados Unidos da América, quando ganhou uma bolsa de estudos na Universidade de Princeton, na década de 1940. Mais especificamente, partimos de seu livro “*Que vos parece do*

Cristo?”, publicado pela Editora Sabedoria, em 1970, revisado e ampliado posteriormente em outras edições publicadas pela Alvorada, s/d-1¹ e em 1975.

Por que o filósofo Huberto Rohden?

Nasci em 1953, por conseguinte, no ano de 1968, encontrava-me no epicentro da contestação dos valores amalgamados por uma sociedade do pós-guerra. Sou fruto, culturalmente, da nova visão de mundo que se apresentava. Pertencço a uma geração para a qual a frase “imagine se não houvesse um paraíso”, de John Lennon, por meio da canção *Imagine* lançada em 1971, colocou em órbita e espaço afora nossa cabeça, mente e crença. Associado a isso, havia um convencimento aparente por parte de professores nas bases marxianas, inspiradas em Feuerbach, de que nosso conhecimento sobre o sagrado, no caso, sobre Deus, limitava-se a uma projeção humana. As pessoas modernas deveriam ser naturalistas e humanistas. Como definir um movimento novo que colocava na mesma cesta princípios hinduístas, budistas, taoístas, kabalistas, cristianistas, cientificistas, kardecistas, africanistas, teosofistas, gnósticistas, astrologistas, dentre outros?

Em Goiânia, ainda adolescente, conheci o filósofo Rohden através de dois de seus livros *Orientando* (1965) e *Catecismo da Filosofia* (1965) e, em seguida, *De alma para Alma* (s/d-6), que me caiu na medida certa. Eram como uma bússola direcionando-me no mar revolto da vida. Assim que soube de sua presença periódica em Goiânia ministrando aulas de Sabedoria do Evangelho e Filosofia Univérsica, tornei-me assíduo frequentador dessas palestras e leitor contumaz de sua obra. Recentemente, ao terminar uma pós-graduação em Docência Universitária, em nível de especialização, inscrevi-me na seleção de mestrado em Ciências da Religião, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com o objetivo de aprofundar e divulgar mais sobre o filósofo que mantém um recorde de venda de livros no Brasil. A venda é estimada em mais de 5 milhões de livros até o final da década de 1970, muitos dos quais foram traduzidos para outros idiomas.

¹ Utilizamos-nos de uma numeração após a abreviação s/d (sem data) em virtude de grande parte dos livros de Huberto Rohden não especificar a datação de sua publicação.

Rohden atribui a confusão sobre o Cristo em face da não distinção entre o Cristo Cósmico e Jesus de Nazaré. O Cristo Cósmico é Deus e Jesus de Nazaré, o veículo visível do Cristo Cósmico entre nós. Ao referir-se ao Cristo Telúrico, Rohden refere-se a Cristo Cósmico após sua encarnação terrena por meio de Maria, na forma humana de Jesus de Nazaré. Então, segundo Rohden temos: “O Cristo Cósmico é Deus em sua essência, mas é creatura² em sua existência temporal” (2009, p.43). O Cristo Telúrico, ou terrestre, “é o mesmo Cristo Cósmico depois da sua encarnação humana, quando o ‘Verbo se fez carne’” (2009, p.43). Por fim, Jesus de Nazaré, “é o veículo visível do Cristo invisível, com o qual está inseparavelmente unido desde a sua encarnação através da Virgem Maria” (2009, p. 44). Entre o Cristo Cósmico e Jesus Nazareno, Rohden (1970) fala de uma total interpenetração e permeabilidade entre eles ao ponto de nunca mais se separarem, levando o Cristo a cristificar Jesus, acabando ambos por subirem aos céus e lá permanecendo por toda a eternidade.

Para Rohden, tal como o Cristo Cósmico manifestou-se na pessoa de Jesus, “pode ter-se personificado em outras formas e em outras partes da Terra ou do Cosmos, e pode, também, personificar-se, ainda hoje, em outros homens ou em outras criaturas” (ROHDEN, 1970, p.12). Ele inclusive atribui ao Krishna uma das encarnações telúricas do Cristo Cósmico que é Deus. Este, por sua vez, é o unigênito da Divindade; o único gerado por Ela que pode manifestar-se por aqui e acolá.

O tema – do Cristo Cósmico e do Cristo Telúrico – ainda não foi objeto de trabalho, seja no meio acadêmico ou fora dele, o que faz aumentar nossa responsabilidade na empreitada. Ao assumir um tema como esse à visão rohdiana, nosso cuidado foi elevado de maneira potencial pela admiração ao filósofo, a seus pensamentos e a sua obra. Por isso, na condição de referencial teórico às variáveis – do Cristo Cósmico e do Cristo Telúrico – não haveria outra metodologia senão aquela baseada em uma revisão bibliográfica da obra disponível em livros, audiovisuais de entrevistas e palestras, e *blogs* na *internet*.

² Huberto Rohden faz uma diferença entre “criar” e “crear”: “criar” exprime a transição de uma existência para outra; e, “crear” é a manifestação da Essência em forma de existência.

O corpo do texto foi desenvolvido em três capítulos:

Capítulo 1. Nele buscamos retratar a sua história no clérigo católico romano e a sua estada nos Estados Unidos da América, tão logo abandonou a sotaina, período sobre o qual sempre declarou com satisfação ter convivido com Albert Einstein, a quem dedicou um livro biográfico: *Einstein – o enigma da matemática* (s/d-3), e no qual teve sua iniciação em *Kryia Yoga*, no *Golden Lotus Temple*, onde foi iniciado por *Swami Premanandra*, diretor daquele *Ashram*. Naquele país também conheceu a *Self-Realization Fellowship*, que tem por objetivo e ideal “revelar a unidade básica e a completa harmonia entre o cristianismo original ensinado por Jesus Cristo e a *yoga* ensinada por *Bhágavan Krishna*; e mostrar que esses princípios são o fundamento científico comum a todas as verdadeiras religiões” (YOGANANDA, 1981, p. 457).

Quando de sua volta ao Brasil, Rohden fundou na cidade de Jundiaí - SP uma espécie de réplica do *Gold Lotus Temple*, com a denominação de “retiro espiritual” batizada de Cosmorama. Por meio da Fundação Alvorada, empreendeu por alguns estados brasileiros cursos e palestra sobre Filosofia do Evangelho e Filosofia Univérsica. Esta, formulada por ele quando de sua estada nos EUA, e desenvolvida aqui, para divulgar a *self-realization*, por meio da conscientização humana de que: a mesma lei que rege o universo macrocósmico, rege também o Homem microcósmico, com uma diferença, no universo ela é automática e no Homem é voluntária, isto é, depende do livre-arbítrio.

Capítulo 2. Nele, o título já define o tema: Jesus: a mais bela das lendas, ou a mais pura das realidades? Optamos por historiografar o povo judeu desde a saída de Abraão da cidade de Ur na Caldeia, até a formação do moderno Estado de Israel em 1948, com destaque para a importância da religião, o Judaísmo, para a formação de uma nação, na qual, poder-se-ia dizer, houve a fundação de uma nação. Religião sob a qual foi anunciada a vinda de um Messias, e com ele, uma nova visão de mundo: não mais aquela de estar sob a lei, mas de estar sob a graça, “porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”, (Jo 1,17). Também, damos destaque à descrição de vários olhares sobre veracidade da Bíblia: no Antigo

Testamento, como “biblioteca nacional” do povo Judeu; no Novo Testamento, como a narrativa de um Messias histórico: Jesus, o judeu: e de um Messias da fé: o Cristo. Jesus Cristo que, por muitos, é visto como um personagem mitológico; por outros, como filho de Deus dado ao calvário da cruz para que seu sangue viesse redimir os pecados da humanidade.

Capítulo 3. Nele a definição rohdiana sobre o Cristo; sobre a Divindade - aquela que existia antes de tudo existir; aquela que não tem princípio e nem fim, por estar anterior a tudo o que se entende por princípio e posterior a tudo o que se entende por fim; aquela que está além dos limites do Universo; aquela que não está no tempo e nem no espaço, por ser transcendente; aquela que não é criatura – mas que criou aquele que se personificou na figura humana de Jesus, como pode ter-se personificado em Krishna, Buda, Moisés, dentre outros humanos, o Cristo Cósmico ou Deus.

Na conclusão, tecemos considerações sobre a revisão bibliográfica acerca da visão de Huberto Rohden sobre o Cristo-Cósmico e o Cristo-Telúrico, ao tempo em que emitimos uma reflexão a par da *self-realization* (autorrealização) por meio do Cristo em cristicidade, ao contrário da *out-realization* (alorrealização) através do Cristo em cristianismos.

Finalmente, nos anexos, o documento encaminhado ao seu superior com o pedido de demissão do clero romano; a Carta aos amigos com as explicações sobre esse pedido; a relação de suas obras; foto oficial do filósofo; uma das últimas aulas ministradas pelo professor Huberto Rohden no Centro de Autorrealização Alvorada de São Paulo, em 23/05/1978, onde é desnudada a essência do Movimento Alvorada; e, por se tratar de um documento histórico, a última entrevista do filósofo, à revista Visão, um dos mais importantes veículos semanais da época.

1. HUBERTO ROHDEN

Referencial teórico às variáveis: do Cristo Cósmico e do Cristo Telúrico, nesta dissertação, Huberto Rohden, é aqui referenciado em biografia, ideias e ações. Entre a Teologia e o Evangelho, ao optar pelo último sofreu implacável perseguição por parte do clero romano que o acusou de estar a serviço do protestantismo, bem como, de publicar livros perniciosos à fé católica. Não obtendo retratação de seus detratores demitiu-se da carreira eclesiástica romana e dedicou-se à pesquisa, por meio de uma bolsa de estudos na Universidade de Princeton. Dedicou-se ao magistério, nas cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas, na Universidade de Washington. Deu-se também à prática da *Kryia Yoga*, no *Golden Lotus Temple*. Ainda na capital americana, pôs-se a serviço da arte de escrever, traduzir e publicar livros. Finalmente, dedicou-se à formulação da Filosofia Univérsica, da qual, a partir de um *Ashram* na cidade de Jundiaí-SP, e da Instituição Beneficente Fundação Alvorada, fez sua difusão através de cursos e palestras por todo o Brasil e por Portugal. Ao final do ano de 1981, internado em uma Clínica Naturista na cidade de São Paulo, proferiu esta última frase em estado consciente: “eu vim para servir a humanidade”³ (ROHDEN, 1995, p. 10). Do dia sete para oito de outubro daquele ano, exatamente à zero hora, partiu para o outro lado da vida, deixando um legado cultural comparado ao dos grandes homens da humanidade.

1.1. Entre a Teologia e o Evangelho

“Poucos homens do meu tempo e país foram tão ardentemente elogiados e tão violentamente execrados como o autor desta autobiografia” (ROHDEN, 1962, p.5). Assim, refere-se a si, nas notas preliminares do livro autobiográfico *Por um ideal*, Vol.1, que retrata o caminho que o levou à ordenação e à (des)ordenação sacerdotal romana. Somente uma decepção sem régua para medir ou balança para pesar pode levar um homem a escrever uma frase tão

³ Frase proferida pelo filósofo Huberto Rohden na presença de seu herdeiro literário, Martin Claret, referenciada nas apresentações de edições após a morte do filósofo e, também, pela maioria de seus biógrafos.

impactante em um livro sobre sua vida. Ninguém pode amar o próximo como a si mesmo, sem antes amar a si mesmo.

Rohden (1962) teve como amigo dileto o cardeal do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme desde o momento em que o presenteou com um “livrinho”, *Mistérios de Amor*, como carinhosamente chamava aquelas páginas dedicadas à evangelização dos “pequeninos” neófitos na comunhão com Cristo. Recebeu de Dom Sebastião uma deferência especial por meio de um bilhete com palavras elogiosas, amáveis e entusiasmantes.

“MISTÉRIOS DE AMOR é um precioso regalo feito à infância. O incomparável livrinho que V. R. oferece aos neocomungantes é uma magnífica explicação do dogma eucarístico, perfeitamente fundado na palavra de Deus. Revela-se, através de suas páginas, um mestre acostumado a falar a crianças, de modo a ser ouvido e entendido com espontânea atenção. Revela-se ainda uma alma de Deus, cheia de amor a essas criaturinhas prediletas de Jesus... Dando a V. R. os meus parabéns pelo seu precioso livro, anjo de guarda das criancinhas, recomendamos-lo, com empenho aos fiéis desta Arquidiocese, e fazemos votos para que seja conhecido e espalhado em todo o Brasil, como precioso guia que é para a infância, hoje, mais que nunca, expostas às ciladas do inferno. Abençoe Deus a V. R. e os seus trabalhos! (ROHDEN, 1962, Vol.1, p. 33).

Assim que mostrou ao amigo os originais do livro *Paulo de Tarso – o bandeirante do evangelho* (1981), Dom Sebastião alertou-o de que seria acusado de estar a serviço do protestantismo, mas o recomendou a seguir em frente. Entre a Teologia romana e o Evangelho do Cristo, havia optado por este; entre o ritualismo-escolástico e o biblianismo, novamente optou pelo Evangelho do Cristo; entre o altar e o púlpito, preferiu os difíceis caminhos Brasil afora de ônibus, maria fumaça, automóvel, caminhão, luar, carroças, com palestras evangelizadoras.

No início da década de 1940, o Movimento Bandeirante da Cruzada da Boa Imprensa, por ele criado, estava presente em 1/3 dos municípios brasileiros (censo de 1940), isto é, em 432 dos 1543 municípios, espalhados em 21 estados e um território (ROHDEN, 1962, vol.2). Por onde passava deixava uma estrutura física e humana habilitada, com apoio de livros, revistas e panfletos afins. Para

isso, havia fundado no Bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, uma Casa Editora denominada de Cruzada da Boa Imprensa (ROHDEN, 1962, vol. 1).

Em *Paulo de Tarso – o bandeirante do Evangelho* (1981) referencia nas Escrituras a garantia da sobrevivência dos apóstolos a partir de adjutórios encaminhados pelos evangelizados que Paulo nunca admitiu a si. Por quê? Tinha certa precaução sobre a questão de o que poderíamos chamar de “zona de conforto”, ou mesmo a “desgraçada ambição”. O apóstolo pregava gratuitamente e vivia do suor de seu rosto do trabalho noturno de suas mãos como tecelão. Por isso, a assertiva de que “em verdade, vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. Repito que mais fácil é passar um camelo pelo fundo duma agulha do que um rico no reino de Deus” (ROHDEN, s/d-4⁴, p. 31). O dinheiro e o bem-estar corrompem.

À medida em que o movimento crescia, paralelamente aumentava a preocupação do clero romano com o Padre Rohden. O material distribuído entre “suas ovelhas” a preço simbólico ameaçava o comércio das “coisas sagradas” nas paróquias país afora.

A história brasileira possui registros da reação clerical quando ameaçada. Lembram-se da Guerra de Canudos?

Só ele, Antônio Conselheiro, defendia sinceramente os interesses dos pobres e conhecia as suas íntimas aspirações. Falava com simplicidade e clareza. Como os párocos, citava Os Evangelhos, em latim, com a devida tradução. A maioria de seus ouvintes não entendia as suas prédicas no que elas tinham de erudito, mas ficava deslumbrada com a sua extasiante eloquência, ora serena, ora flamejante, cheia de conceitos graves e de conselhos generosos (MONIZ, 1988, p.29).

Em artigos publicados no Diário da Bahia, por Durval Vieira de Aguiar, depois reunidos em um livro, *Descrições práticas da província da Bahia*, encontra-se o seguinte registro:

⁴ Em decorrência de inúmeros livros de Huberto Rohden não especificar a data da edição estaremos utilizando a nomenclatura s/d-1, s/d-2, s/d-3 e assim por diante para melhor facilitação da identificação da obra na seção referência.

O povo continua a fluir em massa aos atos religiosos do Conselheiro, a cujo aceno cegamente obedece, e resistirá ainda mesmo a qualquer ordem legal, por cuja razão os vigários o deixam impunemente passar por santo, tanto mais quando ele nada ganha, e, ao contrário, promove extraordinariamente os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas e tudo mais em que consistem os vastos rendimentos da Igreja (Aguiar apud, MONIZ, 1988, p.34).

A chegada da questão Canudos à Capital da República aguçou os adeptos de Floriano Peixoto, que sob o pretexto de salvar a república do monarquista Antônio Conselheiro, pressionaram uma campanha federal àquelas terras. O resultado foi triste e arrasador:

Canudos não se rendeu. Exemplo único, em toda a história resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados (CUNHA, 1979, p.433).

Com o padre Rohden não foi diferente. Porém, ao invés de canhões, utilizaram-se das publicações oficiais católicas declarando suas obras perniciosas ao catolicismo, acusando-o de estar a serviço do protestantismo. Isto por quê? Porque ele trocou a Teologia pelo Evangelho. O clero pelo Cristo. O cristianismo pela cristicidade.

No livro biográfico de *Paulo de Tarso* (1981), além de mostrar a cristicidade do apóstolo, seu desapego ao vil metal, trouxe o embate entre o apóstolo e o “comerciante de ilusões” Demétrio, da cidade de Éfeso, que aumentava anualmente sua riqueza vendendo réplicas do templo de Diana, em uma ação condenada por Paulo dentro do cristianismo, e que, Rohden a reacendia no clero brasileiro. É pretexto claro para justificar o massacre. O padre Rohden escreveu:

“Quando, em nossos dias, alguém favorece a causa da catolicidade cristã contra os interesses do catolicismo romano, é invariavelmente acoimado de ‘inimigo da igreja’, ‘herege’, ‘apóstata’, ‘traidor’, etc., porque são muitos os ‘Demétrios’...” (ROHDEN, 1981, p. 164).

Essa perseguição chegou ao ponto, de o clero editorial de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, tentar sabotar outra obra biográfica do Padre Rohden - o livro *Agostinho* (1976) – por meio de uma devolução dos originais pelos correios para endereço trocado.

Qual a pretensão do padre Rohden em traduzir os Evangelhos do grego antigo e oferece-lo a seus fieis a um preço simbólico? Qual pretensão em escrever um livro biográfico e ilustrado sobre Jesus Cristo para crianças? Eis a resposta: o ideal apostólico de inspiração paulina.

O “politicamente correto” era não atrapalhar o comércio do clero romano em sua sobrevivência e atendimento às necessidades básicas e ao supérfluo; era admitir como certa a Teologia católica romana e, não o Evangelho; era atestar a necessidade de um mediador entre Deus, Cristo e os homens, em cuja relação o funcionário eclesiástico, em nome de Deus, havia de perdoar os pecados em um confessionário de imbuia ou peroba rosa envernizado; era, por fim, pregar um Cristo teológico, e não o verdadeiro Cristo – o Logos, o Verbo que se fez carne por meio de Maria e habitou entre nós, e tem potencialidade de habitar em nós.

O corpo de Dom Sebastião Leme nem havia esfriado no caixão⁵, quando o arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de D’Afonseca e Silva, com o apoio dos bispos daquele estado publicou uma carta circular condenando de perniciosos à fé católica romana os livros do padre Rohden. O mínimo que ele poderia fazer era exigir uma retratação da parte de seus acusadores, uma vez que todas as suas obras haviam sido publicadas mediante *imprimatur*. Além do que, prefaciadas por prelados de incontestável idoneidade ética, moral e religiosa. Mas o clero romano no Brasil, em especial, Dom Jaime de Barros Câmara, contemporâneo de seminário e conterrâneo de Rohden, não conseguiu frear o ímpeto dos padres estrangeiros, apoiados por colegas brasileiros. Restou-lhe então entregar a carta de demissão⁶ ao seu superior: seguida da

⁵ Dom Sebastião Leme faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 17 de outubro de 1942.

⁶ Aqui anexada na íntegra.

publicação de outra carta⁷ endereçada ao que chamou de amigos, justificando sua atitude.

O padre José Artulino Besen, por meio de seu *blog* fez um comentário sobre o episódio da demissão:

Deixa a Igreja Católica e o Cristianismo como religião revelada. Profundas mágoas marcaram para sempre essa decisão. Da parte da Igreja, faltou também a compreensão frente ao sofrimento deste zeloso padre e, por que não? Faltou valorizá-lo. O apostolado católico ficou mais pobre. Suas obras, continuamente reeditadas, provam o quanto de bom a igreja deixou escapar, motivada por um dogmatismo não bem fundamentado e, particularmente, pela inveja clerical. Da parte do Cardeal Dom Jaime Câmara, seu conterrâneo catarinense e colega de estudos e ordenação, não houve um olhar que não fosse o dogmático, frio, sem uma análise mais profunda de sua obra (BESEN, 2016).

Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, também membro da Academia Brasileira de Filosofia - RJ; do Instituto Histórico e Geográfico - SC; e, da Academia Catarinense de Letras, Evaldo Paulli, fez veicular um artigo sob o título *Huberto Rohden, um filósofo da religião* (PAULI, 2016), considerado pelo pe. José Artulino Besen, como o melhor texto sobre o filósofo. Pauli (2016) toma como referencial seu conhecimento pessoal completando-o por meio de pesquisa no livro autobiográfico *Por um ideal* (1962). Todavia, com menos ou mais elegância, condenam a visão de Rohden sobre Deus.

Huberto Rohden foi, em seu tempo, um dos muitos que amou a Deus, concebendo-o também a sua maneira. Sobre qual teria sido esta maneira procuramos agora determinar. Não se situa como os primeiros, que o amam como um Deus pessoal, de todo distinto do mundo. Aproximando muito intimamente a Deus e o mundo, Huberto Rohden tudo via, como realidade monística em desdobramento, Deus como oceano no qual estaria inserido o próprio mundo, e que por isso, embora saindo de Deus, retorna a ele, até porque não tem como separar-se dele (PAULI, 1997).

⁷ Aqui anexada na íntegra.

Guimarães: disse “[...] mas Dom Jaime não conseguiu que os culpados restabelecessem a verdade e a justiça. Havia sido colega de seminário de Rohden e nunca deixou de ser seu amigo” (2000, p.24).

Guimarães, ainda na mesma obra, registra que Dom Jaime Câmara, escreveu-lhe mais tarde convidando-o para celebrarem juntos, o jubileu de ouro da ordenação sacerdotal. Rohden declinou ao convite.

Sobre a demissão do pe. Rohden do clero romano, Guimarães (2000) confirma o fato de que a Igreja nunca havia desligado seu sacerdote de seu meio, pois ele foi sepultado, no Cemitério Getsêmani, da Mitra Arquidiocesana de São Paulo, depois transladado para a cidade de São Ludgero, onde seus restos mortais se encontram enterrados no túmulo que abriga seus pais, João Rohden e Anna Locks.

Afastado do clero romano, vivendo de direitos autorais de seus livros, adquiriu um sítio no estado do Rio de Janeiro, com benfeitorias e rústicas e convivendo com pessoas simples da região, sentindo-se em paz naquele recanto silencioso entre plantas, abelhas, pás, enxadas, foices e picaretas, como descreve Guimarães (2000, p.17).

No seu livro *Caminho da Felicidade* (s/d-2), Rohden escreve sobre o que chamou de pequenas manias:

Essas pequenas “manias”, por mais ingênuas e indiferentes que pareçam em si mesmas, têm uma função importante na vida da gente. Nem sempre os nossos trabalhos profissionais correspondem ao nosso gosto natural; milhares de pessoas exercem uma profissão ou trabalham no seu emprego por dura necessidade, para “ganhar a vida”; têm de sacrificar os melhores gostos da sua vida para poderem viver; não tem a escolha de trabalhar no setor da sua predileção. A civilização aboliu a escravatura, mas conservou e intensificou a escravatura branca, a escravidão econômica, financeira; milhares de escravos estão presos nas fábricas e nos escritórios da sociedade hodierna (ROHDEN, s/d-2, p.112).

Clovis de Barros Filho (2016) observa que a Ilha de Ítaca era para Ulisses o seu lugar natural, mais do que a Ilha de Calipso ou Troia. Diz isso para exemplificar a tendência que o ser humano tem de buscar o lugar que lhe corresponde. Assim o fez Rohden em relação às suas origens, o campo.

1.2. Um novo horizonte abriu-se na América

Entre 1945 e 1946 Rohden teve uma bolsa de estudos para pesquisas científicas na Universidade de Princeton, Nova Jersey, nos Estados Unidos da América, onde lançou o alicerce do que chamou de Filosofia Univérsica, que toma o Universo como base do pensamento e da vida humana, evidenciando a afinidade entre Matemática, Metafísica e Mística. Universo equivale ao Uno da causa vertido na pluralidade dos efeitos (Verso), no qual, segundo Rohden (2009), o homem univérsico pode e deve fazer, pelo poder do livre-arbítrio, o que o cosmo sideral e atômico é por necessidade automática, isto é, o homem torna-se livremente o que o Universo é automaticamente.

Poucos dias após a sua chegada à cidade de Princeton, um amigo, na *Mercer Street*, apontou para um sobrado coberto de trepadeiras edificado em um bosque dizendo: ali mora um dos maiores, senão, o maior cientista do mundo, Albert Einstein. Mais tarde, em companhia de outro brasileiro fez uma visita ao “enigma da matemática” e, por falar alemão fluentemente, em encontros posteriores expôs ao gênio da física suas ideias sobre a afinidade entre a Matemática, Metafísica e Mística (ROHDEN, s/d-3).

Esse homem que revolucionou a Física, profundamente religioso sem professar nenhuma religião, veio confirmar a Rohden que um homem pode alcançar a mais pura ética sem recorrer a uma religião particular. “Na teologia era Einstein considerado como ‘ateu’ – mas à luz da verdadeira filosofia era ele um grande místico” (ROHDEN, s/d-3, p.17).

Louis Untermeyer assevera que:

Einstein nunca foi um dogmático e jamais menosprezou o poder da religião. E acrescenta: filósofo assim como físico, cria que o místico transcende o material e que era impossível traçar uma linha divisória entre o físico e o metafísico (UNTERMAYER apud, MONTEIRO, 1985, p. 62).

Einstein, ao anunciar a equação $E = mc^2$, matou o materialismo por falta de matéria, reduzindo esta a energia. Com isso, trouxe à luz nos estudos de Rohden o paleontólogo Teilhard de Chardin (1965), para quem a inteligência (*nóos*) é analítica e a razão (*logos*) intuitiva. A inteligência expõe o talento como expressão máxima do homem, porém a razão, o transforma em “locutor cósmico”: “eu penso 99 vezes e nada descobro; deixo de pensar e mergulho no silêncio – eis que a verdade me é revelada”, afirmou Einstein (apud ROHDEN, s/d-3, p.20). Isto depois de haver desaparecido da Politécnica de Zurique, onde exercia o cargo de professor, reaparecendo faminto e desalinhado, escrevendo dias depois a fórmula que revolucionou o mundo: $E = mc^2$.

Monteiro escreve: “a física a partir de Einstein, não admite substâncias (pluralizadas). Há uma só substância: a luz cósmica (energia), que permeia todo o Universo e está presente aos elementos químicos até agora conhecidos” (MONTEIRO, 1985, p. 79).

Para Rohden,

Este monismo físico da ciência não podia deixar de ter o seu paralelo no monismo metafísico da sapiência, ou filosofia. A heterogeneidade diversitária dos sistemas filosóficos estava a clamar por uma homogeneidade unitária que complementasse pelo eterno UNO o efêmero VERSO do Universo (ROHDEN, 2009, p.120).

A posição de Cristo também é monista. Sempre falou de uma única essência que Ele chamou de “Pai” – “Eu e o Pai somos um, o Pai está em mim, e eu estou no Pai; mas o Pai é maior do que eu” (ROHDEN, s/d-1⁸, p.44).

Rohden afirma que

Deus é uma manifestação individual da Divindade, que Jesus Cristo chama de “Pai” que, em linguagem filosófica é a Realidade Infinita, Absoluta, Universal, Eterna, sem princípio e nem fim. O “Tao” no Taoísmo, o Brahman (com a letra “n” do Hinduísmo); a “Alma” do

⁸ Sobre a obra “*Que vos parece do Cristo?*” foram utilizadas duas edições: s/d-4, publicação da editora Alvorada, reescrita e acrescida; e, outra publicada pela editora Sabedoria Livraria, no ano de 1970.

Universo em Spinoza, o “Absoluto” em Hegel, o “Uno” no Universo (ROHDEN, 1970, p.12).

É matematicamente impossível que haja no Universo duas ou mais “divindade”, e, conseqüentemente, vários “deus”.

Como emanção desse princípio único, pode em outras culturas ter havido outros veículos a servirem de visibilidade a Deus?

No Oriente hindu, *Brahman* (com a letra “n” no final) é a Divindade; Brahma (sem a letra “n”), ao lado de *Vishnu* e *Shiva*, é Deus, isto é, emanção da Divindade Universal.

Não se trata aqui de orientalização do cristianismo, defesa de opiniões de teólogos liberais, ou de Teologia Nova Era. Muito menos de uma depreciação de Jesus Cristo como Messias, mas de uma realidade oppositora à medievalidade teológica, que até bem pouco tempo, mantinha a excomunhão a Galileu Galilei por ter contestado o dogma tomista.

Em 1946, Rohden foi convidado pela *América University, de Washington, D.C.*, para reger as cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas, cargo que exerceu durante cinco anos. Nesse tempo fundou o *Brazilian Center*, Centro Cultural Brasileiro, com o fim de manter intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos da América (ROHDEN, 1962).

Nesse período Rohden entrou em contato com a filosofia de vida oriental por meio da *Kriya Yoga*, no *Golden Lotus temple*, e da *Self-Realization Fellowship*.

A expressão *Kriya Yoga* vem da raiz sânscrita *Kri*, que significa “fazer, agir, reagir” e, somada à palavra *yoga*, conceito filosófico que trabalha mente e corpo, propõe a união com o infinito por meio de ação ou rito, com a finalidade de equilibrar causa e efeito, uno e verso.

Kriya Yoga é um método simples, psicofisiológico, pelo qual o sangue humano se descarboniza e volta a oxigenar-se. Os átomos desse extra/oxigênio transmutam-se em corrente vital para rejuvenescer o

cérebro e os centros da espinha. Sustando a acumulação de sangue venoso, o yogi pode diminuir ou evitar a degeneração dos tecidos. O yogi adiantado transmuta suas células em energia. Elias, Jesus, Kabir e outros profetas foram, no passado, mestres no uso de Kriya ou de uma técnica similar, pela qual eles materializavam ou desmaterializavam seus corpos à vontade (YOGANANDA, 2016).

A *Self-Realization Fellowship*, por sua vez, tem por objetivo e ideal “revelar a unidade básica e a completa harmonia entre o Cristianismo original ensinado por Jesus Cristo e a yoga ensinada por Bhágavan Krishna; e mostrar que esses princípios são o fundamento científico comum a todas as verdadeiras religiões” (YOGANANDA, 1981, p. 457).

Jadava Krishna es el Cristo de los hindues. Estos dos grandes avatares, Jadava y Jesus, manifestaron plenamente la Consciencia del Cristo, esto es, la Kutastha Chaitanya o divina inteligencia directriz que se encuentra presente en cada átomo de la creación. "Mas a quienes le recibieron [a la Consciência del Cristo universal], a ellos doíles el poder de convertirse em hijos de Dios"⁹ , San Juan, 1: 12. (YOGANANDA, 1992, p. 16).

Em relação ao aprendizado de Huberto Rohden no *Golden Lotus Temple*, assim se refere um aluno em discurso publicado por Rohden, em *Luzes e sombras da Alvorada*:

... E como em todos os movimentos desta natureza, ‘muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos!’. E é no Ashram de Washington, que o nosso querido mestre Rohden recebe das mãos de seu guru Premananda esse conhecimento sob a forma de ‘self-revelation’. Assenhora-se dele e empolga-se... transportando-o para a sua pátria e fundando em São Paulo em 1951 a ALVORADA, célula-mater de todo o movimento de autorrealização no Brasil (MARTINS, apud ROHDEN, s/d-5, p. 225).

⁹ Tradução não literal: *Jadava Krishna* é o Cristo dos hindus. Estes dois grandes avatares, Jadava e Jesus, manifestaram plenamente a consciência do Cristo, ou seja, a essência da Divindade creadora, ou, a orientação divina que está presente em cada átomo da criação. “Mas quem a recebeu (consciência do Cristo universal), a eles foi dado o poder de converter-se em filhos de Deus”.

Em 1952, fundou a Instituição Cultural Beneficente Alvorada, mantendo cursos de Filosofia Univérsica e Filosofia do Evangelho em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia. Também dirigia em Jundiaí-SP o *Ashram* Cosmorama, que também o chamava de Casa de Retiro Espiritual, criado com a finalidade de iniciar o homem na consciência da sua realidade interna e eterna, porém, sem nenhuma adoção de filosofia que toma como base pessoas, escolas ou sistemas de pensamento, sendo guiada pela Constituição Cósmica do Universo, por considerar que as leis que atuam no macrocosmo são as mesmas que atuam no microcosmo hominal (ROHDEN, 1962, Vol.1).

Escute! A Alvorada existe no mundo inteiro, em todos os 05 continentes do globo, com outro nome, mas com a mesmíssima orientação, o mesmo espírito universal – isso é o que nós temos.

Começou depois da primeira guerra mundial, depois da devastação da Europa pelo Kaiser e intensificou-se depois da 2ª guerra mundial, do Hitler, porque os povos europeus compreenderam pouco a pouco que nós precisamos criar uma mentalidade extrateológica, supraeclesiástica, que não basta pertencer a esta ou aquela igreja cristã e é preciso de uma coisa muito mais universal para melhorar a mentalidade humana e a vida humana.

Então se criaram em diversos países este movimento que não pertence a nenhuma igreja, que não pertence a nenhuma seita, que não se guia por nenhuma teologia propriamente, mas sim pela experiência direta de DEUS.

Na Alemanha eu conheci muito este movimento durante quatro anos com o nome de *Neugeist* (Novo Espírito); é um grande movimento, um movimento de iniciativa maravilhosa. Na Inglaterra se chama *New Outlook* (Nova Perspectiva); é a mesma ideia. Nos Estados Unidos se chama *New Thinking* (Novo Pensamento), mas é mais conhecido nos Estados Unidos como *Self-Realization* (Auto Realização). Esta palavra já veio da Índia e hoje inclusive nos Estados Unidos e nos outros países também. No Zen-Budismo do Japão também existe com o nome de *Seicho No Ie* (A Harmonia Universal). Mas infelizmente, aqui no Brasil, deturparam com pouco espírito do Japão como os outros, porque lá ele era rigorosamente místico, ético e vertical como as outras. Aqui recebeu um pouco de caráter social em vez de um caráter espiritual.

Eu introduzi este movimento no Brasil em 1952, quando eu voltei dos Estados Unidos, onde eu fazia parte da *Self-Realization*. Estive três anos lá com a *Self-Realization* de Washington, dirigida por um *Swami Premananda*, e muitas vezes eu mesmo dirigia as reuniões. Quando ele viajava, eu tinha que dirigir, então voltei dos Estados Unidos em 1951, e, em 1952, continuei aqui, este mesmo movimento mundial, que lá tem outros nomes, mas com o mesmo Espírito. Introduzi aqui com o nome de Alvorada, completamente seria Alvorada da Consciência Cósmica ou Alvorada da Nova Humanidade (ROHDEN,2016).

A obra educativa do Centro de Autorrealização Alvorada dividia-se em quatro segmentos:

1. Sua sede na cidade de São Paulo, onde eram ministrados cursos e horas de meditação;
2. O Ashran, situados a 70 quilômetros da capital, São Paulo, na cidade de Jundiá, onde eram ministrados periodicamente Retiros Espirituais de três dias completos;
3. A Editora Alvorada, para a difusão de livros e fitas cassetes reportando-se à Filosofia Univérsica; e,
4. Um grupo de alunos que trabalhava na consolidação da obra educacional no Estado de São Paulo e outros estados do Brasil. (SANTOS,1988)

Em 1969, Rohden empreendeu viagens de estudo e experiência espiritual no Egito, na Palestina e na Índia, onde realizou conferências com grupos de iogues, e onde as experiências serviram de combustível para o seu Livro *Minhas vivências na Palestina, Egito e Índia* (1971).

Em 1976, foi a Portugal convidado para ministrar curso de Filosofia do Evangelho e Filosofia Univérsica e fazer conferências sobre autoconhecimento e autorrealização, fundando em Lisboa um segmento da Alvorada.

Huberto Rohden faleceu em oito de outubro de 1981¹⁰, aos 87 anos de idade, deixando um exemplo de como ver e viver o Cristo em sua essência. Foi exemplo de quem optou pelo Evangelho à Teologia romana; pela ciência atômica e cosmonáutica à ciência medieval que se fingia de cega com os óculos do tomismo.

Demitiu-se da religião análoga ao corpo, para viver a alma do Cristo nos Evangelhos.

1.3. No tempo e no espaço

Filho de pais religiosos, assim que, ainda na infância, recebeu um convite do jesuíta adjunto na colônia alemã onde vivia no interior de Santa Catarina, para integrar uma turma que estava sendo preparada para um seminário no Rio Grande do Sul, não declinou o convite.

¹⁰ À zero hora.

No seminário, o escritor e editor já se manifestavam muito além do sacerdote em formação. As primeiras poesias, os primeiros escritos e as primeiras publicações enchiam-lhe de orgulho e prazer.

No seminário a Teologia, a Filosofia, a Moral e a Ética e o Direito Canônico, enfim, toda uma grade curricular a favorecer a formação de um “correto funcionário eclesiástico” (ROHDEN, 1962, Vol.1, p. 25), mas, nada disso o entusiasmava,

O único que estava insatisfeito comigo era eu mesmo, porque uma voz íntima, embora ainda muito débil nesse tempo, me dizia que não bastava ser um bom funcionário eclesiástico. Bastava, sim, para viver despreocupadamente, em paz com o meu bispo e em harmonia com os artigos e parágrafos do Direito Canônico; mas... havia algo além destas coisas, e este algo não me deixava sossegar... [...] o que, mais tarde, aconteceu não foi senão a paulatina clarificação desse obscuro sentimento de insatisfação que me minava a alma... (ROHDEN, 1962, Vol.1, p. 26).

Aceito na Ordem Companhia de Jesus, teve sua primeira experiência religiosa no chamado “retiro espiritual”, uma metodologia de desenvolvimento espiritual proposta por Inácio de Loyola, onde o noviço orientado por um membro da ordem torna-se recluso, exercendo as práticas do jejum e da meditação por um período de 30 dias, denominados de Exercícios Espirituais, na busca de viver a experiência mística que o fundador da ordem viveu em Manresa, às margens do Cardoner.

Na Europa formou-se em Ciências Naturais, Teologia e Filosofia nas universidades de *Innsbruks* (Áustria), *Valkenburg* (Holanda) e Nápoles (Itália). Naquela primeira, além de obter o título de doutor em filosofia, teve a oportunidade de participar de estudos sobre a parapsicologia com o mais renomado cientista do gênero à época, o que lhe propiciou importantíssimo legado para estudos posteriores.

Na Universidade de Innsbruck, onde eu cursava filosofia, era lente de cosmologia o insigne cientista jesuíta, Professor Aloísio Gatterer. Além dos fenômenos do macrocosmo, que julgamos conhecer, estudava ele

as forças ocultas do microcosmo humano, que ignoramos quase que por completo. Costumava nas férias, excursionar por diversos países da Europa, a serviço de pesquisas psíquicas e ocultistas. Nas férias da Páscoa de 1926, consegui licença do meu superior para acompanhar o Professor Gatterer numa dessas viagens de estudo. Começava a interessar-me vivamente por estes mistérios da Natureza. Acompanhava-nos ainda um jesuíta português, Raul Machado, que, nesse tempo, colaborava na revista científica “Brotéria”. (ROHDEN, 1962, Vol.1, p. 51).

Também, teve oportunidade de, mostrar sua vocação atlética, ao ser campeão de nado em resistência nas águas do Mediterrâneo.

De volta ao Brasil, decepcionado com seus superiores jesuíticos, decidiu voltar ao clero secular. Antes, porém, acatando conselhos desses mesmos superiores participou de um segundo “retiro espiritual”, sob a orientação do padre Arnzter que também o havia orientado no noviciado (ROHDEN, 1962, Vol.1).

Se a vivência mística, em Manresa, deu a Inácio de Loyola as bases para escrever os “exercícios espirituais”, Rohden, no Terciado obteve a bússola que direcionou o caminho a ser seguido.

Depois de explicar as dificuldades encontradas para assimilar o “Cristianismo e o Cristo dos Jesuítas”, foi aconselhado pelo próprio orientador a se demitir da Ordem Jesuítica e buscar o caminho que lhe desse o prazer de servir a Deus e ao próximo. Esse caminho era o de Paulo, o apóstolo de Tarso, que há muito pulsava inquietantemente dentro de seu peito.

Às portas de Damasco sou a hora do fiat lux para o feroz perseguidor de Cristo: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues?’... Saulo cai por terra – e rui por terra também o soberbo castelo da sua velha teologia judaica... Ruínas e escombros... Não ficou pedra sobre pedra... Tão intensa é a luz do céu que apaga todas as luzes da terra. Saulo está cego. Completa escuridão por espaço de três dias. É necessário que, por algum tempo, se cale a terra para que o céu possa falar... Neste tríduo de silêncio e de introspecção, procura Saulo orientar os seus pensamentos, no meio do incógnito universo que lhe despontou na alma. Quem és tu, Senhor?... Eu sou Jesus... Desde essa hora dramática, uma só ideia dominava a Paulo: Amar o Cristo conhecido, amado e servido de todos os homens (ROHDEN, 1981, p. 15 e 16).

Não teve Paulo um contato pessoal e físico com o Cristo, mas teve contato por meio de uma arrebatadora experiência mística; e, a partir de então, a intuição

crística veio a prevalecer, a ponto de afirmar que já não mais vivia, e sim, o Cristo é quem nele vivia (Gl 2: 20). A isso, ROHDEN (s/d-1) identifica como cristicidade.

O sufixo “dade” acrescido a um radical vem dar um sentido de vivência. Paulo vivia o Cristo Cósmico. Ele foi apóstolo, não do Jesus carnal, mas do Cristo Cósmico, que lhe apareceu às portas de Damasco. Paulo enxergou que Jesus de Nazaré era o veículo visível daquele Cristo Cósmico por ele vivido. Por isso, a acusação de ter introduzido no cristianismo um Cristo diferente; de apagar a humildade de Jesus Nazareno e fazer ascender um super-homem, muito próprio da literatura grega.

Huberto Rohden tomou Paulo de Tarso como exemplo e se dispôs a sair pelo país pregando o Evangelho, fazendo conferências, palestras, divulgando seus livros em todo o Brasil, o que lhe agraciou com o título de “Herói da Imprensa Católica no Brasil”.

É interessante observar que Rohden passou a servir ao catolicismo romano aproximadamente aos 10 anos de idade. Depois, como o apóstolo Paulo, dedicou 50% de sua existência como funcionário eclesiástico romano, e os outros 50%, difundindo o que chamou de Filosofia Cósmica ou Univérsica. Tratava-se de uma nova visão sobre os Evangelhos, sobre Cristo, sobre Jesus, sobre Deus, sobre o homem.

Assevera que, ao tomar conhecimento da matemática de Einstein, teve a convicção de que não poderia mais admitir que a filosofia fosse atrelada a escolas e pessoas; que a visão cristã continuasse atrelada ao monoteísmo teológico diante do monismo filosófico. Evidenciando afinidades entre a Matemática, Metafísica e Mística, lançou as bases para a Filosofia Univérsica ou Cósmica, tomando por base o universo.

A experiência, a vivência e o conhecimento oriental levaram-no a traduzir o *Bhagavad Gita*, um dos alicerces da filosofia religiosa hindu, levando-o a uma relação entre Hinduísmo e Cristianismo:

A filosofia oriental também admite três pessoas na Divindade suprema de Brahman, a saber: Brahma, Vishnu e Shiva. Mas, essas três pessoas não são indivíduos, e sim funções da divindade, que se revela

como Brahma, o Creador; como Vishnu, o Continuador, e como Shiva, o Consumador (ROHDEN, s/d-1, p. 67).

Na citação acima, Rohden escreve depois da expressão “filosofia oriental”, a palavra “também”, por enxergar semelhança com o cristianismo: “O Cristo é Deus, mas não é a Divindade, que Jesus designa com o nome de Pai: Eu e o Pai somos um, mas o Pai é maior do que eu” (ROHDEN, s/d-1, p. 25).

Uma discussão tem varado séculos: somente aqueles que creem em Cristo como seu salvador alcançarão a glória do Reino de Deus? Como ficariam os hindus, os budistas, enfim, os não cristãos?

Rohden abre o horizonte justificando da seguinte maneira:

Quando Jesus diz “ninguém vai ao Pai a não ser por mim” refere-se ele ao seu Cristo Cósmico, e não a seu Jesus humano. O Cristo Cósmico é único. Pode ter-se homificado muitas vezes – talvez em Moisés, em Buda, em Krishna, em Gandhi, e em muitos outros seres humanos. [...] O Cristo se homifica de acordo com a capacidade dos recipientes, e também de acordo com as necessidades de cada época e de cada povo. (ROHDEN, s/d-1, p.145).

Traduziu o livro sagrado chinês, *Tao Te King*, do filósofo Lao Tse, ao lado do Evangelho, traduzido do texto original grego com variantes da Vulgata; e, também, ao lado do texto original grego do *Bhagavad Gita*. Compôs em sua opinião a trilogia maior dos livros sagrados da humanidade: *Tao Te King*, *Evangelho* e *Bhagavad Gita*.

Com isso, oportunizou ao Ocidente, em especial aos brasileiros, acesso ao que há de mais importante em termos de literatura sagrada. Excetuou-se, neste contexto, o livro sagrado dos muçulmanos, O Corão.

1.4. Genética e ambiente

A árvore genealógica de um indivíduo corresponde à identificação histórica de seus antepassados. Ao traçá-la de maneira convencional, isto é, com base em pessoas, veremos que o indivíduo descende de seu pai e de sua mãe,

dos quatro avós, dos oito bisavós, e assim por diante, trazendo em seu DNA características físicas e comportamentais. Na formação de um indivíduo o gene não se contamina sexualmente. Por isso, a assertiva de que determinadas características ou comportamentos descendem de um dos pais, por consequência implica que elas vêm, de um dos quatro avós, de um dos oito bisavós, e assim por diante. A essa carga genética acrescenta-se o processo das relações sociais, no qual dois princípios são básicos: educação e instrução. A primeira está relacionada à criação de valores (internos), e a segunda, à introjeção de conhecimentos adjacentes (externos). Um indivíduo humano é, além da carga genética de seus pais, a influência trazida do ambiente.

Afirmado isso, tomando como referência o livro autobiográfico *Por um Ideal* (1962) para pintar o retrato de Huberto Rohden, as teclas de um computador formando palavras e frases substituíram pincéis e tintas buscando dar os contornos daquele que, como sacerdote, ficou conhecido como O Herói da Imprensa Católica no Brasil; e, como pensador, O Formulador da Filosofia Univérsica.

Dos pais, Johannes Rohden e Anna Lucks, herdou mais que os genes fenotípicos. Do pai, o gosto pelas longas viagens, desbravando sertões abrindo picadas no lombo de mula. Rohden, de avião, ônibus, caminhão, maria fumaça, automóvel, lombo de mular, carroça, percorria o Brasil levando a mensagem do Cristo expressa no Evangelho, acompanhada de livros, revistas, panfletos com mensagens cristãs. Estava no filho o instinto paterno de bandeirante, só abandonado com a fragilidade biológica da velhice. Mas como João Rohden, a falta de trabalho era a ausência de um elemento vital. Recebia carinhosamente em sua casa, já debilitado, os alunos e ex-alunos para palestras sobre a Filosofia Univérsica e do Evangelho, só deixando de fazê-lo quando a consciência esvaiu-se pelo espaço rumo à Divindade Cósmica. Antes de recolher-se, era costume de seu pai ajoelhar-se aos pés da cama para suas orações, e ali este, foi encontrado morto ainda de joelhos, debruçado sobre a cama, com o rosto entre as mãos, em que segurava um crucifixo presenteado pelo filho. Rohden, após um longo período de internação em uma clínica naturista de São Paulo, em uma quietude divinal partiu deste mundo. De sua mãe, a herança foi o hábito da meditação espiritual; a necessidade de isolamento no interior de um templo por

longas horas. Diante daquele silêncio o esvaziamento. Os ouvidos deixam de ouvir; os olhos de ver; a boca de falar; o cérebro de pensar; o corpo de sentir. Nesse momento resta algo único, Deus. Esta é a maneira misteriosa como Ele invade o homem (ROHDEN, 2009).

Aquele menino que um dia teve seu viveiro de pássaros derrubado pelas aspas de um bovino forçado que colocou em liberdade toda sua coleção; que ao invés de colecionar borboletas alfinetadas numa tábua, caçava-as e depois de contemplá-las em sua beleza, soltava-as por não se interessar por coisas mortas; aquele menino da roça acostumado com a lida do gado e o trabalho da terra foi um dia chamado à casa paroquial pelo padre Johann Kloecker, de quem recebeu o convite para compor um grupo de meninos que deveriam ser preparados para o Colégio São José, em Pereci-Novo, no Estado do Rio Grande do Sul, onde os padres Jesuítas preparavam 60 alunos para o Seminário Maior de Porto Alegre que, depois, foi transferido para a cidade de São Leopoldo, no mesmo estado. Mais tarde chegou a confessar sua dívida para com esses padres, pois, sem eles talvez não tivesse chegado a conhecer as belezas do cristianismo. Todavia, fazia uma ressalva de que eles jamais aprovaram a experiência dessa grandeza cristã.

Na formação jesuítica o noviço é submetido a um “retiro espiritual” orientado pelo prazo de 30 dias. Sobre essa prática (ROHDEN, 1962, Vol.1) afirma que aquele que não passou por ela, não tem ideia da proposta de Inácio de Loyola de sua experiência mística vivida em Manresa; nem pode entender o poder e a influência que essa ordem exerce sobre a Igreja católica romana. São momentos em que são dadas oportunidades de contato pessoal com a Suprema Realidade Universal. Foi de tamanha importância para a sua vida que chegou a afirmar que todos os seus estudos de ginásio, seminário e universidade de 16 anos, sob os auspícios jesuíticos, não equivaleram às duas vezes em que esteve sob a orientação do padre Leopoldo Arntzem, em comunhão com Deus, uma durante o Noviciado e outra durante o Terciado. Ali aprendeu a viver o Cristo e ser vivido por Ele. Acusa não ter sido o resto de sua vida senão uma boa consequência dessa comunhão.

Rohden (1962, Vol.1) nos lega informações extraordinárias, como por exemplo, de que o Terciado Jesuítico que ocorre após o término dos estudos filosófico-teológicos. É uma espécie de banho espiritual purificando o noviço dos micróbios de racionalismo ou mundanismo que se tenham prendido a ele pelo tirocínio científico. Isso o firma no mundo do espírito. Uma leitura crítica a essa atitude não é outra senão a petrificação no futuro jesuíta, do escolasticismo medievo, em uma consciência de que a religião termina onde começa a ciência que autonomiza o homem.

O autor relatou que, ao final do retiro espiritual, o retirante deve prestar contas em uma espécie de confissão fora do confessionário ao diretor espiritual (Rohden, 1962, Vol. 1). Confessou que sua ideia sobre o Cristo não era a mesma dos jesuítas. Viu-se diante de um dilema: ser um bom jesuíta sacrificando suas experiências íntimas com o Cristo, ou ser um mau Jesuíta. Foi então que recebeu de seu superior a orientação no sentido de pedir demissão da Ordem Jesuítica e voltar ao clero secular (RODHEN, 1962, Vol.1).

Pregar o Evangelho é preciso, mas mais ainda, é preciso vivê-lo. Viver o Evangelho é viver o Cristo. E viver o Cristo é cristicidade. Na cidade de Florianópolis, o então cura de sua catedral e vigário geral do bispado, era um monsenhor chamado Francisco Topp. Rohden era seu coadjutor. Monsenhor Topp tinha o costume de levar o Evangelho às capelas espalhadas pela ilha. Numa dessas visitas, já próximo do encerramento, apareceu-lhe uma senhora ofegante pedindo-lhe comunhão. Ele então perguntou se ela estava em jejum. Titubeou, mas acabou afirmando que em jejum, jejum propriamente, não. Mas justificou que vinha de longe, andando aproximadamente umas quatro horas, e que, ao atravessar um curso d'água, não se conteve e acabou se deliciando com o líquido sagrado. Com um sentimento de culpa pergunta ao velho monsenhor se poderia comungar assim mesmo. Padre Topp a respondeu com outra pergunta: Se Jesus estivesse em meu lugar, o que ele faria? Já mais descontraída a senhora respondeu: com certeza me atenderia. Ora, se Jesus a atenderia, quem era um padre para lhe impor preceitos teológicos? Feliz a senhora voltou para sua casa com o dever cristão cumprido. E assim, muitas outras histórias são narradas por conta da cristicidade do monsenhor que procurou vivenciar em si o Cristo.

Rohden (1962, Vol.1) declara ser a cristicidade presenciada na vida do monsenhor Topp; a excelsa comunhão com Deus, quando de seus retiros espirituais no seminário jesuíta, os alicerces de sua formação cristã.

Dá o testemunho de que desde o seu primeiro ano de apostolado, desejava seguir o exemplo do apóstolo Paulo de Tarso, como um bandeirante do Evangelho em terras brasileiras.

Paulo era um homem culto e colocou o seu saber a serviço do Evangelho. Na cidade de Atenas, na Grécia, defendeu o cristianismo perante os filósofos da sua época. Suas preleções na cidade de Éfeso acabaram por espalhar o cristianismo pela Ásia Menor. Dos 27 livros que compõem o Novo Testamento, 13 são considerados de sua autoria. Morreu decapitado em Roma, no ano de 67, por ordem do imperador Nero.

Alguns teólogos acusam-no de ter transformado o humilde Jesus de Nazaré em um super-homem redentor do mundo à semelhança dos heróis dos escritores gregos. É considerado por um segmento teórico como um falsificador da mensagem de Cristo; por outro, como bandeirante do Evangelho que estruturou o cristianismo entre gentios e romanos, daí o questionamento: paulinismo ou cristianismo? Os mais radicais chegam a duvidar de sua existência histórica, colocando-o como um personagem mitológico, assim como também expressam sobre Jesus.

Sob a inspiração de Paulo, Rohden criou o Movimento da Cruzada da Boa Imprensa, com sede em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, para seguir os passos do apóstolo, levando a evangelização ao interior do país. Chegou a elaborar um livro de 200 páginas, *Nosso Mestre* (1962- b), com a vida de Jesus Cristo acessível às crianças, com ilustrações elaboradas pelo pintor J. Carlos. Anteriormente, publicou o que chamava carinhosamente de livrinho, *Mistérios de Amor*, resumindo instruções aos neófitos comungantes.

No ano de 1937, Padre Tiago Way entregou-lhe 10 manuscritos sob o título de *Diários de Amor*, de uma jovem cearense falecida no ano anterior, de nome Irene Costa Lima Valente, para que Rohden escrevesse uma biografia daquela que havia sido sua orientanda espiritual. Um dia, no ano de 1938,

pegou-os numa gaveta e começou a lê-los, e de posse de um lápis vermelho marcava o que mais lhe impressionava naqueles escritos. Logo viu tratar-se de uma jovem com uma missão comparável à das grandes mulheres que se tornaram santas pela resignação do sofrimento em seus apostolados. Em determinado momento, Rohden pediu pela intercessão dessa virgem da terra de Iracema tal qual um devoto o faz em relação a sua santa de devoção. Não teve medo de afirmar que foi atendido, esclarecendo o pedido de intercessão e o resultado positivo do pedido. Os dez manuscritos serviram de combustível para o livro biográfico, *Irene – História singela duma florzinha eucarística do Ceará*, publicado em 1939, pela Cruzada da Boa Imprensa. Uma história de amor em Cristo e com Cristo.

Assim que chegou aos Estados Unidos da América, agraciado com uma bolsa de estudos para a Universidade de Princeton, conheceu Albert Einstein. Retrata-o como um homem solitário, taciturno, cabeleireira desgrenhada, barba por fazer, sapatos sem meia, envolto num manto cinzento, a gravata servindo-lhe de cinto, olhar longínquo tal qual o da esfinge que impressionou Napoleão Bonaparte, vizinha às Pirâmides de Gizé, no Egito. Um homem cujo corpo vivia na terra, mas com a mente vagando pelas remotas plagas do Cosmos. Escreveu que, depois de ter conhecido a matemática de Einstein chegou à conclusão de que a filosofia não podia mais ser apresentada nos moldes tradicionais de escolas perenes, sistemas e pessoas. Para Rohden (2009), o monismo físico da ciência não podia deixar de ter o seu paralelo no monismo da filosofia e da religião cristianista.

Em Chardin (1965), mais precisamente no livro *O Fenômeno Humano*, identificou-se com o processo evolutivo do homem descrito como iniciado na *hilosfera*, zona da matéria; passando pela *biosfera*, zona da vida; pela *noosfera*, zona da inteligência (que é analítica); seguindo rumo à *logosfera*, zona da razão espiritual (que é intuitiva). Essa viagem, segundo Chardin (1965), parte do ponto alfa para o ponto ômega, onde se deu a cristificação humana; onde o Verbo se fez carne e habitou entre nós, com a potencialidade de também habitar em nós pela autorredenção, atingindo o estágio superior da evolução do universo o ponto ômega: a Divindade manifestada por Deus em Jesus de Nazaré, com

potencialidade a todos os homens, para que venha existir um só Céu e uma só Terra.

Assim, a genética somou-se ao ambiente e legou ao mundo o educador e filósofo Huberto Rohden: um servidor na humanidade.

1.5. Cosmorama: a utopia rohdiana

A palavra utopia nos remete de imediato a um lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos. Qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem estar da coletividade. Remete-nos também à obra homônima de Thomas Morus (2011), descrita pela livraria Saraiva, como:

...Uma afastada ilha do continente europeu que acolhe uma sociedade imaginária ideal, inatingível, sem diferenças, que traduz um estado de bem-estar dos seres humanos. Nesta obra, o autor faz uma crítica fundamentada contra os males econômicos e políticos de seu tempo, e faz um apelo à volta a uma sociedade equilibrada e pacífica (A UTOPIA, 2016I).

Em Rohden, usamos a palavra utopia para designar o conteúdo contido em sua obra *Cosmorama* (1990), na qual descreve um naufrágio e o despertar do naufrágio em uma Ilha afastada, em determinada zona do Oceano Pacífico, entre a Ásia e a América, invisível para os telúricos, com seus habitantes originários da Atlântida desaparecida, onde o naufrágio recebeu o nome de Delfos. A ilha é por ele descrita assim:

A Ilha Cosmorama é, geralmente, plana, cortada, porém, de numerosas colinas suavemente arredondadas. Há dois montes elevados, que, no inverno e boa parte da primavera, estão coroados de neves. Do monte do norte descem numerosos arroios, alguns dos quais confluem na planície, formando um rio de volume respeitável. Também ao sopé do monte do sul, brotam diversas nascentes, mas que demandam o oceano separadamente, irrigando vastas baixadas cobertas de cultura de todo o gênero. Os Cósmicos – é assim que os

habitantes se apelidam a si mesmos – vivem, principalmente da agricultura, sem serem vegetarianos absolutos. Alimentam-se também de ovos, leite, queijo e outros produtos animais, que não exijam destruição da vida. Essa abstenção de carnes obedece mais a um apurado instinto biológico-sanitário do que a princípios ético-religiosos. O culto religioso dos Cósmicos vai sempre de mãos dadas como os eventos naturais.

Eles sabem instintivamente que há muitos deuses, mas uma só Divindade, que se revela de muitos modos; sabem que o Criador transcende todas as suas criaturas, mas sabem também que ele está imanente em cada uma delas, porque todas as coisas do mundo existem, vivem, sentem, pensam e amam a Divindade. Entre eles é tão impossível o panteísmo, que nega a transcendência para afirmar somente a imanência de Deus no mundo, como impossível é o dualismo (ou pluralismo), que afirma a transcendência e nega a imanência do Criador em suas criaturas. Os Cósmicos professam tanto a transcendência como a imanência de Deus, e isto confere à religiosidade deles algo de longínquo, misterioso e terrífico, inspirado na infinita transcendência da Divindade – e ao mesmo tempo algo de propínquo, afetivo e familiar, inerente ao sentimento da imanência de Deus. Não pode haver religiosidade profunda e deliciosa sem esse senso de distância e de proximidade, sem esse quê de majestade e esse quê de intimidade, sem esse sentimento terrífico do infinito Além-de-fora e esse sentir benéfico do Infinito Aquém de dentro. Deus é Senhor e Amigo, o grande Tu de fora e o querido Eu de dentro. (ROHDEN, 1990, p. 79 - 80).

O naufrago descreve que o que mais lhe chamou a atenção foi a ausência de governo em Cosmorama. Não havia presidente, governador, prefeito, polícia, advogados, juízes. Não se tratava de um Anarquismo, “doutrina segundo a qual o indivíduo é a única realidade, que deve ser absolutamente livre e qualquer restrição que lhe seja imposta é ilegítima; de onde a ilegitimidade do Estado” (ABBAGNANO, 1998, p. 59), e sim, de Cosmocracia,

o governo do homem pelas leis do cosmos. A Constituição do Universo de fora é a mesma que a Constituição do Universo de dentro. As mesmas leis que regem o grande Além-sideral devem reger também o grande Além-humano (ROHDEN, 1960, p. 122).

Curioso, pergunta o naufrago se eles tinham algum livro de estatuto ou regulamento. A resposta veio em uma frase: “Amarás o teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças – e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (ROHDEN, 1960, p. 130).

Como amar o próximo como a si mesmo, sem primeiro amar a si próprio?

O autor justifica a obra afirmando que só depois desse grande naufrágio nas águas de algum oceano, compreende esse homem agora regenerado por que naufragar é preciso.

Só depois desse naufrágio do ego humano e desse salvamento pelo Eu divino é que o homem, redento de todas as suas velhas (ir)redenções, pode se tornar um redentor para seus semelhantes e conduzi-los ao reino de Deus”(ROHDEN, 1960, p. 148).

Ao seu modo, Rohden usa de uma história expressa em 163 páginas para dizer da importância da morte do homem velho para ressurgir dela o homem novo:

Toda a vida de Paulo eclipsa praticamente essa ideia de alo-redenção. A sua vida é uma verdadeira apoteose de autorredenção, uma redenção pelo Cristo cósmico, e não pelo Jesus humano, tanto assim que ele confessa: Eu morro todos os dias, e é por isso que eu vivo; mas não sou eu que vivo, o Cristo vive em mim... O meu viver é o Cristo (ROHDEN, 1981, p. 16).

Cosmorama foi o nome dado por Rohden ao *Ashram* de Jundiáí - São Paulo, do qual era orientador. Por outro lado, o náufrago aportado em Cosmorama recebeu o nome de Delfos. As expressões Além de fora e Aquém de dentro recebem atenção. E com razão de ser. Na literatura espírita, na década de 1980 e 1990, foram publicadas três obras ditadas pelo espírito que se identificou como Delfos, psicografadas pelo médium Luiz Antônio Millecco, publicadas pela Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, no Rio de Janeiro. Trata-se de *Reflexões no meu além de fora* (1989); *Meu além de dentro e de fora* (1990); e, *O canto da vida* (1996). O espírito de Delfos é identificado pelo médium Luiz Antônio Millecco como o nome que o filósofo Huberto Rohden adotou no plano espiritual, por conseguinte, como outros espíritos, encontra-se falando a Terra através da mediunidade. Houve a princípio algumas contestações, inclusive pela forma como a psicografia era praticada. Segundo o médium, que era deficiente visual, à noite, era levado à presença do espírito de Delfos, que lhe passava a mensagem por meio do fenômeno mediúnico de bilocação ou desdobramento. Depois, o médium ditava a mensagem à sua secretária. Além

desses três livros, não se tem notícias de outros mais. Atribui-se o cessar dessa comunicação ao desencarne do médium psicógrafo.

O vocabulário de Delfos nos remete a Rohden em alguns termos e palavras muito usadas pelo filósofo. Reproduziremos aqui a apresentação na obra *Meu além de dentro e de fora*, pelo espírito Delfos.

Ignoto Amigo,
Das profundezas e mistérios do além de fora volto a ti.
Não me creias um duende, um fantasma, um egresso da Natureza para o sobrenatural.
Não!... Sou eu mesmo, intacto e renascido com idêntica sede do Infinito.
Antes de abandonar meu corpo de carne, não me eram dados contatos com o além de fora. É verdade que, por vezes, tinha com ele alguns “flertes” mais ou menos “clandestinos”. Minhas aspirações espirituais estavam, invariavelmente, voltadas para o meu além de dentro.
Eis, porém, que a irmã Morte, serena e inflexível, houve por bem visitar-me e submeter-me à sua cirurgia.
Graças a ela, eis-me neste “outro mundo”, que só é “outro” para quem ainda não compreendeu que o Universo é um só, em múltiplas dimensões.
Tão logo cheguei a estas plagas, meus dois aléns, o de dentro e o de fora, como que se interpenetraram e não mais me foi possível distinguir um do outro. Também, como poderia eu separar-me, de maneira absoluta, de um mundo que é, em grande parte, uma porção de mim mesmo?
Agora quero dividir contigo minhas experiências e perplexidades. Quero que saibas que, se pude confirmar aqui o que centralmente havia descoberto aí, também tive que reformular muito das minhas “verdades” mais ou menos “definitivas”.
Convido-te a empreendermos juntos, uma viagem por esse país que, embora tão antigo, é sempre novo, a cada vez que nos despojamos de uma veste física.
Se frequentaste as minhas aulas, é provável que te decepciones aqui e ali com o antigo “mestre”. Será ótimo que assim seja. Compreenderás, então, que não cheguei nem mesmo a ser o professor, conforme supunhas.
Se apenas me leste, terás confirmadas algumas das minhas teorias e abandonadas outras, porque a morte não me despojou apenas de meu invólucro físico, desembaraçou-me, também, de algumas teias com que arditamente me prendia o meu ego mental e emocional.
DELFO (MILLECCO, 1990, p. 9 - 10).

No do livro *O Canto da Vida*, em seu prefácio, escreve Millecco:

Enquanto se espera uma oportunidade melhor¹¹ Delfos proporcionamos a alegria de transmitir uma série de comentários sobre a obra “Luz no caminho”, da autoria espiritual de Hilarião, através da mediunidade de Mabel Collins. Tal satisfação se justifica, já que “Luz no Caminho” foi um verdadeiro divisor de águas do médium. Obra mediúnica, embora oriunda do movimento teosófico, “Luz no caminho” avança conceitos que, se levados a sério, aceleram a evolução espiritual de quem os absorve e de quem os vive (MILLECCO, 1996, p.9).

Outro esclarecimento importante trazido pela A SPIRITA ELDONA SOCIETO F. V. LORENZ

Delfos, oportuno recordar também, é pseudônimo de um filósofo que, em sua última encarnação, nasceu no Brasil. Alcançou renome em todo o mundo, legando à posteridade uma das mais belas obras com o resultado de seus aprofundados estudos sobre a Vida (1996, p. 7).

Embora os livros atribuídos a Delfos estivessem presentes nas prateleiras das livrarias espíritas pelo Brasil, o movimento espírita brasileiro, de certa forma, contrariava-se. Não deu a Millecco Filho a credibilidade fiadora outorgada aos médiuns psicógrafos do movimento, que se traduz em uma organização federativa congregando as associações espíritas com diretriz comum: a Doutrina Espírita codificada pelo pedagogo francês Allan Kardec entre 1857 e 1868. Doutrina esta “baseada nas evidências da sobrevivência da alma e da comunicação dos Espíritos com os homens, por meio da mediunidade” (PALHANO JR., 1999, p. 129).

Cranston escreve:

O espiritismo é rejeitado por muitas pessoas devido à sua associação com práticas estranhas, mas a palavra em si é inatacável. Ela significa apenas o oposto de materialismo, como HPB deixa claro em seu Glossário Teosófico (1997, p. 142).

ESPIRITISMO: em filosofia, um estado ou condição da mente oposta ao materialismo ou à concepção material das coisas. A teosofia é uma doutrina segundo a qual tudo o que existe é animado ou formado pela alma ou espírito universal, e nem o átomo no universo pode estar fora

¹¹ O médium Luiz Antônio Millecco Filho faz referência a uma obra em preparação para ser ditada pelo espírito Delfos sob o título de *O EVANGELHO do DESCONHECIDO*, mas em determinados momentos diversos fatores interferiram para que ela fosse adiada, inclusive, a necessidade de maior preparação por parte do médium.

desse princípio onipresente. Este é o puro espiritismo. Quanto à crença que acompanha esse nome, isto é, a crença numa constante comunicação entre vivos e mortos, seja através de poderes mediúnicos que tenhamos ou através dos chamados médiuns – isso nada mais é que a materialização do espírito e a degradação das almas humanas e divinas. Os que acreditam em tais comunicações estão simplesmente desonrando os mortos e fazendo um constante sacrilégio. Isso era chamado de “necromancia” nos dias de antigamente. Mas nossos espíritas modernos sentem-se ofendidos quando se diz esta simples verdade (CRANSTON, 1997, p. 142).

A justificativa da comunicação mediúnica entre Delfos e o médium Millecco Filho contestada pelo movimento espírita, se deveu, também, por ser editada por uma casa publicadora teosófica, todavia comercializada em todas as livrarias espíritas do Brasil.

1.6. Tomando perspectiva

Rohden formou-se teologicamente no catolicismo, foi acusado por seus pares de estar como sacerdote romano a serviço do protestantismo; e, após sua morte manifestou-se no espiritismo por meio da psicografia, passando assim, pelas três principais matizes do cristianismo no Brasil. Foi para os EUA, onde, com os conhecimentos adquiridos na ciência ocidental e oriental, formulou a Filosofia Univérsica, sendo então, de maneira errônea, identificado como teólogo da Nova Era.

Somente um homem com tamanha vivência e espiritualidade poderia vivenciar tamanhas rotulações, ao tempo em que, enxergava no homem a potencialidade crística como caminho para a sua universalização.

Teve a intuição dos grandes gênios nessa caminhada evolutiva do alfa ao ômega, teoria defendida por Pierre Teilhard de Chardin, ao anunciar que: “a intelectualização do instinto fez do homem um monstro de ganância e agressividade, cujas garras e dentes se aperfeiçoaram em forma de metralhadoras, bombas atômicas e aviões bombardeiro” (ROHDEN, 1978, p. 11). Também demonstra a sua intuição a afirmação de que na Renascença, utilizando-se de seu livre-arbítrio, o homem impôs, por meio de ideias e ações,

o grande erro agonizante: a confusão entre o fator ego e o fator Eu. Erro por ele explicado como sendo o deplorável desconhecimento ou menosprezo do Eu espiritual do homem. E arremata afirmando que e essa ignorância ou desprezo continuam até nossos dias. O resultado aí está: a celebração ao egoísmo (RODHEN, 1978).

2. JESUS CRISTO: A MAIS BELA DAS LENDAS OU A MAIS PURA DAS REALIDADES

Uma consulta, às 20h 42min do dia 27 de dezembro de 2015, no Google, por Jesus Cristo, obteve 25.700.000 registros. Um personagem que dizem ter nascido de uma virgem. Que teve como pai, Deus. De quem não se tem notícias de haver frequentado aulas convencionais de alfabetização. Que nada escreveu. Que falou pessoalmente a uma pequena região do planeta. Que contou com o apoio de 12 seguidores, a quem chamou de apóstolos. Que respeitou a mulher numa sociedade patriarcal. Que emprestou a data de seu nascimento para a divisão cronológica do tempo na história: antes e depois dele. Isso, em todas as nações, raças e credos. Para uns, Deus; para outros, mito.

Sua história começa muito antes de seu nascimento no Antigo Testamento, quando foi profetizado entre os Judeus que Deus enviaria o Messias para salvar o povo por ele escolhido para habitar a Terra. Depois, os Evangelhos e os livros sacros que compõem o Novo Testamento narram a história de um homem nascido na cidade de Belém, cujas notícias a ele associadas dizem que até os 12 anos trabalhou na carpintaria de seu pai, José. Depois, há um hiato até os 30 anos nas notícias, quando aparece assumindo-se como Cristo: o Messias prometido anunciado por João Batista, comprovando as profecias de antanho.

Nelci Silvério de Oliveira (2001), ao descrever o ambiente físico em que Jesus ensina a solidariedade com Deus, com o próximo e de cada homem consigo mesmo por meio do amor, afirma a nacionalidade de Jesus:

Lá naquele monte, JESUS sobe e se senta. Em torno dele os seus discípulos. Eis a postura clássica e típica de um mestre, em Israel. Formalmente, não há dúvida de que JESUS é um judeu, embora criado no país verde, fértil e florido da Galileia. Pensa e fala como Judeu. É um rabi como tantos outros, antes e depois dele. Quando ensina, o faz como um rabino, seja nas Sinagogas, quando lê e comenta uma passagem bíblica, seja alhures, quando profere um Discurso ou Sermão sobre um tema determinado. Para tanto, utiliza os mesmos recursos dos antigos profetas e dos doutores do seu tempo, tanto as palavras chave, como as frases fortes e paradoxais, bem como as expressões pitorescas e carregadas de um sentido claro e transparente para os ouvintes de sua época (OLIVEIRA, 2001, p. 4).

Jesus veio a um mundo marcado pelo binômio: monopólio da religiosidade judaica *versus* monopólio da exclusividade política. De um lado o povo hebreu a não considerar irmão o não circuncidado; de outro, os romanos a não considerarem irmão o não cidadão do império. Contudo, ele tornou-se um Mestre – aquele que ensina – tomando a humanidade como irmã.

2.1. Da cidade de Ur ao Estado de Israel: A saga do povo judeu

Souza (1980) diz que a história do povo judeu tem seu início por volta de 1700 a. C. quando Abraão saiu com sua tribo da cidade de Ur, na Caldeia, em direção ao outro lado do Rio Jordão. Ali se estabeleceu sob o regime patriarcal, no qual a sucessão advém por meio de um filho varão. Abraão era casado com Sara que sofria de esterilidade. A necessidade desse descendente gerou em Agar um filho que recebeu o nome de Ismael. Sentindo-se humilhada, Sara se colocou em oração à presença do Senhor a quem solicitou o direito à maternidade. Este, comiserado com a situação de sua serva concedeu-lhe o benefício da procriação, gerando Isaac. O nascimento do filho legítimo exigiu de Abraão uma posição em relação ao sucessor. Ismael era filho de uma escrava. Era filho bastardo, mesmo sendo o primogênito. Sua origem o levou à segregação em relação a Isaac. Ismael e Agar foram desligados da tribo de Abraão, dirigindo-se para a região da Arábia Feliz, onde vieram a dar origem aos árabes, unificados por meio do islamismo, fundado pelo profeta Maomé.

Jacó, filho de Isaac deu continuidade ao patriarcado, tendo um de seus filhos, José, sido vendido pelos irmãos para o Egito como escravo, designado a servir na residência do faraó. É interessante aqui registrar que José descendia da Mesopotâmia, onde a astrologia e a astronomia eram objetos de estudo por excelência. Quando o faraó preocupou-se com os sonhos foi-lhe sugerido que José os decifrasse, o que fez do serviçal uma pessoa de confiança do faraó, e então este transformou-o em grão-vizir.

Num período de grande dificuldade dos descendentes de Abraão na Palestina, os irmãos de José se dirigiram para o Egito, considerado à época o celeiro da humanidade, para adquirir víveres. José, compadecendo-se da dor de seu povo, levou-os para o Egito.

Não demorou muito para que Ramsés II avaliasse a relação de natalidade entre uma família egípcia e outra hebreia. Esta era mais que o dobro daquela. Iniciou-se então a perseguição e a escravização do povo hebreu que, sob a liderança de Moisés, saiu do Egito, rumo à Terra Prometida, fato histórico conhecido como Êxodo.

Durante 40 anos esse povo vagou pelo deserto a fim de que a geração influenciada pelo antropozoomorfismo desaparecesse, para que, o Deus de Moisés, prevalecesse. Deus este que, no Monte Sinai, outorgou ao líder o decálogo, conhecido como Os Dez Mandamentos, e as Leis cerimoniais e civis a serem observadas, a Torá.

Na Terra Prometida, o povo organizou-se em 12 tribos em homenagem aos filhos de Jacó, e, para melhor estratégia de defesa inauguraram a monarquia, onde Saul, Davi, Salomão e o profeta Samuel reinaram. Uma crise política levou as 12 tribos a se dividirem em dois reinos: ao norte o reino de Israel com a capital em Samaria, e ao sul, o reino de Judá com a capital em Jerusalém. No ano de 722 a. C., o reino do norte, Israel, deixou de existir sob o domínio dos assírios. De 587 a 539 a. C. ocorreu o cativeiro da Babilônia, quando o reino de Judá foi dominado por Nabucodonosor, o que os levou para as terras do conquistador, onde ficaram até a liberdade concedida pelo rei da Pérsia, Ciro, tão logo este conquistou a Babilônia. De volta à Terra Prometida, sendo a maioria pertencente à tribo de Judá, o povo passou a ser identificado como judeu, e sua religião, denominada de judaísmo, codificada pelo líder Moisés. A partir do ano 63 a. C. teve início a dominação romana, culminando no ano de 70 a. C. com a destruição do Templo de Jerusalém, quando ocorreu a diáspora, isto é, a dispersão dos judeus pelo mundo. Essa dispersão não se traduziu como um fato determinante a toda população. Houve aqueles que continuaram na Terra Prometida, também conhecida por Palestina, sob o domínio romano e, posteriormente, árabe e, então, inglês.

Vainer (1954) ao biografar Theodor Herzl, relata que no século XIX, na cidade de Semlin, Hungria, habitava uma comunidade israelita de origem espanhola, sefaradim, abrigando a respeitável família Herzl, que presenciou em 1848, quando do levante popular, os judeus declararem publicamente: “Somos magyars¹² e não judeus. Não pertencemos a nenhuma outra nacionalidade. Somos apenas um distinto grupo religioso. Nas demais formas de vida, porém, somos magyars, filhos de nossa pátria” (p. 6).

Naquela época viviam na Hungria mais de 200 mil Judeus. Essa declaração “era o caminho aberto para a assimilação total dos judeus húngaros, que, salvaguardando somente a religião judaica, procuraram granjear a sua emancipação por meio da assimilação” (VAINER, 1954, p. 6). Ao judeu da diáspora a pátria tornou-se o Estado de seu nascimento ou acolhimento. Judeu era aquele que professava o judaísmo.

Ao final daquele século uma onda de antissemitismo invadiu a França, como consequência do “Caso Dreyfus”. Tratava-se de um capitão do exército francês acusado de espionagem a favor da Alemanha, tomando por base uma perícia levada a efeito em um borderô utilizando-se como referência a caligrafia. Esta era a justificativa daqueles que o acusaram, processaram, degradaram. A verdade veio à tona depois. Tudo isso era uma armação para prejudicar o Capitão Dreyfus, por ele ser judeu.

Theodor Herzl, descendente da família que lhe emprestou o sobrenome, da cidade de Semlin, na Hungria, então com 35 anos de idade, encaminhou uma correspondência, em 1895, para a *Neue Freie Presse*, a quem servia de correspondente em Paris, num desabafo ao grito de morte aos judeus, entoado pelos franceses após o humilhante julgamento do Capitão Dreyfus pelos seus pares. Herzl também era judeu e como tal, despertou-se do sono de assimilação, retornando ao judaísmo. O Deus nacionalista de Moisés se fez presente. Eis a correspondência:

A degradação do Capitão Dreyfus, efetuada neste sombrio dia de inverno, no Campo da Academia Militar, atraiu ao local uma multidão

¹² Nação ou grupo étnico nativo associado à Hungria.

de curiosos. Estiveram presentes muitos oficiais, alguns deles acompanhados de damas. Somente oficiais do exército e alguns jornalistas foram admitidos no Campo da Academia. Da parte de fora, aglomeravam-se aquela turba mórbida que sempre ocorre à execução dum condenado. Estavam de serviço numerosos agentes de polícia. Às nove da manhã, o vasto campo de parada estava repleto com um destacamento de tropas, formado em quadrado, - 5.000 homens ao todo. No meio, encontrava-se um general a cavalo. Alguns minutos depois das nove, Dreyfus foi conduzido ao local. Trajava o seu uniforme de capitão. Quatro homens conduziram-no à presença do general. Este, dirigindo-se-lhe, exclamou: _ “Alfred Dreyfus! O senhor é indigno da carreira das armas. Em nome da República Francesa eu o degraço. Seja executada a sentença!”. Dreyfus ergueu o braço direito, exclamando: “Declaro e juro solenemente que V. S., meu general, degrada um inocente. Vive la France!”. Soaram os tambores. O oficial encarregado de executar a sentença arrancou do uniforme do condenado os botões e galões que, para esse fim, já tinham sido desapertados. Dreyfus mostrou-se intrépido. Dentro de alguns minutos, estava terminada esta parte da cerimônia.

O condenado passou, em seguida, diante das tropas. Marchou ao longo das fileiras, como um homem que se sabe inocente. Passou em frente dum grupo de oficiais que lhe gritaram: “Judas Traidor!”. Em seguida, algemaram-no e entregaram-no aos guardas. A partir desse momento, foi considerado preso civil e tratado como tal. Os guardas retiraram-se conduzindo Dreyfus, e as tropas, desfilando, abandonaram o local. Desejosa de assistir à passagem do condenado, a turba exacerbada aglomerou-se junto ao portão, soltando gritos furibundos: “Trazei-o aqui, que queremos cortá-lo em pedaços”. Mas esperaram em vão. Uma excitação curiosa reinava por entre aqueles que assistiam de perto à cerimônia da degradação. A atitude singularmente resoluta produziu neles uma impressão profunda.

Para que o quadro da cerimônia fique completo, cumpre-me acrescentar que Dreyfus, ao marchar diante das tropas, entre as quais se encontravam numerosos recrutas, não cessou de exclamar: “Sou inocente”. Ao passar perto dum grupo de jornalistas, deteve-se por um momento, declarando: “Dizei a toda França que sou inocente!”. Alguns dos jornalistas retorquiram com insultos. Aqueles de entre a multidão que, da parte de fora, conseguiram entrever a cerimônia, gritavam continuamente: “Morte ao Traidor!” (HERLZ apud VAINER, 1954, p. 11 - 12).

A condenação do capitão Dreyfus foi entendida por Theodor Herzl como o desejo da maioria dos franceses em condenar um judeu. O grito “morte aos judeus”, carregado de ódio, dado pela população quando da degradação ao Capitão Dreyfus, foi por ele entendido, implicitamente, como direcionado a todos os judeus. “O povo francês ou, pelo menos, a maioria do povo francês, não queria mais reconhecer aos judeus os direitos do homem. O édito da grande revolução havia sido revogado” (VAINER, 1954, p.13). Trata-se da Revolução Francesa que emancipou politicamente o homem, dando a ele os direitos de cidadania.

Esse episódio fez florescer em Herzl a ideia de buscar uma solução para a questão judaica. Diferentemente do que pregou Bruno Bauer na Alemanha, Herzl enxergou que a solução seria por meio da criação de um Estado judeu para justificar a nacionalidade. Foi então que começou a escrever o livro “*O Estado Judeu*”. No seu diário íntimo, escreveu, a 16 de julho de 1865: “Creio que para mim acabou a vida e começou a História” (HERLZ, 1957). O livro propõe a criação de um lar nacional judeu na antiga Palestina.

Com o I Congresso Sionista em 1897, deu-se início à construção desse lar nacional judeu, pregado por Theodor Herzl, por meio da decisão de criação de um estado independente para os judeus na Palestina. Sob a orientação do Movimento Sionista, judeus do mundo todo começaram a adquirir propriedades na região.

Em 1917, foi enviada uma carta do secretário britânico para assuntos estrangeiros, Arthur James Balfour, dirigida ao Barão de Rothschild, líder da comunidade judaica no Reino Unido, para ser transmitida à Federação Sionista da Grã-Bretanha. O governo britânico se propôs a facilitar a criação do Estado judeu na Palestina, caso a Inglaterra conseguisse derrotar o Império Otomano que dominava a região. Esta carta ficou conhecida como Declaração de Balfour, sancionada pela Liga das Nações em 1922.

No dia 14 de maio de 1948, nasceu o Estado Judeu, com o nome de Estado de Israel, cumprindo a profecia de Isaías 66:8 - “Quem já ouviu falar tal coisa? Quem viu uma coisa semelhante? Pode, acaso, nascer uma terra num só dia? Ou nasce uma nação de uma só vez? Pois Sião, antes que lhe viessem as dores, deu à luz aos seus filhos”¹³.

Aquele dia da semana era uma sexta-feira. O relógio marcava 16 horas. Poucas eram as horas que faltavam para o fim do mandato britânico na região, quando David Ben Gurion leu a Declaração do Estabelecimento do Estado de Israel, transformando o dia 14 de maio de 1948, para aqueles que creem, numa evidência de que Jeová, o Deus de Israel, existe. A profecia de Isaías estava cumprida. O povo judeu deixava de ser somente uma nação para, com esse

¹³ BS – tradução de João Ferreira de Almeida. SBBB. Brasília, 1969.

espaço físico, tornar-se um Estado, o Estado de Israel. Jesus de Nazaré, a partir de então, passou a ter direito a uma nacionalidade, a judia.

2.2. Da Lei à Graça

Religião é um conjunto de ideias ensinadas ao longo da história, sem que aquele que aprende e que é preparado para ensiná-las e as ensina, tenha razões óbvias entusiasmar-se. Isso aconteceu com Rohden.

Saí do Seminário com muita bagagem escolástica, mas sem nenhum entusiasmo pelo reino de Deus; estava perfeitamente aparelhado para ser um correto funcionário eclesiástico, conhecedor do latim, do escolasticismo medieval, da teologia dogmática e moral, do Direito Canônico, sofrivelmente versado na liturgia dos sacramentos e na celebração da Missa, para poder encarar, sem ingratas surpresas, o meu futuro econômico e social, dentro do grande mecanismo eclesiástico de que a ordenação sacerdotal me fizera parte integrante (ROHDEN. Vol.1, 1962, p. 25 - 26).

Religião é uma expressão com teologia própria, trabalhada num ambiente físico chamado Igreja. Esta por sua vez, é uma pessoa jurídica com CNPJ. Como qualquer outra empresa contrata em regime celetista¹⁴, funcionários eclesiásticos, para levar aos fiéis os ensinamentos teológicos concernentes.

Na sociologia da religião, Weber fez diversas distinções, como a que existe entre culto e magia. A razão exige deuses universais, e a sistematização da religião é feita por um corpo profissional de sacerdotes ou pelo esforço de leigo que estabelecem uma ordem racional. O culto é realizado por esses funcionários profissionais, os "sacerdotes", que por meio da veneração influenciam os deuses. A magia é uma forma de "forçar" os poderes espirituais a cumprirem a vontade particular do mago praticante. Para que haja racionalização das ideias metafísicas, é necessário o corpo profissional (sacerdotes) da religião (DIAS, 2012, p. 89).

¹⁴ Referente, no Brasil, ao regime da Consolidação das Leis trabalhistas.

Se, por um lado, Weber justifica a necessidade desse correto funcionário eclesiástico ao qual a instituição irá garantir o futuro econômico e social, como se refere Rohden, por outro, essa necessidade não pode diminuir a credibilidade da religião desconsiderando toda uma construção ética e moral ao longo da história, ou seja, não pode constituir uma justificativa para não se ter religião.

Para Comtte-Spoville (2009), não ter religião não é motivo para renúncia de uma vida espiritual. Para ele falar de uma espiritualidade sem Deus é tocar em imensas espiritualidades que não eram ou não são religiões. Usa a palavra mística, que denota mistério e um silêncio. E neste mistério do qual faz parte a espiritualidade tem-se uma experiência do desconhecido. “A religião da humanidade do futuro – escreveu o grande iniciado Radha Krishna, antigo vice-presidente da Índia! – será a mística”, isto é, o autoconhecimento e a autorrealização (ROHDEN, 2013, p. 97), que na Filosofia Univérsica formulada por Rohden, trata-se do processo da cosmoficação do homem.

Neste contexto, Penzo (1988), fala da veiculação de *Assim falou Zaratustra*, considerada um novo evangelho, obra inacabada, pois duas partes não foram publicadas. Mesmo assim, conforme Penzo (1998), esta foi considerada a mais significativa para penetrar no pensamento de Nietzsche, todavia há algumas contestações. Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche destaca a necessidade do anúncio do super-homem. Zaratustra, personagem principal, proclama a falência da civilização e o nascimento de uma nova era. Anuncia que o homem deve superar a si mesmo, à sua potencialidade negada. O velho homem, enclausurado no seu pessimismo e ilusão deve ser substituído pelo novo. O nada entendido em sentido positivo se resolve como o horizonte do sagrado, assevera Penzo (1998). Essa dimensão “super” indica a abertura para a transcendência, para o sagrado. Isto nada mais é do que a própria vontade de poder. Para Rohden “A fascinação que sentimos em face do Cristo é a visão do nosso próprio EU, se fosse plenamente realizado [...] Toda autofascinação do Cristo é uma autofascinação em ínfima potência” (1975). Não seria Jesus Nazareno, veículo visível do Cristo Cósmico, o Verbo que se fez carne por meio de Maria e que habitou entre nós, o super-homem de Nietzsche?

O judaísmo como religião nasce da necessidade de Moisés conduzir o povo judeu do Egito para a Terra Prometida.

Moisés sabia que, com aquela gente acovardada e acostumada ao azorrague, não conseguiria levar a cabo as conquistas que tinha em mente realizar. Tanto que já a caminho da “terra prometida” se deparara com a triste realidade há muito tempo esperada: a de não poder com sua gente empreender a luta armada contra os nativos da região, pois os doze homens escolhidos para espionar as possibilidades do inimigo, dez voltaram apavorados a desencorajar a comunidade inteira. Então, buscara Moisés a solução extremada, mas única e viável: destruir grande parte daquela massa humana acovardada, levantando da descendência dela uma nova estirpe a vibrar em uníssono com os mesmos ideais de liberdade e conquista... E a “voz” de Javé ecoou forte, incontestemente: “Mudai de rumo, voltai para o deserto pelo caminho do Mar Vermelho” - Nú 14: 25, (PACHECO, 2004, p. 68).

O percurso do Egito até a Terra Prometida durou 40 anos, tempo necessário para que a geração “acovardada e acostumada com o zorrague” desaparecesse no deserto, e a geração educada sob os preceitos de Moisés pudesse melhor se organizar socialmente na Palestina. O êxodo pariu para a história da humanidade como a luta dos oprimidos clamando por liberdade e justiça. Oprimidos liderados por Moisés, “o príncipe egípcio e pastor árabe” que “tornara-se um chefe trabalhista judeu. Foi o organizador do primeiro sindicato de pedreiros da História” (THOMAS, 1983, p. 42).

Ainda, segundo Henry Thomas, “os judeus que Moisés libertara constituíam uma tribo de homens brutos, belicosos e desorganizados” (THOMAS, 1983, p. 42), diferentemente do que afirma PACHECO (2004).

Para organizá-los politicamente, foi necessário um Código de Leis, o Decálogo, que para Félicien Challaye (1981), é uma bela página da literatura religiosa:

Eu sou lavé, teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim.
Não criarás ídolo, nem imagem de coisas que estão no alto dos céus ou aqui embaixo na terra ou nas águas debaixo da terra. Não te postergarás diante deles e não os adorarás, porque eu lavé teu Deus,

sou um Deus zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até as terceira e quarta gerações, e que usa de misericórdia, até mil gerações, com aqueles que me amam e que observam meus mandamentos.

Não tomarás o nome de lavé teu Deus em vão, porque lavé não deixa sem punição aquele que tomar em vão o nome de Deus.

Observe o dia de sábado para santificá-lo. Trabalharás durante seis dias e farás neles todo teu trabalho, mas o sétimo dia é um dia de repouso consagrado a lavé teu Deus; nele não terás obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua serviçal, nem teu boi nem teu asno, nem qualquer de teus animais nem o peregrino que está dentro de tuas portas, porque em seis dias lavé fez os céus, a terra, o mar e tudo quanto nele existe e repousou no sétimo dia; eis porque lavé abençoou e santificou o sétimo dia.

Honra teu pai e tua mãe, a fim de que vivas bastante tempo sobre a terra que lavé teu Deus te dará.

Não matarás.

Não cometerás adultério.

Não furtarás.

Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo.

Não cobiçarás a casa de teu próximo.

Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem seu escravo, nem sua serviçal, nem seu boi, nem seu burro, nem nada que lhe pertença (CHALLAYE, 1981, p. 152).

Moisés não adentra a terra prometida, morre fora dela. Para Jean-Louis-Ska (2015),

Moisés é uma figura que pertence ao deserto, não à terra prometida [...] Moisés não é um rei. Não funda uma dinastia, não tem um exército ou uma guarda, não traz algum símbolo da monarquia, cetro ou coroa, não tem palácio ou trono. Moisés é um profeta (SKA, 2015, p. 56).

Os profetas de Israel anunciaram a vinda de um Messias, que foi identificado como sendo Jesus de Nazaré. Assim que este completou 30 anos de idade, foi por João Batista anunciado quando de sua imersão no Rio Jordão. O judaísmo não o tem como o Messias, trata-o como um profeta tal qual o islamismo. Marty (2014) assim refere-se a esse fato:

O cristianismo, como seu ancestral, o judaísmo, e seu primo, o islamismo, são ferozmente devotados ao Deus único. Ao contrário das outras duas principais crenças monoteístas, ou dedicadas ao Deus Único, essa é a única que dá testemunho e advoga a fé na figura humana da qual advém o nome. Judeus e muçulmanos não concederam o estatuto divino a figuras primordiais como Moisés e Maomé, mas para os cristãos, Jesus Cristo é diferente (MARTY, 2014, p. 10).

“Yeshuanismo” ou “Jesuismo” seriam nomes naturais para uma cultura e comunidade global devotada a Yeshua, ou a Jesus de Nazaré, dependendo se o batismo da crença favorecesse o nome hebraico ou latinizado. A designação, no entanto, é “cristianismo”, e sua forma comunal não é a Igreja de Jesus, mas Igreja Cristã. Tampouco Cristo é o último nome deste Jesus, mas uma tradução da palavra hebraica ou aramaica messias, que significa “ungido”, e se refere a alguém nomeado para uma função específica. Negligenciar ou obscurecer o significado do título Cristo aplicado a Jesus, O rabino de Nazaré, é desviar-se do ponto dos primeiros escritos sobre ele e distorcer a linha histórica desde então (MARTY, 2014, p. 21).

Jesus Cristo escolheu 12 discípulos para acompanhá-lo na sua jornada terrestre. Com a sua morte, esses seguidores deram continuidade às suas pregações. Ficaram conhecidos como cristãos, levando como ideologia religiosa o cristianismo. Com a adesão de Paulo de Tarso, a expansão da doutrina de Cristo ultrapassou as fronteiras judias, indo para a Ásia Menor, a Grécia e Roma, posteriormente alcançando todo o Ocidente por inteiro. Vale ressaltar que, ao reconhecer as Epístolas de Paulo como livros sagrados em igualdade com os livros do Antigo Testamento, Pedro legitima Paulo de Tarso que, associando-se a outros historiadores, compôs 66 livros separados, 1.189 capítulos e milhares de palavras. Segundo Paul Kent (2014), esses livros, capítulos, versículos historiografam desde o momento “no qual Deus cria os seres humanos, até o último capítulo do Apocalipse no qual Deus faz o convite ‘e todo aquele que tiver sede que venha; e aquele que desejar, que tenha de graça da água e da vida’ (Ap 22,17)”. A esse conjunto de livros foi dado o nome de Bíblia, palavra grega que significa “livros”. Para Storniolo e Balancin, “a Bíblia, biblioteca do povo de Deus, converge para um centro que ilumina o passado e o futuro: o mistério pascal de Jesus – sua encarnação, atividade, paixão, morte e ressurreição” (1986, p. 15).

Sobre a confiabilidade histórico-testamentária, Flávio Josefo escreve:

E a maneira como, tenazmente, temos nos apegado a esses livros da nossa própria nação fica evidente através daquilo que fazemos; pois durante as tantas eras que já têm passado ninguém foi tão audaz ao ponto de acrescentar alguma coisa aos livros ou de retirar alguma coisa; mas torna-se natural a todos os judeus, sendo algo espontâneo

que ocorre desde o próprio nascimento, considerar que esses livros contêm doutrinas divinas, perseverar nelas e estar disposto a, caso necessário, morrer por elas. Pois não é novidade para nossos cativos, que são em grande número, serem frequentemente vistos suportando nas arenas todo tipo de torturas e mortes, a fim de não serem obrigados a pronunciar uma única palavra contra nossas leis e contra os registros que as contêm... (JOSEFO apud, McDOWELL, 1996, p. 37).

Livros contendo discrepâncias e anacronismos geográficos; que referenciam doutrinas divergentes daquela então aceita; de estilo destoante ao das escrituras inspiradas; sem autoridade profética foram chamados de apócrifos, por Jerônimo, que viveu no século IV da nossa era. Foram também refutados por Atanásio e Agostinho na composição do Cânon, que surgiu, segundo McDowell (1996), da necessidade da Igreja contrapor a três razões:

1. Um herege, Marcião (cerca de 140 A.D.), desenvolveu seu próprio cânon e começou a divulgá-lo. A igreja precisava contrabalançar essa influência decidindo qual era o verdadeiro cânon das Escrituras do Novo Testamento.
2. Muitas igrejas orientais estavam empregando nos cultos livros que eram claramente espúrios. Isso requeria uma decisão concernente ao cânon.
3. O edito de Diocleciano (303 AD) determinou a destruição dos livros sagrados dos cristãos. Quem desejava morrer por um simples livro religioso? Eles precisavam saber quais eram os verdadeiros livros (MCDOWELL, 1996, p. 41).

Aludindo a confiabilidade destes 27 textos que compõem o Novo Testamento, McDowell escreve:

Depois de tentar refutar a historicidade e a validade das Escrituras, cheguei à conclusão de que elas são historicamente confiáveis. Se alguém rejeitar a Bíblia alegando não poder confiar nela, terá então, que rejeitar quase toda a literatura da antiguidade (MCDOWELL, 1996, p.72).

Em Jesus de Nazaré e a crítica histórica, Oscar Algarve (1962) expressa uma posição oposta a Mc Dowell:

O ponto nevrálgico do meu ensaio crítico é a questão do valor dos Evangelhos como fontes históricas que permitam fazer luz sobre a pessoa do Nazareno como homem, suas características morais e filosóficas, etc. O meu objetivo central foi, pois provar a nulidade absoluta dos textos bíblicos, como documentos idôneos, capazes de orientarem os homens para um determinado fim, razão por que tem sido vão o esforço dos seus intérpretes ao tentarem definir tão misteriosa personagem através dos mesmos textos (ALGARVE, 1962, p.239).

Se o Antigo Testamento historiografa Israel, o povo que Deus escolheu para com ele celebrar uma aliança. Pode-se dizer que se trata da história de um povo; já o Novo Testamento anuncia a pessoa de Jesus Cristo, vaticinada pelos profetas daquele povo, e as consequências desse anúncio para os seguidores de Cristo. Para Meschler, S. J. (1939), “O Evangelho é uma escola onde quem quer se pode instruir. Tudo se pode aprender nele, até mesmo a arte das artes: a educação” (p. 39); e, para Ska (2015), poder-se-ia dizer o mesmo do Antigo Testamento, a Biblioteca do povo judeu.

Tanto na Biblioteca¹⁵ como na Escola¹⁶, seus livros e o ensino se prendem a testemunhos de fé, todavia, assentados de núcleos históricos, por dados arqueológicos, geográficos e históricos. Autores como: Werner Keller¹⁷, Van Loon¹⁸, G. S. Werner¹⁹, Rupert Furneaux²⁰, Sir Charles Marston²¹, Robert J. Hutchinson²², Juarez de Azevedo²³, têm publicado estudos sobre a Bíblia (Antigo e Novo Testamento), o que dá uma dimensão de como têm sido as respostas àqueles que a encaram como ficção, como os minimalistas, por exemplo. E outros como, McDowell²⁴, trabalham com análises sobre documentos históricos com a mesma finalidade: responder a escritores como Neil Asher Silberman, autor do livro *A Bíblia não tinha razão*, e outros.

¹⁵ Referência ao Antigo Testamento

¹⁶ Referência ao Novo Testamento

¹⁷ Autor de “*E a Bíblia Tinha razão*”, 1960.

¹⁸ Autor de “*A história da Bíblia*”, 1951.

¹⁹ Autor de “*A maravilhosa história da Bíblia*”, 1967.

²⁰ Autor de “*Grandes mistérios da humanidade*”, 1966.

²¹ Autor de “*A Bíblia disse a verdade*”, 1962.

²² Autor de “*Uma história politicamente correta da Bíblia*”, 2012.

²³ Autor de “*A Bíblia falou tá falado*”, 1984.

²⁴ Autor de “*Evidência que existe um veredito*”, 1996.

2.3. Jesus, o judeu

É comum personagens históricos impactantes serem questionados em suas existências. Homero, que poetou a *Ilíada* e a *Odisseia* é um deles. Incrível! Questiona-se um poeta que legou à humanidade dois clássicos da literatura, mas se aceita sem objeção um filósofo que nada deixou escrito, Sócrates, justificado pelo seu dileto discípulo Platão, que reproduziu seus pensamentos, e o interessante é que o mesmo não se aplica a Jesus de Nazaré com os seus discípulos e evangelistas. Homero foi adotado pelos historiadores como o marco divisório na história da Grécia. O mesmo aconteceu com Jesus em relação à datação cronológica da história universal.

José Antonio Pagola observa:

Os evangelhos não são livros didáticos que expõem doutrina acadêmica de Jesus. Também não são biografias redigidas para informar-nos detalhadamente sobre sua trajetória histórica. O que encontramos nesses escritos é o testemunho do impacto causado por Jesus nos primeiros que se sentiram atraídos por Ele e responderam ao seu chamado (2014, p.135).

Muito consistente a interpretação de Pagola sobre o que são os Evangelhos. Mas Jesus de Nazaré tem seu nome referenciado por historiadores de sua contemporaneidade, dentre eles aqueles que lhe negam a sua existência, tomando por base os Evangelhos.

Schiavo e Silva asseveram:

É muito difícil responder à pergunta: quem foi Jesus? Porque ela envolve a nossa fé. Existem várias opiniões sobre Jesus, frutos de muitos estudos de sua pessoa e dos Evangelhos. Nenhuma consegue esgotar o argumento, pretendendo ter a resposta definitiva, mas sempre ultrapassando todas (2011, p.101).

Cornélio Tácito, nascido entre 52 e 54 a. C, ao escrever sobre o período em que o Império Romano esteve sob as mãos de Nero, refere-se à morte de Cristo e à presença de cristãos na cidade de Roma:

Mas nem todo o socorro que uma pessoa poderia ter prestado, nem todas as recompensas que um príncipe poderia ter dado, nem todos os sacrifícios que puderam ser feitos aos deuses, permitiram que Nero se visse livre da infâmia da suspeita de ter ordenado o grande incêndio, o incêndio de Roma. De modo que, para acabar com os rumores, acusou falsamente as pessoas comumente chamadas de cristãos, que eram odiadas por suas atrocidades, e as puniu com as mais terríveis torturas. Christus, o que deu origem ao nome cristão, foi condenado à morte por Pôncio Pilatos, durante o reinado de Tibério; mas, reprimida por algum tempo, a superstição perniciosamente irrompeu novamente, não apenas em toda a Judéia, onde o problema teve início, mas também em toda a cidade de Roma (TÁCITO, apud MC DOWELL, 1996, p. 79).

O escritor satírico do século segundo, Luciano de Samósata, assim referiu-se ao Cristo:

O homem que foi crucificado na Palestina porque introduziu uma nova seita no mundo... Além disso, o primeiro legislador dos cristãos os persuadiu de que todos eles seriam irmãos uns dos outros, após terem finalmente cometido o pecado de negar os deuses gregos, adorar o sofista crucificado e viver de acordo com as leis que ele deixou. (SAMÓSATA, apud MC DOWELL, 1996, p. 79).

O historiador judeu, depois cidadão romano, Flávio Josefo, documenta Jesus de Nazaré:

Nessa época havia um homem sábio chamado Jesus. Seu comportamento era bom, e sabia-se que era uma pessoa de virtudes. Muitos dentre os judeus e de outras nações tornaram-se seus discípulos. Pilatos condenou-o à crucificação e à morte. E aqueles que haviam sido seus discípulos não deixaram de segui-lo. Eles relataram que Ele lhes havia aparecido três dias depois da crucificação e que Ele estava vivo; dessa feita, talvez Ele fosse o Messias, sobre o qual os profetas relatam maravilhas (JOSEFO, apud MC DOWELL, 1996, p. 79 e 80).

Ainda em Flávio Josefo, encontramos referência a Tiago, irmão de Jesus:

Mas o jovem Anano, que, como já dissemos, assumia a função de sumo sacerdote, era uma pessoa de grande coragem e excepcional ousadia; era seguidor do partido dos saduceus, os quais, como já demonstramos, eram rígidos no julgamento de todos os judeus. Com esse temperamento, Anano concluiu que o momento lhe oferecia uma boa oportunidade, pois Festo havia morrido, e Albino ainda estava a caminho. Assim, reuniu um conselho de juizes, perante o qual trouxe Tiago, irmão de Jesus chamado Cristo, junto com alguns outros, e, tendo-os acusado de infração à lei, entregou-os para serem apedrejados (JOSEFO, apud MC DOWELL, 1996, p.80).

O historiador romano e oficial da Casa imperial de Adriano, Suetônio, autor da obra, *A vida dos doze Césares*, em *Vida de Cláudio* escreve:

Como os judeus, por instigação de Chrestus estivessem constantemente provocando distúrbios, ele os expulsou de Roma. [...] Nero infligiu castigo aos cristãos, um grupo de pessoas dadas a uma superstição nova e maléfica (SUETÔNIO, apud MC DOWELL, 1996, p.80).

O Governador da Bitínia, na Ásia Menor (112 A.D.), Plínio escreveu ao imperador Trajano, solicitando orientação sobre como tratar os cristãos. Na carta ele explicava que vinha matando homens e mulheres, meninos e meninas. Eram tantos os que estavam sendo mortos que tinha dúvidas se deveria continuar matando todos os que se descobrisse serem cristãos ou apenas determinados cristãos. Ele explicou que fizera os cristãos se curvarem perante as estátuas de Trajano. Prossegue dizendo que ele também "os fez amaldiçoarem a Cristo, o que não se consegue obrigar um cristão verdadeiro a fazer". Na mesma carta ele fala das pessoas que estavam sendo julgadas: "Eles afirmavam, no entanto, que sua única culpa seu único erro, era terem o costume de se reunirem antes do amanhecer num certo dia determinado, quando então cantavam responsivamente os versos de um hino a Cristo, tratando-o como Deus, e prometiam solenemente uns aos outros a não cometerem maldade alguma, não defraudarem, não roubarem, não adulterarem, nunca mentirem, e a não negar a fé quando fossem instados a fazê-lo" (PLÍNIO, apud MC DOWELL, 1996, p. 80).

Em defesa do cristianismo na África, o jurista e teólogo cartaginês Tertuliano menciona uma correspondência trocada entre Tibério, imperador à época da morte de Jesus, e Pôncio Pilatos:

Portanto, naqueles dias em que o nome cristão começou a se tornar conhecido no mundo, Tibério, tendo, ele mesmo recebido informações sobre a verdade da divindade de Cristo, trouxe a questão perante o Senado, tendo já se decidido a favor de Cristo. O Senado, por não haver dado ele próprio a aprovação, rejeitou a proposta. “César manteve sua opinião, fazendo ameaças contra todos os acusadores dos cristãos” (TERTULIANO, apud MC DOWELL, 1996, p. 80).

No Museu Britânico é preservado um documento de muita relevância aos pesquisadores. O texto refere-se a uma carta datada de 73 a.C. atribuída ao sírio, Mara Bar-Serapião, dirigida ao seu filho Serapião:

Que vantagem os atenienses obtiveram em condenar Sócrates à morte? Fome e peste lhes sobrevieram como castigo pelo crime que cometeram. Que vantagem os habitantes de Samos obtiveram ao pôr fogo em Pitágoras? Logo depois sua terra ficou coberta de areia. Que vantagem os judeus obtiveram com a execução de seu sábio Rei? Foi logo após esse acontecimento que o reino dos judeus foi aniquilado. Com justiça Deus vingou a morte desses três sábios: os atenienses morreram de fome; os habitantes de Samos foram surpreendidos pelo mar; os judeus, arruinados e expulsos de sua terra, vivem completamente dispersos. Mas Sócrates não está morto; ele sobrevive nos ensinamentos de Platão. Pitágoras não está morto; ele sobrevive na estátua de Hera. Nem o sábio Rei está morto; Ele sobrevive nos ensinamentos que deixou (SERAPIÃO, apud MC DOWELL, 1996, p 81).

Muitas dessas referências a Jesus são contestadas, como são aquelas a tantos outros personagens da história. Isto é fato. A história, até o início do século XX, era escrita de forma sequencial em obediência a causas e consequências; a prevalência do culto dos fatos permanecia na cabeça, e na mão a pena do historiador. O que importava relatar eram as grandes obras e ações dos grandes homens. Jesus como personalidade pública teve um período muito curto de duração, cabendo aos seus discípulos levar adiante suas ideias e ações. Mas estava escrito: “Mas tu, Belém de Éfrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim o que deve governar Israel. Suas origens vêm de tempos antigos, de dias imemoráveis” (Mq 5,1), a profecia se fez história.

Em Nazaré, uma pequenina cidade da Galileia, residia um casal observante às leis de Jeová. Ele, Joaquim, pertencente à Tribo de Judá e à árvore genealógica de Davi, e ela chamava-se Ana, carregava consigo uma

esterilidade em vinte anos de matrimônio, o que lhe causava profunda tristeza. Sempre em suas orações rogava a Deus o privilégio da maternidade outorgado a Sara, mulher de Abraão. Em uma manhã de setembro, Ana sentiria a comiseração divina ao trazer ao mundo uma linda criança do sexo feminino que recebeu o nome de Myriam, ou seja, Maria.

Ainda jovem, prestando serviços no Templo, esta cerrou os olhos de seu pai. Logo depois, ainda vivendo o luto de seu genitor, viu o orvalho da manhã chorar com ela a morte de sua adorável mãe. Órfã, escolheu como morada a casa de Deus onde prestava seus serviços.

Maria haveria de ser esposada. Na anunciação dos profetas o Messias surgiria da descendência da casa de Davi, o que a obrigava esposar um homem pertencente à mesma árvore genealógica.

Quatro séculos havia que o profeta Miquéias designara como torrão natal do Messias uma modesta aldeia na Judeia, quando em meio às orações costumeiras, Maria se assustou ao deparar-se com o anjo Gabriel que assim lhe disse:

Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir esta palavra perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria esta saudação. Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás a luz a um filho a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; Deus, o Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim. Então disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum? Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus. E Isabel, tua parenta, igualmente concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que diziam ser estéril. Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas. Então disse Maria: Aqui está a serva do Senhor; que cumpra em mim conforme a tua palavra. E o anjo se ausentou dela (Lc 1,28-38).

Sabedora pelo anjo Gabriel das condições de Isabel, com aquiescência de José foi visitá-la. Ao receber a notícia da chegada da prima Maria, Isabel

correu a abraçá-la com a saudação: “bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre” (Lc, 1: 42).

Como uma filha responsável, Maria permaneceu por três meses prestando ajuda à prima. Após cumprir o dever familiar junto à prima Isabel em referência ao parto de João voltou a Nazaré, onde não tardou a ser identificada como grávida. Esta situação deixou o esposo em profunda tristeza, chegando inclusive a questionar tal situação ao Deus de Abraão. Depois de muito chorar adormeceu e uma voz ecoou: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo senhor por intermédio do profeta” (Mt 1: 20, 21 ,22).

Rohden observa que estava nos desígnios da Providência que o filho de Davi nascesse na sua cidade real (2013, p. 30). A determinação do imperador romano César Augusto de um recenseamento entre os Hebreus na Galileia obrigou José a se dirigir à cidade de Belém, naturalidade de seus ancestrais, levando consigo a esposa gestante no lombo de um jumento. Ao chegar ao destino traçado, não conseguindo hospedagem o casal, visualizou uma gruta. Ao seu interior trouxe o jumento que lhes serviu a viagem. Lá, minutos depois, Maria dava à luz aquele que iria fascinar o mundo.

Segundo Rohden, do deserto Jesus caminhou para a Galileia, abrindo a natureza aos homens através de sua missão (2013). Deu cura a um possesso e à doente sogra de Simão; levantou um paralítico; limpou um leproso; consolou os aflitos e infelizes; deixou perplexo Simão ao ordená-lo lançar a rede às águas e voltá-las abarrotadas de peixes. Naquele dia, diante da perplexidade de Simão, disse: - não tema, doravante se chamará Pedro, o pescador de homens. E assim deu continuidade à arregimentação de seus discípulos a quem ensinou as bem aventuranças, conhecidas como o Sermão da Montanha.

Se por um lado suas palavras e o toque de suas mãos serviam de bálsamo para os infelizes e enfermos, a divulgação do reino de Deus fora desse mundo dava a certeza de uma felicidade futura. Um momento nevrálgico foi o incidente do templo, onde Jesus e os seus expulsaram do pátio os gentios, os

comerciantes e os cambistas. Os primeiros, aproveitando-se da demanda de animais para sacrifícios, aumentavam os preços a patamares exorbitantes; os segundos aferiam larga margem de lucro por meio do câmbio junto a peregrinos judeus que chegavam com moedas estrangeiras. A preocupação de Jesus era com o abuso do dinheiro e da exploração comercial no espaço sagrado. O último centavo arrancado de uma viúva em nome de Deus levou-o àquela atitude. Esse incidente não ocorreu durante a última semana da vida de Jesus, mas durante uma visita anterior a Jerusalém. Não se tratava, portanto, de um golpe utilizando a tomada do Templo como primeiro passo para a tomada de Jerusalém, dando início à implantação de seu reinado, e sim de uma defesa de princípios.

Num julgamento, normalmente, o réu é julgado por aquilo que se alega que ele tenha feito. No caso de Jesus, ele foi julgado por quem alegou ser. A sentença: a crucificação.

Pilatos nada pode fazer contra o povo que exige a libertação de Barrabás e a crucificação de Cristo. Os homens preferem Barrabás porque ele está de acordo com a maneira de viver e de pensar deles, o que não é o caso do Cristo. Eles fariam de Cristo, em pouco tempo, outro Barrabás, se ele o deixasse. Ou então, eles o matariam. Também matariam Barrabás se ele não satisfizesse sua fome de ver Reis de Jerusalém, montando cavalos brancos, empunhando suas espadas contra o inimigo eterno; e logo eles escolheriam outro Barrabás, e não Cristo. O homem sempre agiu assim, há mais de seis mil anos, até onde chega nosso conhecimento, e continua até hoje; durante todo esse tempo seu sonho do Reino dos Céus foi transformado num simples reflexo no espelho, inatingível (REICH, 1999, p. 211).

Quando Tito, filho de Vespasiano, o imperador romano, entrou na cidade os judeus pobres, exaustos e humilhados, se dispersaram pelo mundo sem pátria. Somente em meados do século passado, em 1948, o Estado de Israel foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e deu ao povo Hebreu uma identidade nacional.

Dispersos, foram obrigados durante as Idade Média e Moderna a camuflarem seu credo para a sobrevivência na Europa e, depois, em suas colônias na periferia do mundo.

2.4. Jesus, o Cristo²⁵

Cristo é um adjetivo que qualifica o nome Jesus. Palavra de origem grega, *crithós* que significa unguido. Do nascimento até os 30 anos de idade, prevaleceu o Jesus Nazareno; após os 30 anos até a sua crucificação, Jesus, o Cristo.

Mateus termina o Capítulo 2 narrando a volta de Maria, José e o menino Jesus do Egito para Nazaré, após a morte de Herodes, e aparece novamente, no Capítulo seguinte, dirigindo-se da Galileia para o Jordão a fim de ser batizado por João;

Em Marcos aparece sendo batizado por João. Naquele Evangelho é narrado que “Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como uma pomba sobre ele” (1: 10);

Lucas refere-se a Jesus aos doze anos de idade quando o menino esteve no meio dos doutores, afirmando seu crescimento “em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens”, a seguir, no mesmo capítulo, Lucas registra o seu batismo nas águas do Rio Jordão por João Batista. João primeiramente se refere a Deus, o Verbo que se fez carne por meio de Maria e habitou entre nós. Em seguida, lhe apresentou como “o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”.

Muitos são os livros que narram a presença de Jesus durante esse período dos 12 aos 30 anos em países estrangeiros como Egito, Índia e Tibet.

Rohden faz um questionamento:

Os Nazarenos, seus conterrâneos, estranham quando o jovem carpinteiro, aos trinta anos aparece em público como profeta. Nem sequer frequentou escola, dizem eles. Os Nazarenos o conheciam como o filho do carpinteiro José, que todos os dias trabalhava na oficina. Se Jesus tivesse estado ausente 18 anos, não teriam os seus conterrâneos alegado essa ausência em países longínquos, para

²⁵ A palavra *Christus* é a tradução grega da palavra hebraica Messias, isto é, consagrado pela unção (CHALLAYE, 1981, p. 202).

explicar o mistério da sua grande sabedoria? Nem uma única palavra (ROHDEN, 1975, p. 96).

Wilson escreve que: “o Jesus da História e o Cristo da Fé são dois personagens distintos, com histórias muito diferentes. É difícil reconstruir o primeiro, e, na tentativa de fazê-lo, é provável que pratiquemos dano irreparável contra o segundo” (2000, p. 9).

O livro espírita *A Grande Espera* (2008), ditado pelo espírito de Eurípedes de Barsanulfo à médium Corina Novelino, registra a presença do adolescente Jesus entre os mestres da comunidade essênica. Também é explorada a maneira de vestir e de viver de João, o Batista, responsável pela imersão de Jesus nas águas, bem por como anunciá-lo como o Messias, como membro da comunidade. Jesus se aproximava muito do jeito de ser e vestir de João, o Batista.

Em seguida ao batismo, foi para o deserto, onde foi tentado pelo demônio. Em sua volta, fez de dois de seus admiradores seus apóstolos, que chegaram ao número de doze. Saíram a pregar o reino de Deus, a tirar demônios e curar enfermos. Nesse período do Cristo da Fé, Jesus nunca negou ser Deus: “Eu e o Pai somos um, mas o Pai é maior do que eu” (ROHDEN, s/d-1, p. 25). Afirmativa esta que o levou à presença de Pilatos, e, pelos seus conterrâneos foi condenado à morte na cruz.

Isaías profetiza o nascimento de Jesus: por isso, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a jovem mulher está grávida e vai dar à luz um menino, e lhe dará o nome de Emanuel (Is 7: 14). Ao reportarmo-nos a Mateus, encontraremos: “porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o povo dos pecados deles. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta nas palavras: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho cujo nome será Emanuel, que significa: Deus conosco”. (Mt 1: 20 a 23).

Henry Morris escreve: "embora tenha havido disputa sobre o sentido exato da palavra, seu emprego é sempre consistente com o sentido de 'virgem' e, em

alguns casos, é o único sentido possível. Os estudiosos que prepararam a Septuaginta, versão em grego do Antigo Testamento, utilizaram a palavra grega que usualmente designa 'virgem' ao traduzirem (Isaías 7: 14). Igualmente o fez Mateus, quando citou essa profecia (Mateus 1: 23) como se cumprindo no nascimento virginal de Cristo" (MORRIS apud MC DOWELL, 1996, p.103).

A concepção e o nascimento de Jesus apresentados por Mateus no Evangelho, estão em acordo com a profecia de Isaías, no Antigo Testamento, embora Mateus deixe claro nas suas linhas que tinha conhecimento da profecia de Isaías.

Lucas, por sua vez, faz a observação no início de seu Evangelho de que sua narrativa foi fiel como lhe foi transmitida por aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da palavra, que foi submetida a acurada investigação. Ele narra:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado da parte de Deus para uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem chamado José, da Casa de Davi. O nome da virgem era Maria. E entrando, disse-lhe o anjo: Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo. Ao ouvir as palavras, ela se perturbou e refletida no que poderia significar a saudação. Mas o anjo lhe falou: Não tenhas medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás em teu seio e darás à luz um filho que darás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado filho do Altíssimo. O Senhor lhe dará o trono de David, seu pai. Ele reinará na casa de Jacó pelos séculos e seu reino não terá fim. Disse Maria ao Anjo: Como poderá ser, pois não conheço homem? Em resposta o anjo lhe disse: O Espírito Santo virá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá de sua sombra e é por isso, que o Santo gerado será chamado Filho de Deus. Eis que Isabel, tua parenta, ela concebeu um filho em sua velhice e este é o sexto mês daquela que era considerada estéril, porque para Deus nada é impossível (Lc 1: 26 a 38).

Lucas refere-se à “virtude” do Altíssimo cobrindo Maria e concebendo-a com aquele que seria chamado Filho de Deus. Rohden refere-se à virtude como sendo a vibração do Verbo, concepção verbo-óvulo.

O Cristo e os homens crísticos, não nascem da fusão de sangues, nem da libido do macho nem da libido da fêmea, mas sim da vibração do Verbo, que pelo amor, sem contato físico libidinoso, sem orgasmo sexual, transmite a Vida (ROHDEN, 1970, p.46).

A história em sua análise científica não proporciona a volta de um Fato histórico, nem tem como repeti-lo em laboratório como outras ciências que o fazem quantas necessárias vezes. Ela se vale de registros oculares, testemunhais, ou documentais dos fatos. Foram esses registros que colocaram Jesus na história, mas quando se trata da ressurreição o enfoque vai para fora da história, para a metahistória. Porém, existem rastros que podem ser seguidos e analisados. Flavio Josefo registrou:

Ele era o Cristo. Os mais ilustres da nossa nação acusaram-no perante Pilatos e ele fê-lo crucificar. Os que o haviam amado durante a vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes aparece ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas o tinham predito e que ele faria muitos outros milagres. É dele que os cristãos, que vemos ainda hoje, tiraram o seu nome (JOSEFO, 2016).

Os quatro evangelistas narram a ressurreição e o aparecimento aos seus discípulos. O evangelista João, descreve a incredulidade de Tomé diante da notícia da presença de Cristo ressurreto. Quando do encontro de ambos, Tomé tocou nas chagas e no seu corpo exclamando perplexo, meu Deus! Depois esteve com os discípulos às margens do lago da Galileia, onde o evangelista dá a entender que Jesus comeu pão e peixe com os discípulos. Jesus ressurreto atravessou ambientes fechados.

João narra sobre a ressurreição de Lázaro, todavia, este ressuscitou e continuou no “mundo velho”, tanto que morreu posteriormente. Jesus Cristo, ao contrário, ressuscitou vencendo a morte.

Edgard Armond faz uma troca de ideias a respeito do corpo de Jesus Cristo:

Pergunta: Mas como, sendo de carne comum, poderia desmaterializar-se, como fez várias vezes e de forma tão natural e perfeita como consta dos Evangelhos?

Resposta: Porque tinha um corpo de carne, sem dúvida, porém de consistência diferente, de densidade muito menor, de matéria mais pura, de vibração muito mais alta, adequada a conter um espírito de

Sua elevada hierarquia; corpo, ao seu turno, gerado por um vaso físico devidamente preparado e selecionado anteriormente ao nascimento, de vibração e pureza que comportasse Sua permanência em nosso plano grosseiro e impuro.

Pergunta: Mas como pode Ele conviver com seus discípulos, durante 40 dias após sua morte na cruz?

Resposta: Porque depois da morte, agora sim, estava utilizando um corpo fluídico, numa densidade que permitiu manifestar-se de forma objetiva e tangível no nosso plano (ARMOND, 1985, p. 26 e 27).

Para Rohden, havia entre o Cristo e Jesus uma total interpenetração e permeação, a tal ponto que nunca mais Eles se separaram. O Cristo cristificou a tal ponto o Jesus, que com Ele subiu aos céus, e com Ele está por toda a eternidade. (ROHDEN, 1970, p.19). Ora, na visão de Rohden, dessa “total interpenetração e permeação, a tal ponto que nunca mais Eles se separaram”, pode-se afirmar que, Jesus é também o Cristo Telúrico, que por sua vez, foi identificado por Rohden como o Cristo Cósmico, Deus.

Quando Jesus subiu aos céus não subiu em corpo material-físico, mas sim em corpo real-metafísico, e é precisamente a esse corpo e esse sangue real-metafísico, e não ao seu corpo e sangue material-físico que ele alude em Cafarnaum como também no cenáculo em Jerusalém. É este o sangue que “está sendo derramado em remissão de pecados”, o sangue do novo testamento, não o sangue material do velho testamento; não o sangue físico, hemoglobina, mas o sangue metafísico “espírito da vida” (ROHDEN, 1970, p. 34).

Ainda a ressurreição, especificamente, a “ressurreição da carne”. Depois que o cientista francês Lavoisier anunciou a lei da conservação da matéria ou Lei de conservação das massas: “na natureza nada se cria, nada se perde tudo se transforma”, a ressurreição dos corpos como ensina a Igreja, para Cairbar Schutel), constitui verdadeiro caso teratológico! Não se pode conceber como os elementos que serviram a muitos corpos venham a reunir-se a um e outro corpo sem prejuízo de um deles (1980 p. 177 - 178).

2.5. Jesus, o salvador

Certa vez quando eu fazia uma crisma, uma colega perguntou como Jesus morrendo na cruz salvou a humanidade. Eu vou buscar responder essa pergunta na lógica. Se Jesus não tivesse morrido na cruz, não haveria Cristianismo, o Império Romano não teria se convertido ao Cristianismo e teria destruído o mundo (PAX ET BONUM²⁶, 2016).

O autor do texto, primeiramente, coloca a salvação da humanidade na dependência da morte de Jesus na cruz; segundo, a existência do cristianismo assentada nessa morte; e, terceiro, se não houvesse a conversão do Império Romano ao cristianismo, aquele, presumidamente, teria destruído o mundo. Isso com todo respeito, tem uma coloração teratológica.

Por espaço de cerca de 2000 anos, desde Abraão, ou, pelo menos, desde Moisés, praticou Israel a cerimônia do bode expiatório. Cada ano reunia-se o povo de Israel na esplanada do templo de Jerusalém. O sumo sacerdote colocava as mãos sobre a cabeça de um cabrito, transferindo para esse animal os pecados do povo. Depois, esse “bode expiatório” era tocado para o deserto e precipitado por um barranco abaixo e morria. E com ele morriam todos os pecados de Israel, como era crença geral (ROHDEN, 1975, p. 101).

O sangue para muitos povos era o preço do resgate. No caso do povo judeu, a sua teologia ensina que Deus criou o homem perfeito, à sua imagem e semelhança, porém, essa perfeição não resistindo à tentação do Diabo, pecou. E esse pecado adâmico ficou como que geneticamente para toda sua descendência numa ofensa a Deus. Jesus Cristo veio para com o seu sangue “salvar a humanidade” desse “pecado original”.

Essa mesma teologia afirma que Jesus Cristo se ofereceu para quitar essa dívida com o seu sangue. Daí, inclusive, uma justificativa para que ele

²⁶ É com essa saudação franciscana que o autor assina seus textos e com ela vamos identificá-lo.

viesses por meio de Maria, uma humana preservada da carga genética adâmica do pecado.

Quanta injustiça divina para com Maria e seu filho Jesus, considerado por uns como o filho de Deus, e, por outros, o próprio Deus. Mais ainda, Deus (efeito) como manifestação da Divindade (causa) aceitar um tipo de negociação dessas?

Infelizmente, porém, a ideia do bode expiatório, que morreu para o judaísmo, continua no cristianismo, com a diferença de que agora o bode expiatório não é mais um animal inocente, que morrendo extingue os pecados humanos, mas sim o único homem sem pecado que, segundo a teologia, paga com sua morte os pecados da humanidade (ROHDEN, s/d-1, p. 102).

Mais à frente, Pax Et Bonum assevera que se não tivesse havido a morte do Cristo naquelas circunstâncias, na cruz, não teria havido o cristianismo. Ora, a palavra cristianismo é composta do radical “cristo” acrescido do sufixo “ismo” que conota um sistema a ser seguido, uma ideologia, algo consolidado como regra ou que se acredita ser uma regra (SUFIXO, 2017) , é algo do intelecto humano. Para divinizá-lo nos homens, necessário se faz a troca do sufixo “ismo” pelo sufixo “dade” para a composição da palavra cristicidade, isto é, sentido de vivência.

Viver o Cristo, ou seguir a Teologia?

Teologia ou o Evangelho?

Cristo nunca fundou uma sociedade eclesiástica, e sim, proclamou o reino de Deus na face da Terra: “O reino de Deus não vem com observâncias, nem se pode dizê-lo aqui, ei-lo acolá. O reino de Deus está dentro de vós” (Lc 20, 21).

Algumas das mais proeminentes figuras da transição do século XIX para o XX expressaram suas posições sobre a relação Cristo *versus* cristianismo Teológico:

Nietzsche: Se o Cristo voltasse ao mundo em nossos dias, a primeira declaração que faria ao mundo cristão seria: povos cristãos saibam que eu não sou cristão.

Mahatma Gandhi: Aceito o Cristo e o seu Evangelho, não aceito o vosso cristianismo.

Albert Schweitzer: Nós injetamos nos homens o soro de nossa teologia, e quem é vacinado com o nosso cristianismo está imunizado contra o espírito do Cristo (ROHDEN, s/d-1, p. 11e 12).

Um europeu, outro indiano e um terceiro que, embora tenha nascido na Europa, dedicou sua vida como missionário na África. Uma síntese entre eles seria: Aceito o Cristo e seu Evangelho, não aceito o cristianismo. Este possui um soro teológico que nos imuniza do Cristo, por isso, afirmo que não sou cristão como vós.

A biografia de Abraham Lincoln, presidente americano, afirma que este nunca se filiou a igreja alguma, por estar à espera da Igreja do Cristo.

O autor, Pax Et Bonum afirma que a não destruição do mundo pelo Império Romano se deu por conta da conversão ao cristianismo. Ora, o próprio autor faz referência ao Édito de Milão, 313, de Constantino Magno, que decretava o fim da perseguição romana aos cristãos, tornando posteriormente, com Teodósio, a religião destes a oficial do Império Romano que, presente em todas as regiões, só fez aumentar a sua força política e ganhar um novo exército para se defender.

Toda posição tomada pelo poder tem sua contra partida. A essa época o império já apresentava sinais de fragilidade, mais acentuada na fronteira com a Germânia que abrigava vários povos como: francos, vândalos, visigodos, ostrogodos, anglos, saxões, hérulos, burgúndios, lombardos, dentre outros, conhecidos por bárbaros, isto é, povos além das fronteiras romanas e de cultura inferior, ameaçando invasão ao império.

O Édito de Milão, no ano de 313, marcou o fim de um Cristo com cristicidade vivido nas catacumbas de Roma pelos seus seguidores. De lá saíam cheios de fé para o martírio no Coliseu; para o início de um Cristo com cristianismo, uma doutrina elaborada pelo homem.

O beijo com que Constantino Magno traiu o Cristo foi o Édito de Milão, do ano de 313, que pôs termo a três séculos de perseguição – mas com este benefício de discípulo preludiou séculos de malefícios de traidor: convidou os discípulos do Cristo a se integrarem na organização do Império Romano: fez do cristianismo a religião oficial do Estado, uma religião estatal, defendida mediante armas, política e dinheiro – armas para matar os inimigos, política para enganar os amigos, dinheiro para comprar e vender consciências. O Édito de Milão foi o fim de três séculos de cristicidade – e o princípio de muitos séculos de cristianismo social, político, militar. O cristianismo de Constantino continua até hoje no mundo oficial das igrejas e de alguns governos (ROHDEN, s/d-1, p. 15).

Também originou uma legislação que defendeu o descanso aos domingos em homenagem ao deus-Sol (*Invictus*). Isso ocorreu no primeiro Concílio de Niceia, ano de 325, com a participação de 300 bispos que sob a influência de Constantino, definiram a natureza divina de Jesus, a fixação da nova data da Páscoa, a promulgação da Lei Canônica e a definição do domingo como dia de descanso aos cristãos. A cristicidade de uns foi transformada em cristianismo de muitos.

Os teólogos de nossos dias têm insistido como Pax Et Bonum que Jesus morreu na cruz para salvar a humanidade, mas o que disse Jesus aos discípulos de Emaús? “Não devia o Cristo sofrer tudo isso para assim entrar em sua glória?” (Rohden, s/d 1, p. 87). Ora, o mesmo Rohden assevera; “Se nunca ninguém se realizara plenamente, como poderíamos nós ansiar por nossa autorrealização?” (Rohden, s/d¹, p. 21). Esta frase define: Deus se fez humano para exemplificar a nós que “todo homem é inconscientemente o que o Cristo é conscientemente – e o que nós somos potencialmente” (ROHDEN, s/d-1, p. 19).

Com o avanço tecnológico-científico tornou-se difícil ao homem moderno crer que Jesus Cristo foi em sua história de vida o que o “bode expiatório” foi para os judeus, a remissão dos pecados.

O tamanho que se tem das coisas é proporcional ao tamanho das pessoas. Quantas vezes, ao voltar a cidades que habitamos quando crianças, procuramos desde logo os lugares que nos chamavam a atenção por sua grandiosidade e, ao depararmo-nos com eles, sentimo-nos frustrados com sua pequenez? O mesmo se aplica à história de Jesus, o Cristo. Aquela imagem

condicionada em criança aos poucos vai entrando em choque com uma série de questionamentos da idade adulta, ora pela razão, ora pela ciência.

O universo mecânico de Newton não se coaduna com o verdadeiro universo, que não é mecânico, mas sim funcional. A representação que Copérnico faz do mundo, constituído de círculos “perfeitos”, é errada. As órbitas planetárias e elípticas de Kepler não existem. A matemática não conseguiu ser aquilo que, com tanta certeza, prometia ser. O espaço não é vazio; ninguém jamais viu os átomos ou os germes aéreos das amebas. Não é verdade que a química pode interpretar os fatos da matéria viva, e os hormônios também não cumpriram suas promessas. O inconsciente reprimido, supostamente a última palavra em psicologia, revelou-se uma criação artificial de um breve período da civilização, de tipo mecânico-místico. O espírito e o corpo, funcionando em um único e mesmo organismo, estão ainda dissociados no pensamento humano. Uma física perfeitamente exata não é tão exata assim, do mesmo modo que os homens santos não são tão santos assim. De nada adianta a descoberta de novas estrelas, cometas ou galáxias. Novas fórmulas matemáticas também de nada adiantarão. É inútil filosofar sobre o sentido da Vida, se ignoramos o que é a vida. E, como “Deus” é Vida, o que todo homem sabe, de nada serve procurar ou servir a Deus, já que ignoramos a quem servimos. Tudo parece então convergir para um único fato: Há algo basicamente e essencialmente errado em todo o processo pelo qual o homem aprende a conhecer a si mesmo. A visão mecânico-racionalista do mundo faliu completamente (REICH, 1999, p.3 e 4).

No processo de secularização, instituições tomaram o lugar das religiões. A própria religião superou a fase da magia criando comportamentos racionalizados. Não se trata de consistência ou fragilidade da imagem que trazemos da infância sobre Jesus, o Cristo. A biologia fala com profundidade quando se trata da teoria da evolução darwiniana; da gestação sem a participação de um varão na concepção de Maria, que, aliás, concebeu Jesus, o Cristo, sendo uma virgem. O mesmo pode-se dizer em relação à ressurreição. Como um corpo físico pode ter ascensão aos céus e lá assentar-se à direita de Deus-Pai todo poderoso, de onde há de vir julgar os vivos e os mortos? Como imaginar esse céu substantivamente com os notáveis avanços da astronomia, das viagens espaciais, das sondas interplanetárias, dos telescópios de avançadíssima precisão? As verdades que as igrejas propõem não são aceitas sem antes uma profunda análise daquele que as recebeu.

Esse avanço científico extraordinário colocou o mundo em tempo real em nossas mãos, a ponto de a história de longa duração ser substituída pelo

chamado presenteísmo, a história do tempo presente, onde a mídia veicula o acontecimento, interpreta-o e o oferece em uma visão superficial e acabada. A chamada da Rede Globo de Televisão, para o seu programa Retrospectiva do final de ano de 2015 terminava com a frase: “É daqui para a história”. Um processo que está levando o professor de história a ser um novidadeiro do passado. Esse mesmo imediatismo se processa na religião, seja ela qual for. E neste contexto, a informação séria, educativa e evangelizadora perdeu espaço para a audiência televisiva e a ânsia de “prosperidade” das igrejas, com seus templos suntuosos, que pela Igreja romana vêm sendo assumidos deste Idade Medieval. Neste universo, nada como explorar a imagem daquele que é o personagem mais fascinante da história, cujo fascínio não deixa de ser um autofascínio. O sucesso dos livros com essa orientação editorial, os programas televisivos que abordam esse tipo de assunto atestam o que escrevo.

2.6. Jesus, o mito

Alexandre Magno, Filho de Felipe II, rei da Macedônia, teve uma esmerada educação pelas mãos de Aristóteles. Por conseguinte, uma forte influência grega. Na Grécia antiga, os deuses que, em civilizações anteriores, posavam acima dos homens, desceram à condição humana. A Grécia humanizou seus deuses. Muitos foram os que assumiram a paternidade de semideuses, fruto de suas relações com seres humanos.

Assim que assume o poder, Alexandre parte com seu exército para a conquista do mundo então conhecido. Uma peculiaridade: conquistava pelas armas (exército) e dominava pela cultura (fazendo a fusão da cultura grega à cultura do povo conquistado). “Denomina-se helenismo a civilização formada pela fusão da cultura grega com a cultura oriental” (SOUZA, 1990, p. 103). Em relação aos judeus, Souza (1990) escreve que “Alexandre entrou em Jerusalém sem luta. Depois tomou Gaza, onde encontrou grande resistência por parte dos filisteus” (p. 101).

Horácio, poeta romano, foi muito feliz em seu verso ao afirmar que a Grécia cativa conquistou o seu feroz vencedor. Apesar de submetida politicamente a Roma, impôs aos latinos a sua cultura, e com ela aquela desenvolvida pela fusão com o “mundo” conquistado por Alexandre.

Com a morte de Jesus, seus discípulos continuaram, a pedido do Mestre, os ensinamentos cristãos, na pequena Palestina. Foi Paulo de Tarso quem abriu as portas desses ensinamentos aos gentios, após a sua conversão nas portas da cidade de Damasco. Todavia, não demorou muito para que a perseguição aos cristãos primitivos ocorresse no “mundo romano”. Em Roma faziam suas reuniões nas catacumbas.

Com a liberdade de culto outorgada aos cristãos por Constantino Magno, aos poucos, a cultura religiosa mitológico-helenística, quase que imperceptivelmente, foi agregando aquela igreja primitiva.

Esse ritualismo sacramental das igrejas ortodoxas e romana é herança do paganismo Greco-romano, em cujo ambiente nasceu e adolesceu o Cristianismo dos primeiros séculos. Os Mistérios de Osíris, de Isis, de Elêusis, de Orfeu, de Delfos, e muitos outros, ensinavam que o contato com certos objetos sacros e a recitação de certas fórmulas mágicas conferia redenção e santidade ao homem. É o que Einstein, no seu livro “Mein Weltbild”, chama de “concepção do Deus mecânico”. O Cristianismo primitivo, não tendo teologia própria, fundiu-se nesses moldes pré-existentes – e o conteúdo divino assumiu a forma dos contenedores humanos (ROHDEN, 1970, p.52).

Esta situação deu margem para que escritores advogassem a ideia de um Jesus Mitológico relacionado às divindades solares pagãs.

O nascimento de Cristo deu-se num presépio; Mitra, o deus sol dos persas, numa gruta; Baco, outra divindade solar dos gregos, numa caverna, como Júpiter. (Alguns dos contraditórios também querem colocar o nascimento de Jesus em uma gruta). [...] Jesus nasce de uma virgem; e Isis, a deusa lunar dos egípcios, era tida como a virgem mãe do sol nascente Hórus, e, além disso, Baco também era considerado filho de Ceres, a quem os gregos costumavam chamar a santa virgem; O dia 25 de dezembro festejado como data do nascimento de Jesus Cristo é data astronômica conhecida pelo nome de solstício do inverno, e que assinala uma revolução solar. Virgem era o nome da constelação que, na referida data e naquela época, à meia-noite aparecia sobre o

horizonte. 25 de dezembro era também a data do nascimento de várias divindades holísticas como: Mitra, Baco, Hórus, etc.; Jesus Cristo escolheu doze apóstolos, e o sol percorre durante o ano doze signos zodiacais; A morte de Jesus é solenizada pela cristandade depois da terceira semana de março, outra data astronômica importante: fim do equinócio da primavera, em que os fenícios choravam a morte de Adônis, sua divindade solar. Outro tanto faziam os frígios nas celebrações dessa data, e de maneira idêntica procediam aos persas com Mitra, e os egípcios com Osíris; Os Evangelhos afirmam que Jesus Cristo ressuscitou no domingo ou primeiro dia do ciclo semanal, isto é, "dies domini" dos adoradores de Mitra. Esse era precisamente o dia chamado Sol, e que na semana planetária precedia o dia da Lua. Esse dia festivo do paganismo é o adotado por uma grande parte da cristandade para seus cultos. (DUPUY, 1941, p. 21 e 22).

A dimensão universal de Jesus Nazareno nos leva ao questionamento utilizado como subtítulo neste capítulo: a mais bela das lendas ou a mais pura das realidades? No Oriente houve Buda e Krishna; no Oriente Próximo, Moisés e Maomé. Todavia, nenhum deles exerceu tamanho fascínio sobre a humanidade como Jesus. Seria esse fascínio consequência de ter Jesus se apresentado como sendo o próprio Deus, o que os outros não o fizeram? Se nosso referencial teórico, Huberto Rohden, tivesse acesso a esta leitura, por certo diria que quem se apresentou à humanidade ocidental como Deus foi o Cristo, sendo Jesus o seu veículo visível. Todavia, esse Cristo, pode também ter se apresentado e se apresentar em outras partes da Terra e do Universo em várias formas. É interessante que, quando se trata de Jesus, a contestação é imediata por parte de algum entre muitos, o que não ocorre com Buda, Krishna, Moisés e Maomé. Sobre estes, existe uma quase unanimidade sobre suas existências. Mesmo os que contestam Jesus de várias formas chamando-o de personagem mítico ou alegando a sua inexistência conhecem e recitam toda a sua história por tamanha sinergia universal.

Concluimos que:

em Jesus, o judeu, houve o veículo visível do Cristo Cósmico invisível.

Em Jesus, o Cristo, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós.

Em Jesus, o Salvador, fez-se o Verbo com a potencialidade de habitar em nós.

Em Jesus, o mito, há a negação daquilo que no inconsciente coletivo existe.

3. CRISTO CÓSMICO E CRISTO TELÚRICO

Rohden (1975) escreve que já se passaram mais de 2000 anos em que Jesus diante dos chefes da Sinagoga de Israel lançou uma indagação:

Que vos parece do Cristo?

Em resposta disseram-lhe: Ele é filho de Davi²⁷.

Jesus reprovou esta resposta com outra pergunta: Se Cristo é filho de Davi, como é que o próprio Davi, em espírito, o chama seu Senhor?

E arremata: Se é seu filho, como é seu Senhor?

Jesus negou ser o Cristo filho de Davi, de cuja casa os profetas do Antigo Testamento vaticinaram ser a descendência do Messias. A passagem denota claramente a confusão que os chefes da Sinagoga faziam entre Jesus de Nazaré e o Cristo, isto é, entre o Telúrico²⁸ e o Cósmico, que na interpretação de Rohden (1970), continua o “mesmo em nossos dias: a maior parte dos chefes espirituais do Cristianismo eclesiástico não sabe distinguir entre Jesus e o Cristo” (p.11).

Para Rohden “o Cristo é a primeira e a mais alta manifestação da suprema Divindade, gerado *ab eterno*, antes que Abraão e Davi nascessem, antes que o mundo existisse” (1970, p. 12), por isso, a negativa à resposta dos chefes da Sinagoga de Israel. Jesus é descendente da Casa de Davi, porém, o Cristo, o Verbo ou Logos, se fez carne por meio da Virgem Maria e habitou entre os homens. NÃO! Cristo é Deus, manifestação singular da Divindade: “Eu e o Pai somos um, mas o Pai é maior que eu” (1970, p.12). Cristo é a sinergia propiciada pela Divindade visível em Jesus. “O Pai está em mim, e o Pai está em vós; as obras que eu faço não sou eu quem as faz, mas o Pai em mim que faz as obras... Vós fareis as mesmas obras que eu faço, e fareis maiores do que estas” (1970, p.12). Por isso, a imagem e semelhança entre o homem e o Creador são

²⁷ Davi, historicamente, foi o segundo Rei do povo Hebreu (1006 – 966 a.C) sucedendo Saul. Venceu os filisteus estabelecendo o domínio sobre a Palestina, isto lhe outorgou o título de fundador do Estado Hebreu, cuja capital se situava na cidade de Jerusalém. Seguiu-se com Davi um período de expansionismo militar e prosperidade, continuado pelo seu filho e sucessor Salomão.

²⁸ Aqui Telúrico com sentido de terreno.

outorgadas em forma de potencialidade. “Vós fareis as obras que eu faço, e fareis maiores do que estas”, porém, para isso, necessário se faz o conhecimento da verdade.

A criação do homem é uma participação do poder creador da Divindade delegado a uma creatura, uma espécie e descentralização da unidade creadora em pluralidade creativa; o Uno do Infinito confere ao Verso do Finito uma parcela da sua jurisdição, tornando-O assim “imagem e semelhança de Deus” (ROHDEN, 1978, p. 34).

O homem apareceu na terra como creatura realmente hominal, embora apenas potencial, imperfeito, mas com a verdadeira natureza hominal. Ninguém se torna o que não é. Um ser não hominal não se tornará jamais um ser hominal. Há uma diferença essencial, e não apenas gradual, entre o animal e o homem (ROHDEN, 1978, p. 18).

Ao criar o homem, as Potências Cósmicas o dotaram de uma parcela da genialidade creadora da própria divindade, para que ele, em virtude dessa criatividade, se pudesse fazer melhor e maior do que Deus o fez (ROHDEN, 1978, p. 12).

Deus criou o homem o menos possível, para que o homem se possa criar o mais possível (ROHDEN, 1978, p.11).

Sem essa possibilidade creativa outorgada pelo creador à sua creatura, ela jamais traria em si a imagem e semelhança de Deus. A faculdade de crear somente foi dada pela Divindade²⁹ a Deus e ao homem. Como assevera em advertência em todos os seus livros. Para Rohden, crear é a manifestação da Essência em forma de Existência e criar é a transição de uma existência para outra existência. Ao homem foi dada a possibilidade de submissão ou redenção à grande Lei que mantém a harmonia do Universo, só que, ao contrário de toda

²⁹ O Nazareno afirmou repetidas vezes que Ele, o Cristo, era Deus, mas nunca afirmou que Ele era a Divindade, o Pai, porquanto “O Pai é maior que eu”. O Pai, a Divindade, é, em nossa linguagem filosófica, a Realidade Infinita, Absoluta, Eterna, sem princípio e nem fim. Deus é uma manifestação individual da Divindade. O Cristo Cósmico é a primeira e mais alta manifestação da Divindade, o Proto-Deus, o “primogênito de todas as criaturas”, na linguagem de Paulo de Tarso; logo, uma creatura da Divindade, embora Creador das outras criaturas, como afirma o quarto Evangelho: Cristo, o Unigênito da Divindade e o Primogênito de todas as outras criaturas (ROHDEN, 1970, p. 12-13). [...] A Divindade não é creatura, mas Deus é creatura. [...] A Divindade não está “no princípio”, porque é anterior a todos os princípios de tempo e espaço; mas Deus está no princípio de todos os princípios; é o primogênito de todos os outros “gênitos”; é creador de todas as criaturas posteriores. O Cristo Cósmico, o Logos, é Teo-gênito (nascido da Divindade, do Pai), ao passo que as outras criaturas são Cristo-gênitos: Por ele foram feitas todas as coisas, e nada do que foi feito foi feito sem Ele (ROHDEN, 1970, p. 17-18). Os hindus diriam: Brahma é creado por Brahman, e nós, os Atmans, como também toda a natureza Maya, são criaturas de Brahma (ROHDEN, 1970, p. 20).

a criação, cuja relação é automática, nela a hominal a relação é voluntária, tem a necessidade de querer do homem por meio do exercício de seu livre-arbítrio. Para Rohden,

Todo o drama milenar do homem gravita em torno do livre-arbítrio, usado ou abusado [...] Neste sentido: Deus criou o homem menos possível, para que o homem se possa criar o mais possível [...] Só por esse processo de criatividade é que o homem realiza a sua evolução tipicamente humana (1981, p. 32).

Esse voluntariado é que, potencialmente, faz do homem creador tal qual Deus, pois, é ele que possibilita a manifestação da Essência (Deus) na existência (homem), metafisicamente falando; pois, fisicamente, o homem é constituído por todos os elementos químicos orgânicos que constituem o pó do qual foi feito, por Deus como mostra a narrativa de Moisés em Gênesis. Como assevera Rohden, “a causa dessa redenção é o Cristo a condição é o homem³⁰” (1970, p.38). Trata-se de uma autorredenção e não de uma alorredenção. O outro não pode redimir por mim. Para Rohden “o Cristo histórico da Palestina é o mesmo Cristo do presente em mim; A redenção não é um fato consumado uma vez no passado em terras longínquas: a redenção é uma realidade contínua, através de milênios” (1970, p. 38). Isto desmonta a teoria de que Jesus - o Cristo - fora dado pelo Pai e de plena consciência, em seu martírio na cruz, como “cerimônia do novo bode expiatório” redentor ou salvador do pecado hereditário da humanidade.

Mas neste caso, qual o papel que cabe ao Cristo Redentor da Palestina e do passado? Se ele não tivesse aparecido aqui na terra, em Jesus, mas permanecendo no Cosmos, como era antes da encarnação do Verbo, não haveria nenhuma diferença? (ROHDEN, 1970, p.39).

Haveria diferença, sim! Como um humano poderia ansiar por sua autorrealização sem consciência da potencialidade existente em cada um?

³⁰ Pode o homem ser 100% crístico ou cristificado e ao mesmo tempo 0% cristão. O Cristo não fundou o cristianismo, que é obra de seus discípulos (ROHDEN, 1970, p. 25).

Jesus se autorrealizou na sua cristificação. Saiu do ponto Alfa e foi até o ponto ômega, no dizer de Teilhard de Chardin (ROHDEN, 1995). A cristicidade leva ao reino de Deus, que como afirma o próprio, não se encontra nem aqui, nem acolá, mas dentro de cada um. Esse Cristo que habita dentro de cada um - é como as relações comerciais: o mercado nem é contra nem a favor – ele existe! É regulado por uma “mão invisível”, termo cunhado por Adam Smith.

Capelli, escritor espírita assim define o Cristo Cósmico:

O matemático não se arriscaria a negar a existência da incógnita no conjunto equacional, pelo simples fato de desconhecê-la. Pelo contrário, usando o raciocínio lógico, ele tem necessidade de sua existência e utilização para solucionar a equação, pois sem a existência da incógnita, mesmo desconhecida, a solução equacional seria impossível. Assim, temos que Deus é a grande incógnita da equação universal, que mesmo desconhecido, deve existir, para que possamos encontrar as respostas sugeridas pelo grande dilema da vida. Como o matemático, tomamos Deus como a incógnita e O colocamos em evidência, para que seja possível a resposta à grande equação da Criação. Não O vemos, mas O compreendemos e O aceitamos, logo Deus existe (CAPELLI, 1998, p. 14 e 14).

Da mesma forma em que a “mão invisível” de antanho desconhecida regula as relações do mercado³¹, a incógnita no conjunto equacional nos possibilita entender as relações do Universo, não mais desconhecida³².

O grande equívoco dos teólogos, doutrinadores e cientistas é pretenderem situar o Infinito Divino, que deve ser raciocinado com a métrica infinita, dentro dos limites finitos da métrica humana. Desse equívoco filosófico, doutrinário ou científico, resulta a concepção de um Deus antropomórfico, ou com formas definidas e limitadas ou a cômoda e irracional negativa de Sua existência. Cremos que Deus é o núcleo de poder, sabedoria, conhecimento e luz, que dá origem a tudo quanto existe e, por ser infinito em Seus atributos, não era e não padece das falências humanas. Desse núcleo de sabedoria e poder efluem leis imutáveis que regem o Equilíbrio Universal (CAPELLI, 1999, p. 3 e 4).

³¹ Hoje se sabe que a regulamentação do mercado é estabelecida por meio da oferta e procura.

³² Hoje se sabe que tudo o que existe no Universo é Luz ($E = m.c^2$)

O que aprendemos na catequese? Na Escola Dominical? Na missa ou no culto? O que nos revela a Bíblia?

Que Deus criou o homem do pó e, de uma de suas costelas criou a mulher. Ao homem ordenou que de todas as árvores do jardim do Éden poderia comer os frutos, exceto da árvore do bem e do mal, pois se assim o fizesse encontraria a morte. Mas, à companheira de Adão, Eva, apareceu a serpente afirmando que a fruta da árvore do conhecimento do bem e do mal não era mortífera, e que, na verdade, Deus queria evitar que eles fossem conhecedores do bem e do mal. Eva não só comeu do fruto proibido como também induziu o marido a fazê-lo e, incontinente, se viram nus. Diante do Senhor assumiram suas desobediências. A partir de então, teve a humanidade que conviver com o chamado “pecado original” transmitido em sua árvore de genes, e, para salvá-la desse pecado, a misericórdia divina prometeu um redentor, o filho de Deus, que faria a redenção por meio de seu sangue derramado na cruz.

Ora, o homem foi criado dentro da perfeição e para completá-lo Deus criou a mulher, que, inadvertidamente atendeu aos enganos da serpente, comendo o fruto do bem e do mal, e de quebra, levou seu companheiro à mesma desobediência, o que custou ao casal um castigo não só a ele, mas a toda a sua descendência. E mais, há mais de 2 mil anos um inocente foi crucificado para redimir da humanidade desse pecado.

O processo dessa suposta redenção é concebido pelos teólogos do seguinte modo: Deus fora gravemente ofendido pelo homem – como se Deus pudesse sentir-se ofendido! O homem era devedor, e Deus era o credor. Mas o homem-devedor não tinha com que pagar o seu débito. Então, o filho unigênito do Pai, o Cristo, na pessoa de Jesus, se ofereceu como pagador da dívida do homem insolvente e ofereceu a Deus, como preço do resgate, o seu próprio sangue, o único sangue não contaminado pelo pecado. Deus aceitou essa concordata e permitiu que homens criminosos derramassem o sangue dele, para que Deus se pudesse dar por pago pelos pecados da humanidade, e esta fosse, finalmente, declarada quite com a justiça divina (ROHDEN, 1970, p. 20/30).

Ao recorrermos à história da América, por exemplo, veremos que as civilizações, Asteca, Maia e Inca utilizou-se de sacrifícios humanos em oferenda

para quitação de dívidas e uma boa relação com os deuses; na Grécia Antiga, a imolação era feita contra a ira dos deuses e entre os judeus havia a cerimônia do “bode expiatório”, na qual esse animal era sacrificado no intuito de pagar o débito dos homens pecadores que, em um dado momento, utilizou-se do mais puro dos homens em substituição ao bode de antanho. Como absorver relatos como estes? É o que pergunta o homem contemporâneo.

O homem de hoje perdeu a segurança instintiva, porque em parte adquiriu liberdade intelectual. Comeu do “fruto proibido”, mas não comeu ainda do “fruto da árvore da vida”, que seria perfeita segurança com perfeita liberdade, que só é possível sob o regime do “sopro de Deus”, e não do “sibilo da serpente” (ROHDEN, 1981-2, p. 38).

Aquele que figura na etapa da *noos*³³, que ainda rumina o “fruto proibido”, guia-se pela inteligência - que é analítica - todavia, os que se acharam em logos, depois de digerirem o “fruto da árvore da vida”, guiaram-se pela razão - que é intuitiva. Não se tem notícias de que Einstein tenha se trancafiado em um laboratório antes de anunciar a Teoria da Relatividade. Ao contrário, ele desapareceu por dias, e voltou com os cabelos desalinhados e as roupas amassadas dando vista de que havia dormido ao relento, tomou um lápis e papel escrevendo a fórmula que iria mudar a concepção de mundo: $E = mc^2$. E nessa equação, energia e massa se equivalem, a diferença é a velocidade da luz. Quando lhe perguntaram como havia chegado a essa e outras conclusões sobre o Universo, respondeu: “Eu penso 99 vezes e nada descubro, deixo de pensar - eis que a verdade me aparece” (EINSTEIN apud ROHDEN, s/d-3, p. 43). Embora suas palavras expressem toda uma posição intuitiva (razão), há que se reconhecer que sua ação foi precedida pela inteligência analítica – “Eu penso 99 vezes”, o que demonstra que na caminhada do homem, o processo evolutivo não dá saltos.

³³ Teoria de Pierre Teilhard de Chardin que estabelece o roteiro científico da evolução do homem, “afirmando que essa jornada multimilenar começou na hilosfera (zona da matéria), passou pela biosfera (zona da vida), pela noosfera (zona da inteligência) e vai à demanda a logosfera (zona da razão espiritual); quando diz que essa viagem partiu do ponto alfa e vai para o ponto ômega”.

Todo o segredo da redenção, segundo o Cristo, é o despertar do elemento divino no homem. Todo homem é, segundo Ele, a “Luz do mundo”; mas, enquanto essa luz está debaixo do alqueire opaco do seu ego humano, pecador, o homem não está remido, embora tenha dentro de si a mesma luz cósmica que está no Cristo. Para redimir-se deve o homem colocar a luz divina no alto do candelabro da sua consciência espiritual, deve despertar em si a luz divina, o seu Cristo dormente, e colocá-lo no alto candelabro da sua consciência crística (ROHDEN, 1970, p. 34).

Huberto Rohden ao definir o Cristo e Jesus toma como referência o Evangelho de João:

1 – No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] 3 – Todas as cousas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.[...] 14 – E o Verbo se fez Carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como unigênito do Pai (Jo 1:1, 1:3,1:14).

João deixa claro que, antes de se fazer carne por meio de Maria, tendo em Jesus de Nazaré seu veículo visível, já havia o Verbo, ou seja, o Cristo Cósmico por intermédio do qual foram feitas todas as coisas. “E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17:5)

“Glorifica-me com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo”. Se Cristo é Deus e Deus creou tudo o que existe no Universo, quem haveria de ser o “Pai” com o qual esteve junto “antes que houvesse mundo”? A Divindade!

Sobre o Jesus que Rohden o identifica como o veículo visível do Cristo Cósmico, Boff escreve que,

O Jesus histórico não esgota em si todas as possibilidades contidas no crístico. O crístico pode emergir em outras figuras. Na verdade, emerge em cada pessoa humana, em todos os organismos vivos, em cada ser do Universo, na matéria, no mundo subatômico, nas energias primordiais. O crístico se encontra na raiz de todo o ser (2008, p. 161).

Porém, essa afirmativa de Boff, foi possível, pelo que, enquanto Jesus histórico, pôde o Cristo habitar entre nós, e nos afirmar a potencialidade de também habitar em nós.

Cristo! Um avatar - mensageiro da Divindade - como Krishna, Buda, Moisés e outros?

Através de todas as grandes religiões e filosofias da humanidade vai a alusão misteriosa aos avatares, palavra sânscrita para designar seres humanos, ou extra-humanos, descidos (avatara) de outras regiões do Universo e homificados ou encarnados no planeta Terra (ROHDEN, 1978, p 163).

[...] Desde o tempo dos Vedas, que remontam há 25.000 anos, a Índia conhece avatares que encarnaram na terra através de concepções imateriais, como Krishna e Buda, que se homificaram sem contato carnal entre homem e mulher (ROHDEN, 1978, p. 163).

Ele, que estava na glória de Deus, esvaziou-se dos esplendores da Divindade e revestiu-se de roupagem humana, tornando-se homem, servo, vítima, crucificado... Por isto, foi exaltado acima de todas as criaturas celestes, terrestres e infraterrestres – e todos confessaram que ele é o Senhor (ROHDEN, 1978, p. 166).

A tradição pode se intitular proprietária da verdade única? Eis a questão!

Questionamento longe da penumbra de um cemitério com um crânio humano sobre mão esquerda espalmada³⁴;

Questionamento de uma sociedade necessitada de uma mentalidade livre da teologia tradicional eclesiástica dominante e suas dissidências;

Questionamento na busca de nova concepção e fundamentação numa época na qual a ciência só aumentou o tamanho do mistério ao não cumprir a promessa do “reino de Deus na terra”, antanho prometido;

Questionamento de uma sociedade onde a palavra “individualidade” transformou-se em “individualismo”.

³⁴ Referindo-se a Obra Hamlet, de Shakespeare.

CONCLUSÃO

Natural de Braço do Norte, Santa Catarina, Huberto Rohden, foi preparado pelo coadjutor do vigário local, juntamente com outras crianças no latim, francês, matemática e, posteriormente encaminhado ao Colégio São José, em Pereci-Novo, no Estado do Rio Grande do Sul, onde 60 alunos eram preparados pelos padres jesuítas para o Seminário Maior de Porto Alegre. Declara que esses 12 anos de seminário em Porto Alegre e depois em São Leopoldo, para onde foi transferida a instituição, não chegaram a incutir-lhe entusiasmo decisivo para com o cristianismo. Em São Leopoldo viu desabrochar o escritor. Desde então, começou a publicar e nunca mais parou. Em janeiro de 1920, na comemoração de sua ordenação sacerdotal, publicou o seu primeiro livro, *Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo*, de um total de mais de oito dezenas, divididas entre autorais e traduções.

No ano de 1924, voltou a Pereci-Novo para o noviciado na Companhia de Jesus, província do Sul do país.

Uma viagem para a Europa possibilitou o aperfeiçoamento em Ciências Naturais, Teologia e Filosofia, nas universidades de Innsbrucks, (Áustria) Valkenburg (Holanda) e Nápoles (Itália). Obteve o título de doutor em filosofia e fez pesquisas em parapsicologia com um dos mais renomados cientistas da época, Aloísio Gatterer.

De volta ao Brasil, após o seu segundo “retiro espiritual” foi aconselhado pelo seu orientador a demitir-se da Ordem Jesuítica e ingressar no clero secular. Pela admiração que tinha pelo apóstolo Paulo, quiçá era esse o caminho – de evangelizador. Além do que, ao lado do sacerdócio, exerceu as atividades de professor, jornalista, palestrante, editor e escritor. Nesse período chegou a ser agraciado com o título de “Herói da Imprensa Católica no Brasil”. Sua casa editora Cruzada da Boa Imprensa, no Bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, dava sustentação ao movimento evangelizador Cruzadas, que se encontrava presente em 1/3 dos municípios brasileiros.

Sua aproximação do Cardeal Leme³⁵, do Rio de Janeiro, causou-lhe inveja por parte do clero brasileiro; porém, a gota d'água foram as publicações: *O Evangelho*, em uma tradução direta do grego, e o livro *Paulo de Tarso – o bandeirante do evangelho*, no qual além de enaltecer as virtudes do apóstolo como evangelizador, que inclusive renunciou a ajuda dos fiéis para a sua sobrevivência, criticou o comércio exercido no Brasil pelos seus pares, comparando-os a Demétrio, da cidade de Éfeso, que enricava explorando a fé dos fiéis por meio da venda dos chamados “*templos da deusa Diana*”. Isto foi o bastante para que lhe acusassem de estar a serviço do protestantismo e serem suas obras perniciosas ao catolicismo.

Com a morte do Cardeal Leme³⁶, o Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar D'Afonseca, com o apoio dos bispos daquele estado e do clero estrangeiro veiculou na imprensa oficial católica todas as acusações verbais até então proferidas contra o padre Rohden, que exigiu uma retratação por estarem todas as suas obras publicadas com o “imprimatur”. Se isso não bastasse, eram prefaciadas pelas mais respeitadas autoridades eclesiásticas. Não obtendo a resposta desejada, não restou senão demitir-se do clero e ir morar em um sítio no Estado do Rio de Janeiro, vivendo dos direitos autorais de suas obras e do que era produzido na sua propriedade campesina. Assim se encerrou sua vida clerical.

No ano de 1945, obteve uma bolsa de estudos na Universidade de Princeton, nos EUA, onde trabalhou como tradutor, escritor e professor universitário na cátedra de Filosofia Universal e Religiões Comparadas.

Nos Estados Unidos da América, novos horizontes. Primeiro, sua convivência com o físico Albert Einstein, cujo monismo da ciência o levou a admitir um monismo da metafísica; segundo, a iniciação na *Kryia-yoga*, por *Swami Premananda* diretor do *Ashram Golden Lotus Temple*; terceiro, o movimento *Self-Realization Fellowship*, levado para os EUA por *Paramanansa Yogananda*, e trazido para o Brasil por Rohden como modelo para o seu *Ashram Cosmorama*, na cidade de Jundiaí; e, quarto a formulação da Filosofia

³⁵ Cardeal Sebastião Leme.

³⁶ No ano de 1942.

Univérsica, que vislumbra a unidade fundamental do cosmos através de todas as diversidades periféricas: O UNO (causa) vertido na pluralidade do VERSO (efeitos), sintonizando a vida humana com o Deus do Mundo, no mundo de Deus.

No ano de 1970, publicou pela Editora Sabedoria o livro *O que vos parece do Cristo?* – uma tese sobre o personagem Jesus Cristo, partindo de uma indagação do próprio aos chefes da Sinagoga de Israel sobre quem lhes parecia o Cristo? Disseram-Lhe que Cristo era filho de Davi. Porém, Jesus rechaçou essa resposta com outro questionamento: se Cristo é filho de Davi, como este em espírito lhe chama-O de “meu Senhor”? Se filho é como é o seu Senhor? Jesus, sim, é descendente da casa de Davi, rei de Israel e pai de Salomão, mas Cristo, não! Cristo - é o Verbo que se fez carne e habitou entre nós, com potencialidade de habitar em nós. Entre os homens, era necessária uma realização plena para que pudéssemos ansiar por nossa autorrealização. Esse foi o objetivo pelo qual o Verbo se faz carne.

Temos que, o Cristo Cósmico é Deus – o unigênito do Pai (Divindade) que se fez carne por meio da Virgem Maria, uma jovem designada desde antes de sua existência terrena a receber o espírito do Cristo. O que se deduz é que o Cristo Telúrico é o mesmo Cristo Cósmico, e Jesus Nazareno o seu veículo visível.

Huberto Rohden, afirma que havia entre o Cristo Cósmico e Jesus Nazareno uma total interpenetração e permeação a tal ponto de nunca mais eles se separarem. Diz que o Cristo cristificou Jesus ao ponto de ambos subirem aos céus e juntos estarem por toda a eternidade. Admite ser em Jesus o Cristo Telúrico, e este o Cristo Cósmico que é Deus, filho unigênito do Pai, a Divindade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALGARVE, Oscar. *Jesus de Nazaré e a crítica histórica*. Rio de Janeiro: Germinal, 1962.

ARMOND, Edgar. *O redentor*. São Paulo: Editora Aliança, 1985.

BARSANULFO, Eurípedes. *A grande espera*. Psicografado pela médium Cori-na Novelino. Araras: IDE, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. *Novo Testamento*: Tradução do texto original grego, com as variantes da Vulgata e amplamente anotada. 4. Ed. Tradução Huberto Rodhen São Paulo: União Cultural Editora Ltda.,s/d.

BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Vozes, 1986.

BÍBLIA SAGRADA. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOFF, Leonardo. *Evangelho do Cristo Cósmico*: A busca da unidade do todo na ciência e na religião. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CAPELLI, Esse. *Crestomatia Espiritualista*: A grande síntese. Goiânia: Kelps, 1998.

_____. *Breves anotações sobre a Bíblia*. Brasília: Ipiranga, 1999.

CHALLAYE, Félicien. *As grandes religiões*. São Paulo: IBRASA, 1981.

CHARDIN, Pierre Teilhard. *O Fenômeno Humano*. São Paulo: Editora Herder, 1965.

COMTTE-SPOVILLE, André. Deus Existe? In: *O espírito do ateísmo*: introdução a uma espiritualidade sem Deus. Tradução de Eduardo Brandão, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

CRANSTON, Sylvia. Helena Blavatsky – *A vida extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno*. Brasília-DF: Editora Teosófica, 1997.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DIAS, Agemir de Carvalho. *Sociologia da Religião: Introdução às teorias sociológicas sobre o fenômeno religioso*. São Paulo: Paulinas, 2012.

D'OLIVO, Natalino. *Redescoberta do Cristianismo: visão histórica do cristianismo à luz do Espiritismo*. São Paulo: EDICEL, 1984.

DUPUY, Daniel Hammerly. *O super-homem na história*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1941.

BARROS FILHO, Clovis de, KARNAL, Leandro. *Felicidade ou Morte*. Campinas – SP: Papyrus 7 mares, 2016.

GIRARDI, Leopoldo Justino, QUADROS, Odone Jose de. *Filosofia*. Porto Alegre: PUC/EMMA, 1975.

GUILMARÃES, Neve-Ione Pereira. *O sermão da montanha na visão do filósofo cristão Huberto Rohden*. 2014. 168 f. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia/GO, 2014.

GUILMARÃES, Zoraida Hostermann. *Um pilar de luz no Cosmo, Huberto Rohden*. Florianópolis: Lunardelli Editora, 2000.

KENT, Paul. *Conheça sua Bíblia*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2014.

MCDOWELL, Josh. *Evidência que exige um veredito: evidências históricas da fé cristã*. São Paulo: Editora Candeia, 1996.

MARTY, Martin. *O mundo cristão: uma história global*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MESCHLER, S. J. *Maurício P. Jesus*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.

MILLECCO, Luiz Antônio. *Reflexões no meu além de fora*, ditado pelo espírito Delfos. Petrópolis: Sociedade Editora Espiritualista F. V. Lorenz, 1989.

_____. *Meu além de dentro e de fora*, ditado pelo espírito Delfos. Petrópolis: Sociedade Editora Espiritualista F. V. Lorenz, 1990.

_____. *O canto da vida*, ditado pelo espírito Delfos. Petrópolis: Sociedade Editora Espiritualista F. V. Lorenz, 1996.

MONIZ, Edmundo. *Canudos, a luta pela terra*. São Paulo: Global Editora, 1988.

MONTEIRO, Irineu. *Reflexões filosóficas*. São Paulo: Editora Alvorada, 1985.

MORUS, Thomas. *A Utopia*. Rio de Janeiro: Editora Escala, 2011.

OLIVEIRA, Nelci Silvério de. *O Sermão da Montanha. Goiânia*: AB editora, 2001.

PACHECO, Adebai. *A Bíblia – esclarecendo dúvidas e desvendando mistérios*. São Paulo: DPL, 2004.

PAGOLA, José Antônio e outros. *Olhos fixos em Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2014.

PALHANO Jr. L. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro: CELD, 1999.

PENZO, Giorgio. Friedrich Nietzsche (1844-1900): O divino como problematidade. In PENZO, Giorgio e GIBELLINI, Rosino (Orgs). *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. tradução Roberto Leal Ferreira.

REICH, Wilhelm. *O assassinato de Cristo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROHDEN, Huberto. *A Experiência Cósmica: textos inéditos*. São Paulo: Martin Claret, 1995.

_____. *A Nova Humanidade*. São Paulo: Fundação Alvorada para o Livro Educacional, 1978.

_____. *Agostinho: um drama de humana miséria e divina misericórdia*. São Paulo: Fundação Alvorada, 1976.

_____. *Catecismo da filosofia – verdades básicas sobre Deus, o homem e o universo, para todos os amigos da verdade na era atômica e cosmonáutica*. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1965.

_____. *Catecismo da filosofia: e outros opúsculos*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. *Cosmorama*. São Paulo: Martin Claret, 1990.

_____. *De alma para alma*. São Paulo: Alvorada. s/d-6.

_____. *Einstein, o enigma da matemática*. São Paulo: Alvorada, s/d-3.

_____. *Estratégias de Lúcifer*. São Paulo: Alvorada Editora e Livraria, 1981-2.

_____. *Irene: História Singela duma Florzinha Eucarística do Ceará*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.

_____. *Jesus Nazareno*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

_____. *Luzes e sombras da Alvorada*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., s/d-5.

_____. *Minhas Vivências na Palestina, no Egito e na Índia*. São Paulo: Alvorada, 1971.

_____. *Nosso Mestre: vida e doutrina de Jesus Cristo contado com as palavras dos quatro Evangelhos*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A. 1962-2.

_____. *Novos rumos para a Educação*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1960.

_____. *O caminho da felicidade*. São Paulo: Fundação Alvorada, s/d-2.

_____. *Orientando: breves respostas a perguntas frequentes*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S/A, 1965.

_____. *Paulo de Tarso*. São Paulo: Alvorada, 1981.

_____. *Por um ideal. Tomo I*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S. A., 1962.

_____. *“Que vos parece do Cristo?”*. São Paulo: Alvorada, s/d-1.

_____. *“Que vos parece do Cristo?”*. São Paulo: Sabedoria, 1970.

_____. *“Que vos parece do Cristo?”*. São Paulo: Alvorada, 1975.

SANTOS, Verdi Gonçalves dos (coord). *O pensamento vivo de Huberto Rohden*. São Paulo: Martin Claret, 1988.

SKA, Jean Louis. *O antigo Testamento: explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*. São Paulo: Paulus, 2015.

SCHIAVO, Luís; SILVA, Valmor da. *Jesus milagreiro e exorcista*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. Matão: Casa Editora O Clarim, 1980.

SOUZA, Osvaldo Rodrigues de. *História Geral*. São Paulo: Ática, 1980.

STORINOLO, Ivo e BALANCIN, Euclides Martins. *Conheça a Bíblia*. São Paulo: Paulus, 1986.

THOMAS, Henry. *História da raça humana*. Porto Alegre: Editora Globo, 1983.

VAINER, Nelson. *Theodor Herzl – cinquentenário da morte do visionário do Estado de Israel*. Rio de Janeiro: Monte Scopus, 1954.

YOGANANDA, Paramahansa. *Auto biografia de um Yogue*. Tradução de Adelaide Petters Lessa. São Paulo: Summus, 1981.

_____/ *Cristo y Krishna, Avatares de la verdade única*. Buenos Aires/Argentina: Editorial Kier, 1992.

WILSON, A. N. *Jesus, um retrato do homem*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

A UTOPIA. Disponível em:

<http://www.saraiva.com.br/a-utopia-col-saraiva-de-bolso-3674597.html>

Acesso em 18/jan/2016 Acesso em 20/fev./2016.

RODHEN, Huberto. AULA ministrada no Centro de Autorrealização Alvorada de São Paulo por Huberto Rohden, em 23/05/78. Disponível em:

<https://ihgomes.wordpress.com/2012/06/04/o-que-e-alvorada/>

Acesso em 20/jul./2016.

BESEN, J. Artulino Pe. Disponível em <https://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/padre-huberto-rohden-um-longo-caminho/>

Acesso em 18/jan./2016.

JOSEFO, Flávio. Disponível em

<https://marceloberti.wordpress.com/2011/04/29/josefo-e-a-historicidade-de-cristo/>

Acesso em 21/jan/2016.

PAULI, Evaldo. *Huberto Hodhen: um filósofo da religião*.

Disponível em <<http://alvoradarohden.blogspot.com.br/2012/05/professor-evaldo-pauli-exibe-seu.html>

Acesso em 18/jan/2016.

PAX ET BONUM, Disponível em

<<http://catolicismoemsegredo.spaceblog.com.br/>

Acesso em 20/fev/2016.

RELIGIÃO exercícios espirituais. Disponível em
www.domtotal.com/religiao/exercicios_espirituais/

Acesso em 20/fev/2016.

SUFIXO"ismo" e "dade". Mimiseven. Disponível em:

<http://mimiseven.Blogspot.com.br/2011/06/sufixo-ismo-e-dade.html>

Acesso em: 10/fev/2017

YOGANANDA. Disponível em

<http://www.yoga.pro.br/artigos/205/3047/a-ciencia-do-kriya-yoga>

Acesso em 24/fev/2016.

ULTIMA ENTREVISTA DE HUBERTO ROHDEN antes de sua morte concedida ao jornalista José Ítalo Stelle, publicada na revista Visão de 9/fevereiro/1981. Disponível em:

<http://www.triangulodafraternidade.com/2012/02/educacao-da-consciencia-entrevista-de.html>

Acesso em 20/jul/2016.

ANEXOS

Anexo A: Documento encaminhado ao seu superior com o pedido de demissão

Exmo. e Revmo. Sr. D. Jaime de Barros Câmara

Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro

Em 1944, ao completar 25 anos de apostolado sacerdotal e literário a serviço da Igreja, entreguei a V. Excia. Revma., cópia dum documento explícito entregue ao Cardeal-Arcebispo D. Sebastião Leme, em 1942, meses antes do falecimento dele, documento pelo qual depunha nas mãos da autoridade diocesana o meu mandato sacerdotal e me retirava definitivamente do Clero, pelas razões expostas no dito documento. Pedia eu a D. Jaime que fizesse publicar oficialmente essa minha declaração, para os devidos efeitos.

Dom Jaime, porém, achava possível, nesse tempo, que os autores responsáveis pela campanha difamatória movida contra minha pessoa e obra revogassem as graves calúnias contra mim espalhadas e que motivaram minha retirada do clero.

Entretanto, hoje já deve D. Jaime ter se convencido do que eu lhe dizia nessa ocasião – e o que dissera ao saudoso cardeal Leme – “quem teve a triste coragem para cometer tamanhas injustiças não terá a nobre coragem para se reparar”. E assim aconteceu. Não ignoro os esforços que D. Jaime envidou para conseguir que os culpados restabelecessem a verdade e a justiça – e eu lhe sou grato por suas bondades.

Pela presente carta confirmo o que disse na minha despedida de 1944, cujo conteúdo passo a resumir nos seguintes pontos:

1. Quando, em 1938, apareceu a grande edição do meu “Novo Testamento”, e, em 1939, a de “Paulo de Tarso” – ambos com a competente aprovação eclesiástica – iniciou certos elementos do clero, sobretudo do clero regular estrangeiro, veemente campanha difamatória contra estes livros e seu autor (ou tradutor), espalhando por todo o Brasil a calúnia de ter eu “vendido a minha consciência católica aos inimigos da igreja”, pelos quais teria sido pago para combater a igreja por meio desses livros. Milhares de católicos brasileiros

continuam até hoje envenenados por essa monstruosa calúnia – que nunca foi revogada.

2. Quando apareceram meus livros “Agostinho” e “Myriam”, devidamente aprovados pela autoridade eclesiástica, espalharam membros do clero e diversos órgãos da imprensa católica – entre eles a “Revista Eclesiástica Brasileira”, órgão oficial do clero, sob a responsabilidade dos franciscanos de Petrópolis, a calúnia de ter eu falsificado o “Imprimatur” desses livros, bem como o prefácio do livro “Agostinho” escrito por distinto sacerdote do sul. Nenhuma destas calúnias, largamente espalhadas por pessoas do clero, foi até hoje revogada, passando eu, perante o Brasil católico, como falsificador de documentos episcopais.

3. Em 26 de novembro de 1942, um mês após a morte do cardeal Leme, publicou todos os (13) bispos de São Paulo um documento oficial em que condenam e proíbem severamente todos os meus livros – uns 25 até então – como sendo perniciosos à fé católica: e em princípios de fevereiro de 1943 o arcebispo de Porto Alegre endossou, para a sua arquidiocese, esse mesmo documento. Ora, todos esses livros – à exceção de um só, e mesmo este único não foi até hoje condenado por meu superior eclesiástico – tem a expressa aprovação diocesana, e muitos deles, nesse mesmo ano de 1942, tinham sido novamente aprovados para novas edições. Além disto, 15 desses 25 livros condenados têm esplendidos prefácios de bispos e arcebispos, e 4 deles foram prefaciados pelo cardeal Leme – sendo, pois, evidente que não são perniciosos à fé católica, como afirmam em documento oficiais os ditos prelados – calúnia essa que até hoje não foi revogada.

4. Em 20 de agosto de 1944, o sacerdote estrangeiro P. Júlio Maria, em violento artigo de fundo de seu jornal “O Lutador”, publicado em Manhumirim, Minas Gerais, tentou lançar-me às mãos do Tribunal de Segurança Nacional, afirmando gratuitamente ser eu aliado a Hitler e “não me conformar com as derrotas” que o chefe do nazismo estava sofrendo nesse tempo. Esta infâmia inventada e assoalhada pelo Brasil por um sacerdote estrangeiro contra um cidadão brasileiro, estampada em um jornal católico sob o rótulo “com aprovação eclesiástica”, não foi até hoje revogada; e o superior diocesano do referido sacerdote recusou-se a exigir do caluniador a revogação dessa infâmia.

5. Boa parte dos caluniadores sacerdotais, além de arrasarem a verdade, a justiça, a sinceridade, a caridade e a disciplina eclesiástica, faltou também a mais comensal educação, apelidando-me, em órgãos da imprensa católica, de “excomungado, apóstata, Judas, cretino, cabotino, lama” (sic), e tachando meus livros aprovados por meus superiores de “perversos, venenosos, diabólicos” (sic) – e tudo isso sob o rótulo “com aprovação eclesiástica”.

Exmo. e Revmo. Sr. Cardeal-Arcebispo. É inegável que cada uma dessas injúrias e calúnias seria suficiente, por si só, para induzir um sacerdote a se retirar da convivência com uma classe onde semelhantes injustiças são perpetradas “com aprovação eclesiástica”, e impunemente tolerada por aqueles que, de forma alguma, as deviam tolerar.

Quanto a mim, nunca tive ordem alguma do meu superior diocesano para modificar uma só palavra nos meus escritos. Pelo contrário, ainda em 23 de maio de 1942, disse-me cardeal Leme, referindo-se a “Paulo de Tarso”: “Continue a escrever no mesmo espírito”. Cumpri essa ordem do meu superior. Se, errei, errei em perfeita obediência e harmonia com meu legítimo superior, e disto não me arrependo. Nunca nesses 25 anos do meu apostolado sacerdotal e literário, recebi do meu superior uma só palavra de censura, e disto me ufano. Sou, provavelmente, o único sacerdote católico do mundo que foi vítima de um verdadeiro dilúvio de injúrias e impropérios da parte de colegas seus, mas que nunca foi condenado por seu superior diocesano – e com esta consciência tranquila me retiro definitivamente do meio do clero.

Assim, difamado por numerosos e por alguns bispos e arcebispos perante milhões de patrícios meus, como traidor da causa que defendi por um quarto de século e pela qual sacrifiquei tudo; caluniado como falsificador de documentos episcopais; acusado de ter escrito e publicado mais de duas dúzias de livros perniciosos à fé católica; difamado gratuitamente como aliado do inimigo da minha pátria e réu de alta-traição – e tudo isto com a expressa “aprovação eclesiástica”, como consta de numerosos órgãos da imprensa católica – nada me restava fazer senão o que fiz e confirmo com esta carta.

Encanecido em incessantes trabalhos e lutas pelo triunfo do reino de Deus em terras de Santa Cruz, sempre em perfeita obediência e harmonia com os que

Deus me deu por superiores, como D. Jaime sabe: alvo do ódio, da inveja, do despeito e das calúnias de numerosos sacerdotes, como D. Jaime também sabe – é tempo para eu me retirar desse ambiente de discórdia, a fim de viver em paz os poucos anos de vida que talvez ainda me restem.

Escusado é dizer que nenhum livro publicado ou a ser publicado depois da minha despedida do clero terá “imprimatur” – que, aliás, seria perfeitamente inútil, uma vez que todos os livros que escrevi em 25 anos de abnegado apostolado literário foram por 15 bispos e arcebispos declarados “perniciosos à fé católica”, apesar de aprovados pelo meu superior e, pela maior parte, até prefaciados por eminentes figuras do episcopado.

A D. Jaime, pessoalmente, agradeço as bondades que teve para comigo, e faço sinceros votos por que D. Jaime ajude, na medida das suas forças, a reduzir o catolicismo brasileiro a um Cristianismo genuíno e integral, sincero desejo de todas as almas que querem viver como verdadeiros discípulos do Divino Mestre.

Continuarei, com a graça de Deus, a difundir, até ao derradeiro suspiro, o Evangelho do reino de Deus, a cuja causa consagrará a minha vida e em cuja defesa tive de sofrer tamanhas injúrias.

Esta minha despedida será publicada por mim, pela imprensa e por meio de avulsos, a fim de chegar ao conhecimento de todos os interessados. Solicito a D. Jaime o obséquio de querer também da sua parte cientificar desta minha resolução ao clero e aos católicos do Brasil.

Não responderei a invectiva alguma que a publicação que esta carta venha a provocar contra mim; queiram os descontentes entender-se diretamente com D. Jaime, e não comigo, que desde a minha despedida deixo de existir para a classe clerical. Os documentos a que esta carta alude, são públicos e apareceram estampados em letra de forma; outros serão públicos oportunamente.

Adeus!

Do servo em Xo. (ass.) Huberto Rohden.

Firma reconhecida no cartório do Dr. Fausto Werneck – Rua do Carmo, 64 – Rio de Janeiro (ROHDEN, 1962, Vol.2, p. 375 - 378).

Anexo B: Carta aberta a numerosos amigos iludidos

Desde que deixei as fileiras do clero romano a fim de manter fidelidade à catolicidade cristã, tenho recebido, e continuo a receber numerosas cartas, veementes umas, suaves outras, censurando a minha atitude e convidando-me a voltar ao romanismo clerical.

A todas essas pessoas, geralmente bem intencionadas, porém iludidas, passo a responder o seguinte:

1. Não abandonei o catolicismo, se com essa palavra se entende a catolicidade cristã, isto é, a universalidade do espírito do Cristo; pelo contrário, precisamente por não querer ser infiel ao espírito universal do Evangelho do Cristo é que tive de afastar-me do espírito da romanidade, que, como a própria palavra diz, não é universal, mas parcial, centralizado numa determinada cidade de certo país, ao passo que o Cristianismo é essencialmente universal (em grego, “Katholikós”, católico).

2. Nunca me revoltei contra meu superior eclesiástico, que, nesse tempo, era o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme; nunca recebi dele uma única censura, mas tão somente louvores e recomendações entusiásticas e de irrestrita solidariedade ao meu pensamento cristão, como, entre outros, provam diversas cartas dele que conservo, bem como os prefácios espontâneos escritos por ele para diversos livros meus. É, pois, deslavada mentira e vil calúnia o boato que o clero decadente espalhou contra mim, tachando-me de rebelde e revolucionário insubmisso – quando a rebeldia e insubmissão partiram precisamente desses padres e, infelizmente, também de alguns bispos e arcebispos, que, em flagrante contraste com as leis da igreja, proibiram como perniciosos à fé católica dezenas de livros meus explicitamente aprovados e recomendados, durante anos e decênios, como genuinamente católicos. Pergunto: onde está a rebeldia? Da minha parte ou da parte de meus inimigos? Pergunto ainda: como se pode servir a causa do Evangelho de Jesus Cristo, que são verdades, justiça e lealdades, com semelhante campanha de inverdade,

injustiça e deslealdade? “Ninguém pode servir a dois senhores!” Onde principia a tirania da matéria morta termina o domínio do espírito vivo!

3. É deslavada mentira também o que a imprensa clerical assoalhou contra mim, no sentido de eu ter forjado o “Imprimatur” e prefácio de alguns de meus livros, ou de ter modificado ao meu favor esses últimos. Em vez de espalhar levemente semelhantes calúnias, teria sido bem mais cristão e católico, embora menos romano e clerical, dirigir-se lealmente aos autores desses “Imprimatur” e desses prefácios para saber se eram genuínos e autênticos. Os rebeldes, porém, preferiram a esse caminho reto da verdade as veredas tortuosas da mentira. Convinha que abrissem o Evangelho e lessem a censura veemente que o divino Mestre fulminou contra seus colegas clericais da sinagoga de Israel, réus de crimes idênticos: “Aí de vós, guias cegos conduzindo outros cegos! Roubaste a chave do conhecimento do reino de Deus; Vós mesmos não entraís, nem permitis que os outros entrem!”

4. É também calúnia gratuita o que o clero rebelde assoalhou pela imprensa e oralmente: que eu havia sido pago pelo protestantismo para fazer a campanha do Evangelho de Cristo e recomendar a sua leitura e meditação diária aos católicos brasileiros. Nunca recebi um único centavo de ninguém para realizar essa campanha de evangelização, que nasceu de um imperativo categórico de minha consciência cristã, que até hoje considera a aceitação prática do espírito de Cristo a única esperança de salvação para o indivíduo e para a sociedade – isto é, o Evangelho puro e incontaminado, assim como brotou dos lábios e do coração do divino Mestre, e não em suas múltiplas adaptações aos interesses políticos e financeiros de grande parte do clero. Bem sei que não falta entre o clero quem faça a divulgação do Evangelho, em edições populares; mas sei também o que numerosos católicos me dizem: É necessário ter em casa uma edição católica do Novo Testamento ou da Bíblia inteira, não para ler e meditar esse livro, mas para mostrar o volume aos propagandistas protestantes e assim fechar a porta à invasão das Bíblias deles. Quer dizer: a palavra de Deus e a revelação de Jesus Cristo não são para serem meditadas e transformadas em norma de vida diária, mas para serem guardadas na prateleira da biblioteca, a fim de servirem, oportunamente, de “bucha” para os propagandistas protestantes. Não era esse o sentido da minha campanha pró-Evangelho. Em 5

ou 6 anos de viagens quase incessantes através de todas as latitudes e longitudes do Brasil, espalhei uns 8.000.000 (oito milhões) da minha folha volante “Lampejos”, quase gratuita, e realizei mais de 2.000 (duas mil) conferências, ensinando o povo como fazer das palavras de Jesus Cristo a norma suprema da sua vida. O clero nada receia da infiltração dos livros sacros nos lares católicos, enquanto esses volumes continuam empoeirados nas bibliotecas, para as traças; mas receia tudo de uma integração do espírito da revelação divina da alma do povo, porque essa infiltração, como já dizia o grande dominicano Lacordaire, conduz a alma humana rumo à “maturidade espiritual”. O clero decadente, porém, receia essa maturidade espiritual do católico, porque uma alma espiritualmente madura e cristãmente adulta não aceitará cegamente os dogmas do clero, que, em boa parte, nada têm que ver com o Cristianismo, e muitos deles lhe são diametralmente opostos. Por isso é do máximo interesse do clero romano (quando não suficientemente católico e cristão) manter o povo na ignorância do espírito do Evangelho, explicando-lhe apenas certas passagens menos “perigosas” e torcendo o sentido em prol dos interesses da hierarquia romana. Quanto mais o homem se cristifica pela assimilação do espírito do Evangelho mais se desclerica; mas, como o clero romano quer, acima de tudo, a sujeição cega e incondicional do povo a seu domínio, é lógico que rejeite todo e qualquer movimento que ponha em perigo esse domínio. O fim principal do clero romano não é a cristificação do homem, mas sim a sua clerificação. Aquela é política e financeiramente, estéril, esta favorece grandemente o prestígio político-social e a prosperidade econômico-financeira do clero.

Enquanto o sacerdócio continuar a ser uma profissão lucrativa e uma fonte de prestígio político, não há esperança alguma de que a situação melhore a favor do Evangelho de Jesus Cristo, que lançou o glorioso lema: “Daí de graça o que de graça recebestes!” Ora, ninguém pode comprar com preço material os valores espirituais; logo, não deve vender pela matéria morta da terra o espírito vivo de Deus, como tentou fazer Judas Iscariotes.

5. De vez em quando, alguns desses meus amigos iludidos apelam para meus cabelos brancos, e acha que é tempo para eu voltar à casa paterna. Quase todos esses apelos são feitos de boa fé, como suponho, porque as vítimas da teologia clerical crêem piamente que Deus é chefe do partido deles e de mais

ninguém; quem não é do partido do clero romano não é de Deus e do Cristo; e, como tal, esse homem inimigo de Deus e do Cristo terá de esperar tremendos castigos, se não agora, pelo menos depois da morte.

Considero um dos maiores crimes do clero iludir e escravizar deste modo a consciência do povo católico e mantê-lo acintosamente nesse erro secular. Enquanto o católico não for suficientemente cristão para ultrapassar as barreiras clericais do “Imprimatur”, da ameaça de “excomunhão” e outros fantasmas teológicos medievais, não há nenhuma possibilidade para chegar ao conhecimento da verdade e entrar na “gloriosa liberdade dos filhos de Deus”.

Esses bons amigos iludidos me consideram como um menino desobediente que fugiu da casa paterna, mas, ao cair da noite, se enche de medo e, se for sensato, resolve regressar ao lar a fim de se sentir seguro e salvo. A comparação pode ser muito engenhosa; tem de ruim apenas o fato de não se adaptar ao caso, porquanto esse “menino de cabelos brancos” tomou sobre si os maiores sacrifícios, afrontou todas as considerações humanas e sofreu todas as perdas materiais para obedecer ao chamamento do Cristo, que o convidou para arauto de seu Evangelho redentor. A essas horas poderia eu ser, como já me chamava a imprensa católica daquele tempo, o “herói nacional do catolicismo brasileiro”, o “Paulo de Tarso do Brasil”; poderia gozar da admiração de centenas de bispos, milhares de padres e milhões de católicos leigos; podia ver-me cercado e cumulado dos elogios e presentes de todo o beatério das sacristias – Filhas de Maria, Zeladoras do Apostolado, Damas de Caridade, Vicentinos, Moços Católicos, chefes e chefiados da Ação Católica, etc., etc. – poderia também nadar em rios de dinheiro, se quisesse, em vez de viver solitário no silencioso recanto onde estou escrevendo estas reminiscências. Nunca me arrependi de ter renunciado a “todos os reinos do mundo e sua glória”, que me foram oferecidos, porque a paz da consciência no serviço do Mestre me vale infinitamente mais do que tudo aquilo...

Numerosas pessoas piedosas, como me escrevem, vivem orando por mim; outras até fizeram voto de sacrificar o resto da sua vida pela minha conversão do catolicismo romano.

Confesso que sinto emocionado em face de tamanha dedicação, e daqui do silêncio da minha ermida, envio a todas essas almas a expressão do meu sincero agradecimento.

Não seria melhor, portanto, mais sensato e mais cristão, deixar a Deus a escolha? Não lhe prescrever, dantemão, o rótulo do partido ao qual ele me deva converter? É claro que eu e todos nós necessitamos de ulterior conversão, porque ninguém é perfeito – e são neste sentido que eu recebo as vossas orações e os vossos votos a meu favor. Desisti, porém, da ingenuidade de prescrever a Deus o “ismo” peculiar ao qual ele me deva converter. Abri as páginas do Evangelho, e nada disto encontrarei. O centurião romano de Cafarnaum, que era pagão, não foi convidado por Jesus para se converter ao judaísmo, “única religião verdadeira” daquele tempo, mas a sua fé e religiosidade foi proclamada pelo Divino Mestre como maior que outra qualquer que ele tivesse encontrado, mesmo em Israel. E o bom samaritano não era “herege”, na opinião dos sacerdotes de Israel? E não foi ele proposto por Jesus como modelo de espiritualidade, mesmo ao sacerdote e levita da impecável ortodoxia eclesiástica da época? Não devia Jesus ter mandado o centurião gentio e o samaritano herege “converterem-se” ao judaísmo da sinagoga?... E porque deve Deus ser obrigado agora a “converter-me” precisamente para o “ismo” do clero de Roma? Deus é tão pouco o chefe exclusivo do romanismo dos nossos dias como, naquele tempo, era chefe privativo do judaísmo, embora os sacerdotes, tanto daquela como desta seita, assim pensem e ensinem a seus ignorantes sequazes. (ROHDEN, 1962, vol. 2, p.337- 341).

Anexo C: Obras do filósofo Huberto Rohden

Entre 1919 e 1942 (em ordem alfabética)

A abelha Maja (Tradução)

A poesia de Jesus

Agostinho

Albores divinos

Alegorias

Alma Eucarística

Aos pés do Mestre (Tradução)

Crença e Descrença (Tradução)

Esplendores da fé

Evangelho ou Teologia?

Honra ao Mérito

Irene – uma florzinha do sertão

Luzes

Maravilhas do Universo

Metafísica do Cristianismo

Mistérios de amor

Novo Goffiné Brasileiro

Novo Testamento

Paulo de Tarso

Tú és o Cristo, Filho de Deus Vivo

Entre 1943 a 1995 (em ordem alfabética)

A arte de curar pelo espírito (Tradução)

A experiência Cósmica (Póstuma)

A filosofia contemporânea
A Mensagem viva do Cristo (Tradução)
A metafísica do Cristianismo
A Nova Humanidade
A sabedoria das parábolas
A voz do silêncio
Aconteceu entre 2000 e 3000
Assim dizia Mahatma Gandhi
Assim dizia o Mestre
Auto-iniciação e cosmo-meditação
Bhagavad Gita (Tradução)
Catecismo da filosofia
Ciência, milagre e oração são compatíveis?
Cosmorama
Cosmoterapia (Póstuma)
De alma para Alma
De onde? Para onde?
Deus
Dias de grande paz (Tradução)
Educação do homem integral
Einstein – o enigma da matemática
Em comunhão com Deus
Em espírito e verdade
Entre dois mundos
Escalando o Himalaia
Estratégias de Lúcifer
Filosofia Cósmica do Evangelho

Filosofia da arte
Filosofia Univérsica
Ídolos ou Ideal?
Imperativos da Vida
Isis
Jesus Nazareno (2 volumes)
Lampejos Evangélicos
Lúcifer e Logos
Luzes e sombras da Alvorada
Mahatma Gandhi
Maravilhas do Universo
Minhas vivências na Palestina, Egito e Índia
Myriam
Novos rumos para a educação
O caminho da felicidade
O Cristo Cósmico e os Essênios
O drama milenar do Cristo e do Anticristo
O espírito da filosofia oriental
O homem
O homem e o Universo
O Nosso Mestre
O pensamento filosófico da Antiguidade
O quinto Evangelho de Tomé (Tradução)
O Sermão da Montanha
O triunfo da vida sobre a morte
Orientando
Pascal

Por mundos ignotos
Por um ideal – autobiografia (2 volumes)
Porque sofremos
Profanos e Iniciados
Que vos parece do Cristo?
Roteiro Cósmico
Rumo à consciência Cósmica
Sabedoria das parábolas
Saúde e felicidade pela Cosmo-meditação
Setas na encruzilhada
Setas para o infinito
Tao-Te-King (tradução)

Anexo D: Foto oficial do filósofo e professor Huberto Rohden



Anexo E: Aula ministrada no Centro de Autorrealização Alvorada de São Paulo pelo filósofo e professor Huberto Rohden em 23/05/7837

*Colaboração do transcritor José Airton Barros de Araújo – de Santa Rita – PB

Escute, a Alvorada existe no mundo inteiro, em todos os 05 continentes do globo, com outro nome, mas com a mesmíssima orientação, o mesmo espírito universal – isso é o que nós temos.

Começou depois da primeira guerra mundial, depois da devastação da Europa pelo Kaiser e intensificou-se depois da 2ª guerra mundial, do Hitler, porque os povos europeus compreenderam pouco a pouco que nós precisamos criar uma mentalidade extrateológica, supra-eclesiástica, que não basta pertencer a esta ou aquela igreja cristã e é preciso de uma coisa muito mais universal para melhorar a mentalidade humana e a vida humana.

Então se criaram em diversos países este movimento que não pertence a nenhuma igreja, que não pertence a nenhuma seita, que não se guia por nenhuma teologia propriamente, mas sim pela experiência direta de DEUS. Na Alemanha eu conheci muito este movimento durante quatro anos com o nome de Neugeist (Novo Espírito). É um grande movimento, um movimento de iniciativa maravilhosa. Na Inglaterra se chama New Outlook (Nova Perspectiva), é a mesma ideia, nos Estados Unidos se chama New Thinking (Novo Pensamento), mas é mais conhecido nos Estados Unidos como Self-Realization (Auto Realização). Esta palavra já veio da Índia e hoje inclusive nos Estados Unidos e nos outros países também. No Zen-Budismo do Japão também existe com o nome de Seicho No Ie (A Harmonia Universal). Mas infelizmente aqui no Brasil deturparam com pouco espírito do Japão como os outros, porque lá ele

³⁷ Mantivemos o texto transcrito em sua originalidade em respeito ao transcritor José Airton Barros de Araújo – de Santa Rita – PB.

era rigorosamente místico, ético e vertical como as outras. Aqui recebeu um pouco de caráter social em vez de um caráter espiritual. Eu introduzi este movimento no Brasil em 1952, quando eu voltei dos Estados Unidos, onde eu fazia parte da Self-Realization, estive três anos lá com a Self-Realization de Washington, dirigida por um Swami Premananda e muitas vezes eu mesmo dirigia as reuniões. Quando ele viajava, eu tinha que dirigir, então voltei do Estados Unidos em 1951 e em 1952, continuei aqui, este mesmo movimento mundial, que lá tem outros nomes, mas com o mesmo Espírito, introduzi aqui com o nome de Alvorada, completamente seria Alvorada da Consciência Cósmica ou Alvorada da Nova Humanidade.

Oficialmente a Alvorada está registrada como Instituição Cultural e Beneficente Alvorada, não lucrativa, isto é importante saber, porque nós não somos nenhuma sociedade comercial. Muitos confundem a Alvorada com a Fundação, um dos nossos alunos, o Claret, fundou uma casa editora para publicar os meus livros e outros congêneres e lhe deu o nome de Fundação Alvorada para o Livro Educacional, isto é uma casa editora, uma sociedade comercial, portanto, e a nossa Alvorada aqui, não é sociedade editora nem é sociedade comercial, nós somos exclusivamente, aqui, Centro de Autorrealização Alvorada, isto é para o nosso uso interno, Centro de Autorrealização Alvorada, oficialmente iniciada como Instituição Cultural e Beneficente Alvorada.

Nós não somos sociedade lucrativa, mas, como temos muitas despesas, temos as nossas propriedades rurais lá perto de Jundiá com o sítio, com o Ashram, com a casa de meditação, e tudo isto que nos dá muitas despesas, cada ano: Imposto predial à prefeitura, luz elétrica, água, operários e muitos concertos e melhoramentos. Desde o ano passado temos isto aqui – eu dei o que era a minha casa antiga lá em baixo e dei também o meu terreno. E a Alvorada construiu aqui com contribuições espontâneas este salão em que estamos agora. Tudo isto é propriedade da Alvorada, quer dizer, temos o patrimônio rural da Alvorada lá fora

que eu doei, que era meu antigo sítio e temos a propriedade urbana, aqui, que foi a minha antiga casa – que também doei para a Alvorada. Não vendí, doei, aqui não se vende.

Bem, quer dizer, nós temos que manter as coisas que temos na Alvorada, tanto fora como dentro de São Paulo, por isso é que vocês pagam as aulas... vocês não devem pensar que alguém seja pago. Na Alvorada tudo é de graça, todos os funcionários da Alvorada, Eu, o secretário, a secretária, o tesoureiro, conselho construtivo, todos trabalham inteiramente de graça. Ninguém ganha um tostão, ninguém... todo o dinheiro vai para manutenção daquilo que já existe e para as despesas anuais que temos. As vossas contribuições para as aulas são para este fim, exclusivamente.

A mesma coisa a venda dos livros, porque a Casa Editora que é a fundação, publica os meus livros (e outros livros) e dá uma porcentagem para a Alvorada para o Centro de Auto Realização Alvorada. Esta porcentagem que a Casa Editora dá é aquilo que nós, vendemos os livros pelo mesmo preço das livrarias. Nós temos uma porcentagem para manter a nossa Alvorada. Por isso é conveniente não pedir descontos quando se compra os livros (risos dos alunos)... porque não é nosso o dinheiro, este dinheiro que vocês pagam pelos livros, não é de ninguém. Não é meu, não é de Dona Amélia, não é de ninguém – é para as obras da Alvorada. Por isso vendemos os livros pelo mesmo preço das livrarias e pelo mesmo preço da casa editora, mas com um pequeno lucro para as obras da Alvorada, isto é mais um parêntese.

Bem, então em 1952 eu introduzi a Alvorada aqui em São Paulo e ela está ramificada por outras cidades, no Rio de Janeiro tem o seu Ashram também, em Porto Alegre também tem reuniões regulares de meditação e em muitas outras cidades, em Goiânia!!!, Onde eu ia regularmente tem um grande movimento da Alvorada, com meditação.... não tem casa de retiro mas vão fazer.

Qual é o Espírito Central desta Alvorada mundial em qualquer país do mundo? É o mesmo Espírito, podemos dizer que consiste no Monismo Absoluto. Monismo quer dizer 'Um só DEUS que se manifesta de vários modos', UNI VERSO. Realmente Filosofia Univérsica, eles não usam esta palavra que eu inventei. Filosofia Univérsica, mas é a mesma coisa. É preciso ter conhecimento direto, imediato, experiencial, de um Poder Supremo, porque isto é uma realidade inegável. Existe um Poder Supremo no universo, vocês podem chamar este Poder Supremo como quiserem, podem chamar DEUS, mas não pensem que pode ser uma pessoa.

A Alvorada não aceita DEUS como pessoa, que isto é teologia. Então recaímos na teologia e DEUS não pode ser pessoa, nem uma, nem três. Bem, DEUS é uma realidade, uma força, DEUS é uma inteligência, DEUS é uma Consciência Cósmica, DEUS pode ser chamado de A Vida Universal do Universo. Eu acho que a palavra VIDA seria uma ótima coisa para DEUS. A vida Universal do Cosmos que se manifesta nos seres-vivos, mas nós não podemos ver a vida, nós só podemos ver os seres-vivos que são emanações da Vida Universal.

Então..., a Alvorada reconhece que há um Poder Supremo. Logo nós somos ateus, nós não negamos um Poder Supremo, nós aceitamos um Poder Supremo e invisível que dirige todos os destinos do universo, isto é, nós chamamos isto de monismo, não monoteísmo. As igrejas usam monoteísmo quando falam num deus pessoal. Os monoteístas sempre aceitam um deus pessoal. Todos monoteístas, muitas igrejas cristãs são monoteístas, todas, não são politeístas nem panteístas, são monoteístas... Um só deus. Mas nós não professamos propriamente monoteísmo, porque não aceitamos DEUS como uma pessoa, como um indivíduo. E os monoteístas entendem todos, que DEUS é uma pessoa. Naturalmente não uma pessoa humana, mas uma pessoa cósmica...

Mas, mesmo isto as Alvoradas não aceitam em nenhum país do mundo; que DEUS seja uma pessoa. DEUS é uma Realidade Invisível, um Poder, uma Força,

uma inteligência, uma Consciência, uma Vida Universal – isto nós entendemos por DEUS. Melhor chamar DEUS a Divindade, porque DEUS é uma palavra, um substantivo masculino. E logo pensamos em pessoa, porque DEUS é um substantivo masculino – e logo pensamos em pessoa, o Pai. Mas quando dizemos Divindade, que não é masculino nem feminino, mas Universal. A palavra Divindade é um substantivo mais completo, mas a palavra Deus é um substantivo concreto. De maneira, para o melhor seria, aceitarmos uma Divindade Universal, que tem muitos nomes entre os homens.

Os Hindus chamam esta Divindade, Bramam, os chineses chamam esta Divindade Universal, Tao. Os antigos judeus chamavam e chamam hoje ainda esta Divindade Universal, Javé, e é assim em muitos outros. Os filósofos dizem: O Infinito, O Absoluto, O Eterno, O Universal – são expressões da filosofia de muitos países. Seja como for, o certo é que há uma Realidade, um Poder, uma Inteligência Cósmica, uma Consciência Cósmica, uma Vida Universal que dirige todos os destinos deste universo.

Um grande pensador do século XVII, Benedito Spinoza, que é filho de pais portugueses, mas nasceu na Holanda (para todos os efeitos ele é holandês porque nasceu em Amsterdam, mas os pais eram portugueses que imigraram para a Holanda e falavam o português em casa). Nasceu Benedito Spinoza, que aos 24 anos, este grande pensador já conhecia todas as filosofias do mundo, orientais e ocidentais, antigas e modernas – era um gênio de primeira ordem, Benedito Spinoza. Mas ele era monista absoluto, afirmava que DEUS é a Alma do Universo e o Universo é o Corpo de DEUS. Como ele era judeu, a sinagoga de Amsterdam não tolerou isto, porque ela é monoteísta e não é monista.

E como Spinoza era absoluto monista, que não aceita um deus pessoal, mas somente um Deus Universal, ele foi expulso, excomungado pela sinagoga de Amsterdam... Pois também a sinagoga excomungava. Excomungou e declarou que ele era herege e maldito. Benedito Spinoza, calmamente aceitou a

excomunhão, era muito pobre. e continuou a ser monista como sempre. Não brigou com a sinagoga porque ele disse, “eles não sabem, eles não sabem essas coisas...” E desde então nós temos a maravilhosa definição que Espinoza deu de DEUS, “DEUS é a Alma do Universo... Este Universo visível é apenas o corpo de DEUS”. Chama DEUS a parte invisível do universo e chama o universo visível, o corpo de DEUS. Uma definição maravilhosa: a parte visível é o corpo de DEUS, tudo que nós podemos ver, ouvir e tanger. Tudo isto é como se fosse o corpo da Divindade e a própria Divindade, Spinoza chama de “A alma do Universo”. Isso é monismo, não é monoteísmo.

É bom não confundir monismo com monoteísmo. O monismo aceita só uma essência que se manifesta em muitas existências. A essência é o que Spinoza chama Alma e as existências é o que ele chama de corpo. O que nós podemos ver, ouvir, tanger chama-se existências: existências materiais, existências vegetais, existências animais, existências humanas... tudo isto é existência. Mas nós não podemos ver a essência, a essência é a realidade invisível, intangível, completamente impossível de perceber. Isso é a essência da Divindade, é a essência que está em todas as existências. Quer dizer, o Infinito está em todos os finitos, o invisível está em todas as coisas visíveis. O intangível está em todas as coisas tangíveis, isto é, a essência está presente em todas as existências... Isso nós chamamos monismo. Mono é a palavra grega para um, único.

A única essência está na pluralidade das existências, esta é a ideia fundamental da Alvorada em todos os países. Não professam monoteísmo, porque devia aceitar DEUS como pessoa, o que é impossível. Também não professam ateísmo, negando que haja um poder supremo. Também não é panteísmo. Muitos nos acusam de sermos panteístas.

Há pouco o grande sábio francês de quem já falei – Teilhard de Chardin, este grande cientista francês – escreveu muitos livros maravilhosos, e ele foi acusado

pelos teólogos cristãos, de panteísta... Porque Teilhard de Chardin esteve 20 anos na China, lá do outro lado de Pequim, fazendo escavações geológicas e paleontológicas... Até descobrir um esqueleto humano, o Sinantropos, que era um pré-histórico.

E quando ele voltou para a Europa, depois de 20 anos ter estado na China e ter se inteirado em toda filosofia oriental, ele foi chamado de panteísta. Porque Teilhard de Chardin disse que tinha encontrado DEUS por toda parte na China. Ele tinha encontrado DEUS nas pedras, tinha encontrado DEUS até nos esqueletos, debaixo da terra, tinha encontrado DEUS nos ossos, em tudo. Isso eles chamaram panteísmo. Nós chamamos isso, monismo, não é panteísmo – qual é a diferença entre monismo e panteísmo?

Se nós identificássemos a existência com a essência, isto seria panteísmo, mas nenhum gênio faz isto. Nós dizemos que a essência se manifesta através das existências. O invisível se revela através do visível, mas o visível não é o invisível; apenas o invisível está presente em todos os níveis. Isso é o que nós chamamos monismo. Mas os que não sabem pensar direito confundem monismo com panteísmo e dizem que nós somos panteístas – porque não somos monoteístas, que aceitam Deus como pessoa. Mas também não dizemos “esta pedra é DEUS!”, isto é panteísmo, “este animal é DEUS”, isto ninguém pode dizer. Nós podemos dizer “nesta pedra está presente a essência de DEUS” – “Nesta planta está presente a essência Divina”, mas esta planta como existência não é DEUS... A existência não é DEUS, a existência é o corpo, e a essência é a Alma. A Alma da Divindade está em todos os corpos visíveis, e é preciso ter ideia clara sobre isto. De maneira que nós podemos dizer “O Infinito está presente em todos os finitos”, e todos os finitos estão no Infinito, isto é absolutamente certo.

Se alguém leu a verdadeira biografia de Francisco de Assis, não aquela bagunça que fizeram ultimamente, falsificando a vida de Francisco de Assis, até no

cinema. Mas a verdadeira vida de Francisco de Assis. Ele via DEUS em tudo, Ele tinha um dom especial de clarividência, de consciência cósmica. Via DEUS numa pedra e amava as pedras porque via a presença de DEUS nas pedras... Amava as flores e as plantas, porque ele via intuitivamente a presença da essência Divina em todas as existências materiais. Gostava dos animais, dos peixes, dos passarinhos, irmão lobo e até irmã lua, irmão sol... E assim por diante. Chamava a todos de irmãos e irmãs, porque ele sentia que éramos todos filhos da mesma Divindade. E se todos são filhos da mesma divindade, eu também sou filho da divindade, então todas as criaturas são meus irmãos, é claro. Somos uma grande família cósmica, cujo único Pai é o Infinito Invisível e nós somos todos irmãos e irmãs entre nós.

Nós podemos pensar isto, mas pra nós é um pensamento muito artificial, poético, talvez, mas para Francisco de Assis isto não fosse um pensamento poético. Isto era uma intuição cósmica que ele tinha. Ninguém sabe como ele chegou a isto desde jovem – que via DEUS em tudo. Mas ele não dizia que “Este passarinho é DEUS”, o irmão lobo é DEUS, o irmão sol é DEUS, a irmã lua é DEUS, não. Ele nunca caía no panteísmo, mas ele via o Invisível através de todo visível.

Os nossos sentidos só percebem o visível, não podem perceber o Invisível. Mas quando nós vemos o visível e temos a intuição espiritual de que este visível não é apenas esta casquinha, esta periferia que eu vejo... Eu posso ver só as coisas visíveis, mas sentir e intuir que para além dessas casquinhas visíveis há uma realidade invisível que não é idêntica com a casca. É uma espécie de alma a presença de DEUS em todas as coisas. Então, em todas as coisas há o corpo que nós vemos, ouvimos e tangemos. Isso todo mundo pode ver pelos sentidos normais. Mas nem todos percebem a presença de um poder invisível que criou, fez produzir através de muitos canais esta coisa visível. Quando alguém percebe isto naturalmente, sem muito esforço, e sem fazer poesia, mas simplesmente

como realidade... Isto é pura realidade – ver a Alma invisível da essência através de todos os corpos visíveis das existências...

Esta ideia da Unicidade da Essência na pluralidade das existências... É bom, tomar mais ou menos estas palavras: a unidade e a Unicidade da Essência Divina na pluralidade de todas as existências: materiais, vegetais, animais, hominais – seja qual for a existência.... Seja do mundo mineral, seja do mundo vegetal, seja do mundo animal, seja do mundo hominal... São existências visíveis, audíveis e tangíveis. Nós podemos verificar pelos cinco sentidos (as existências) e podemos analisar pela mente as existências, mas nós não podemos ver, ouvir, tanger a Essência. Também não podemos analisar mentalmente a Essência de DEUS.

A Essência invisível que está nas existências visíveis não é possível atingir pelos sentidos, nem sequer pela inteligência. Se nós não ultrapassarmos os cinco sentidos e ultrapassarmos também a própria inteligência, nós nunca chegaremos até a Essência. A Essência é da Consciência Cósmica, as existências são tudo dos sentidos e da nossa mente. Portanto, aquele que nunca ultrapassou a sua consciência sensorial dos sentidos e sua consciência mental da inteligência não sabe nada da Essência divina. Ele pode crer numa essência divina como as igrejas exigem. As igrejas se contentam com o crer, as igrejas realmente não exigem que se tenha a experiência de DEUS. Exigem que a gente creia em Deus. Você aceite que há um Deus, chega.

Mas nós não estamos dentro de nenhuma igreja. Nós não somos contra nenhuma igreja. Nenhuma Alvorada em nenhum país do mundo é contra nenhuma igreja. Mas também não são pró. Nem pró, nem contra. Onde é que estão as Alvoradas? Estão além de qualquer teologia. Além de qualquer igreja. Por isto na Alvorada de qualquer país do mundo podem vir cristãos, pagãos, judeus, mulçumanos, isto não faz diferença nenhuma. Porque nós não fazemos cristianismo, nem paganismo, nem judaísmo, nem islamismo. Não somos nem

pró nem contra nada disto. Nós estamos além de qualquer ismo. A Alvorada nunca pode ser um ismo. Porque ismo pode ser uma seita. Qualquer espécie de seita é um ismo. Acaba tudo em ismo. Mas quando se tem uma experiência direta, imediata da realidade divina, da essência..., não através dos sentidos, nem através da inteligência, nem através de uma crença teológica, mas pela intuição da própria realidade... Então está no coração da Alvorada, ou em qualquer movimento congênere com outras palavras que ensinam a mesma coisa.

De maneira que a Alvorada exige, ou quer que toda pessoa que acompanhe o movimento, cedo ou tarde chegue a ter uma experiência direta e imediata de Deus... Não através dos sentidos, que é impossível, nem através da inteligência que também é impossível, nem através de uma boa fé numa crença que isto pode ser que seja Deus, mas não é uma experiência direta de Deus.

O crente que apenas crê em Deus faz muito bem. Se não pode fazer mais do que crer em Deus, contente-se com isto. Mas pouco a pouco tem que ir além da crença. A crença não é última, é uma coisa penúltima. Quem não pode ir além da crença, fica dentro da sua crença. É melhor ser crente do que descrente. E se alguém não é capaz de ultrapassar a sua crença teológica da sua igreja, então fique lá onde se sente bem. Fica dentro do seu nível de evolução. Está no nível de evolução da crença (e muitos estão – o grosso da humanidade) – alguns estão na descrença que é pior. Mas os cristãos estão geralmente numa crença em Deus.

Eles chamam isto fé – geralmente não é fé, é outra coisa. Fé já é experiência de Deus. Mas eles confundem crer com ter fé. Crer é um ato de boa vontade – crer em Deus. Ter fé é ter experiência de Deus. Fé em latim fides – quer dizer fidelidade, alta fidelidade, alta harmonia, alta sintonização da minha consciência com a consciência divina – isto é fé. Nós não devíamos confundir crença com fé, mas todo o mundo faz. Crer em Deus não é suficiente, é preciso ter fé em Deus.

Se eu tenho fé em Deus eu sintonizo em alta fidelidade a minha consciência humana com a própria consciência divina. Fides em latim é o radical de fidelidade. E fé em português vem de fides. Estabelecer uma harmonia de alta fidelidade entre a minha alma e o espírito de Deus, isto seria fé. Mas é muito mais do que crença. Crença é uma coisa muito provisória. A fé nos salva, mas não a crença propriamente. Dizem: “quem crê será salvo, quem não crê será condenado”. Isto não está no Evangelho. No Evangelho está: “quem tiver fé este é salvo, mas quem não tiver fé, este não é salvo”. Mas eles traduzem crer em vez de ter fé.

De maneira que na Alvorada nós não insistimos em que alguém creia em Deus. Também não aconselhamos que descreiam em Deus. Nem que creiam, nem que descreiam. Nós exigimos muito mais do que qualquer teologia exige. Exigimos que alguém tenha experiência direta e imediata entre sua alma humana e o espírito de Deus. Que estabeleça um traço de união que lance uma ponte entre sua consciência humana e a consciência divina. Isto é a última palavra na evolução espiritual da humanidade.

Os grandes místicos tinham isto. Buda sabia por experiência própria o que era Deus. Mahatma Gandhi fala em Deus como quem sabe o que é Deus e não quem crê em Deus. E, sobretudo Jesus, o Cristo. “Nós sabemos o que dizemos” diz, “e damos testemunho daquilo que vimos, e vós não tendes fé” Há uma censura que ele faz seus discípulos. Nós, ele, sabemos o que dizemos... Ele nunca disse que ele cria em Deus. Ele nunca usou a palavra crer. Ele não era um crente, ele era um sábio. Ele sabia por experiência íntima o que era Deus que ele chama Pai. A divindade ele sempre chama Pai. E nós damos testemunho daquilo que vimos, naturalmente não com os olhos do corpo, mas com os olhos da alma. São os grandes místicos, os grandes iniciados que sempre existiram desde o princípio do mundo.

Não é novidade. Desde que a humanidade existe, existiram certas pessoas avançadas na evolução espiritual que sabiam pela visão espiritual da sua alma... Não pela visão corporal, que é impossível, mas por uma intuição ou por uma consciência cósmica. Sabiam por experiência o que era Deus. E quando alguém sabe o que é Deus, está definitivamente salvo. Nunca mais pode não saber. Quem hoje sabe por experiência, amanhã pode não saber por falta de experiência. O que nós cremos, nós podemos descrever amanhã. Os crentes de hoje podem ser descrentes amanhã. Também vice-versa. O descrente pode ser um crente. Há ida e volta para a crença. Para a experiência não há ida e volta.

Vocês só podem ir para a experiência, mas não podem voltar da experiência para a in experiência. Se alguém sabe por intuição imediata o que é Deus, ele sabe por toda eternidade. Nunca mais pode ignorar o que é Deus. Isto é experiência direta e imediata. É o grau mais alto da evolução humana que alguns tinham e que pouco a pouco toda humanidade deveria ter. Não apenas falar em Deus, não fazer discurso sobre Deus, não escrever coisas bonitas sobre Deus. Não só pensar em Deus. Não apenas crer em Deus. Tudo isto é provisório, é jardim da infância, ou escola primária. Mas, se alguém ultrapassou todo jardim da infância, e todas as escolas primárias e secundárias e entrou na Universidade do espírito, então ele sabe com absoluta certeza, tão certo como 2 e 2 são 4, que Deus é uma realidade e que está presente em toda parte. Não existe nenhum lugar no céu e na terra onde Deus não esteja presente. A onipresença de Deus é absolutamente certa.

Nós não temos consciência desta presença de Deus, mas quando alguém tem consciência da presença de Deus, então ele entrou no último estágio da sua evolução. Ele sabe por experiência ou por consciência própria que Deus é uma realidade, ele está por toda parte e que ele agora conscientizou. Conscientizar a presença de Deus é a coisa mais elevada que existe.

Leiam aquele livro: “A Arte de Curar pelo Espírito”. O autor (Goldsmith) tinha a consciência da presença de Deus. Ninguém pode escrever assim como ele escreve que não tenha experiência direta da presença de Deus. E ele curava as doenças através da consciência da presença de Deus. Não é a presença de Deus que nos cura, senão não haveria doenças porque Deus está em toda parte. Dentro da presença de Deus podemos morrer de qualquer doença porque a presença de Deus é um fato universal. Agora se alguém adquire a consciência da presença de Deus, isto é outra coisa. Poucos adquirem. Poucos na humanidade atual têm a consciência nítida da presença de Deus nele... Que Deus está nele e que ele está em Deus e que Deus está por toda parte. Este é o grau mais alto da evolução.

Isto é o fim supremo da Alvorada em qualquer país do mundo: chegar até à experiência imediata da consciência direta da divindade. Por isso é que nós fazemos meditação. (Toda 2ª feira à noite nós fazemos meditação em profundo silêncio aqui). Porque durante a meditação nós eliminamos os sentidos, eliminamos os pensamentos, eliminamos até a vontade e a crença; isolamos-nos no espírito de nossa própria alma. E como nossa alma pode ver Deus, então podemos ter certeza de Deus. Se conseguirmos sintonizar perfeitamente o nosso espírito humano, a nossa alma com o espírito de Deus, então nós sabemos com absoluta certeza o que é Deus. Por isto é que fazemos meditação aqui. A coisa mais importante da Alvorada é a meditação. As aulas são necessárias para orientar, mas a última palavra é sempre experiência pela meditação. E os que fazem corretamente a meditação chegam cedo ou tarde a uma verdadeira experiência de Deus. E quem chegou a uma experiência de Deus modifica toda a sua vida para melhor. Se alguém tem experiência de Deus não pode mais mentir, odiar, matar alguém, defraudar, enganar os outros, porque tudo isto é incompatível com a consciência da presença de Deus. Mas quem não tem nenhuma consciência da presença de Deus pode fazer tudo isto.

De maneira que é importante a experiência pelo menos uma vez na vida. Paulo de Tarso diz que ele foi arrebatado ao 3º céu. Isto é a experiência de Deus que ele chama o 3º céu. E daí por diante mudou toda a vida dele. 30 anos de vida subsequentes foram mudados por uns momentos, talvez uns segundos de experiência de Deus. Porque aí não precisa de muito tempo – basta a fração de 1 segundo para mudar completamente a vida inteira para melhor, em todo sentido... Porque quem tem certeza da presença de Deus tem felicidade, tem tranquilidade, não tem mais problemas espirituais... Todo problema acaba com a experiência de Deus.

Isto é o fim supremo da nossa Alvorada. É um fim longínquo, nós estamos apenas começando o ABC, mas é bom começar a soletrar o ABC. Não faz mal que esteja ainda no A ou no B ou no C. ninguém pode entrar na universidade do espírito sem ter feito a escola primária do ABC. E nós temos de entrar cedo ou tarde na universidade da experiência de Deus que chamamos universidade do espírito. Mas, os primeiros passos são o ABC.

Se alguém quiser fazer uma viagem de 100 km tem que dar o 1º passo. Ele não pode começar com 100 km. Uma viagem de 100 km começou com um passo, mais ou menos meio metro. Se ele não quiser dar o 1º passo ele não pode dar o 2º, nem o 3º, nem o milésimo, nem o bilionésimo. Toda evolução começa com o ABC. E não faz mal que comecemos com o ABC. Ninguém pode começar com a universidade. Tem que ser com o pré- primário... O principal não é terminar a jornada. O principal é não desviar do curso certo. Traçando uma linha evolutiva neste sentido, permanecer na direção certa.

Alguns me perguntam: quando é que eu vou chegar à consciência cósmica? Respondo: não tenha pressa de chegar, não precisa chegar. O importante não é chegar, o principal é continuar a jornada em sentido certo. Não desviar da linha reta. Continuar em linha reta, evitar qualquer zigue-zague fora da linha reta. Nada de zigue-zague para a direita e para a esquerda. Mas, vá adiante em linha

reta. Cedo ou tarde você chegará aonde quer chegar... Aliás, não chegará propriamente ao fim certo, porque a vida eterna não é uma chegada é uma jornada. É andar na direção certa rumo ao infinito. Muitos pensam que a vida eterna seja uma chegada definitiva, uma aposentadoria celeste. Vamos deitar num sofá e descansarmos de todos os trabalhos terrestres. Não existe aposentadoria celeste. Existe uma eterna jornada rumo ao infinito.

Mas a matemática diz: todo finito em demanda do infinito está sempre a uma distância infinita. Isso desanima muita gente, mas não é motivo para desanimar. Chegar é um egoísmo muito barato. Eu não preciso chegar, eu tenho que viajar, viajar sempre na mesma direção. Quer esteja perto, quer esteja longe do fim, não faz mal. Não há nenhum fim. A evolução é uma sinfonia inacabada. Isto, todos podem fazer dentro da Alvorada que funciona aqui em São Paulo. E se alguém vos pergunta o que é Alvorada não digam: é uma igreja, uma teologia, uma seita, uma nova filosofia. A Alvorada existiu desde que a humanidade existe. Porque sempre houve pessoas que queriam conhecer diretamente a Deus. E muitos chegaram até este fim.

De maneira que nós não somos nenhuma igreja, nenhuma teologia, nenhuma seita, não somos pró-igreja nenhuma. Nós não somos contra igreja alguma. Nós não somos do paganismo, não somos propriamente do cristianismo teológico, não somos do judaísmo, não somos do islamismo nem nada. Por isso nós não temos manual. Todos têm um manual ou livro de texto. Nós não temos. Nem a Bíblia é nosso livro de texto. Nem o Evangelho, nem a Bhagavad Gita, nem o Tao Te King são nossos livros de texto. Nós usamos tudo isto, porque lá falam pessoas que já tinham experiência de Deus. Na Bíblia muitos falam que tinham experiência de Deus, Jesus e alguns de seus discípulos tinham experiência de Deus. Na Bhagavad Gita fala alguém que tinha experiência de Deus. No Tao Te King – Lao Tse tinha experiência de Deus. Por isso é bom usar estes livros. Mas não são manuais de texto. Nós não seguimos um livro só. Nós usamos qualquer

livro de grandes iniciados. Antes ou depois de Cristo tiveram grandes iniciados – e aproveitamos do que eles disseram ou escreveram. A maior parte não escreveu nada, mas apenas falaram, alguns escreveram (Rohden,2016).

Anexo F: Última entrevista do filósofo e professor Huberto Rohden (pouco antes de sua morte) concedida ao jornalista José Ítalo Stelle, publicada na revista Visão, edição de 9/fevereiro/1981.

A EDUCAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

"A instrução ensina o homem a descobrir as leis da natureza, isto é, a ciência; mas a educação leva o homem a criar valores dentro de si mesmo", diz o filósofo brasileiro Huberto Rohden nesta entrevista à VISÃO.

"Não existe crise de educação no Brasil, nem em qualquer parte do globo. O que existe é uma deplorável ausência de verdadeira educação". Esta é a opinião do filósofo brasileiro Huberto Rohden a respeito da chamada crise da educação moderna. Rohden explica: "Não estou usando a palavra educação no sentido popular, referindo-me a graus de instrução. Uso a palavra educar no sentido rigorosamente etimológico e verdadeiro "eduzir", indicando que o educador deve eduzir, desenvolver e manifestar o que já existe na natureza do educando". É esta razão de que, no modo de ver do professor Rohden, "uma filosofia ou uma teologia que admita de antemão que o homem seja mau por natureza não pode falar em eduzir; só poderia tratar de impingir ao educando algo alheio à sua natureza. Mas isso é o contrário à educação".

Como Sócrates, Platão e os Estoicos, Rohden acredita que a boa ordem social não pode ser criada com estratégias políticas. A boa ordem social não tem origem na política, mas na ética que ordena a consciência dos cidadãos e dos líderes da sociedade: ela se projeta na sociedade, mas está radicada no indivíduo. Nascido em Tubarão, estado de Santa Catarina, Rohden formou-se em Ciências, Filosofia e Teologia nas Universidades de Innsbruck (Áustria), Valkenburg (Holanda) e Nápoles (Itália). De 1945 a 1946, teve uma bolsa de

estudos para o desenvolvimento de pesquisas científicas na Universidade de Princeton, Estados Unidos, onde teve a oportunidade de conviver com Albert Einstein e lançou os alicerces para o movimento de âmbito internacional da Filosofia Univérsica, tomando por base do pensamento e da vida humana a constituição do próprio universo. Em 1952, fundou em São Paulo o Centro de Auto-Realização Alvorada, que mantém cursos permanentes sobre Filosofia Univérsica e Filosofia do Evangelho. É autor de mais de 60 livros, entre os quais estão: Porque Sofremos, O Caminho da Felicidade, Mahatma Gandhi, Lúcifer e Logos, O Homem, Einstein - O Enigma do Universo e Educação do Homem Integral. Alto, cabelos brancos, roupas simples e mente aguçada, o professor Rohden concedeu à VISÃO a seguinte entrevista na sede do Centro de Auto-Realização Alvorada, na Rua Alegrete, 72, Sumaré, São Paulo.

VISÃO - O senhor tem dedicado boa parte do seu tempo aqui na Alvorada, enfatizando a diferença entre a instrução e a educação.

HUBERTO ROHDEN - Não, não é bem isso. Tenho falado unicamente sobre autoconhecimento e auto-realização da natureza humana. Isso inclui tudo e vai muito além da educação. Nós temos que nos realizar. Somos embrionários; "sementes" humanas. Falando simbolicamente, temos que realizar a nossa "semente" humana em forma de uma perfeita "planta" humana. Portanto, no Centro Auto-Realização Alvorada, cuidamos do autoconhecimento da natureza humana e sua auto-realização na vida prática. Temos que saber o que somos e temos de viver de acordo com aquilo que somos. O homem deve realizar-se. Ele não é realizado; é apenas realizável. Da auto-realização fazem parte duas coisas: tanto a instrução na ciência como a educação da consciência. O Governo só pode instruir na ciência; não pode educar na consciência. A educação da consciência é do foro íntimo do indivíduo. Temos um Ministério da Instrução; não temos um Ministério da Educação. Não existe nenhum ministério da educação

em nenhum país; nem pode existir. Não devemos confundir instrução com educação. A educação é muito mais profunda do que a instrução. A instrução é da inteligência; a educação é da consciência. A instrução faz o homem erudito; a educação faz o homem bom. Ambas são necessárias mas a mais importante é a educação da consciência.

VISÃO - Então, ao contrário do que se supõe hoje em dia, a educação é uma atividade individual?

ROHDEN - É eminentemente individual. Não pode ser uma atividade social. Ela se reflete na sociedade, mas está radicada no indivíduo. Só existe auto-educação; não existe alo-educação (educação de fora para dentro). Ou o homem se educa ou não se educa. Outros não podem educar-me; só podem mostrar-me o caminho pelo qual eu me possa educar.

VISÃO - Essa é, então, a função do mestre – mostrar?

ROHDEN - Sim. O mestre é um guia. O educador pode mostrar ao educando o caminho por onde o educando se pode auto-educar. Há muita confusão hoje em dia sobre a educação. Entre centenas de livros sobre a educação, mal encontrei um que possa aprovar integralmente. Alguns têm coisas boas, mas não frisam a coisa essencial que é a auto-educação.

VISÃO - Falou-se recentemente que o sistema educacional brasileiro estava em crise. O senhor concorda que esteja?

ROHDEN - Crise supõe uma presença. Não existe nenhuma crise; o que existe é uma deplorável ausência de verdadeira educação.

VISÃO - De onde surgiu essa ausência de educação?

ROHDEN - Ela resulta do fato histórico de que a nossa evolução humana no mundo inteiro não está na altura. Não estamos na era da incerteza, da qual falou o economista John Kenneth Galbraith; estamos, sim, em estado permanente de incerteza, porque a humanidade está marcando passo na inteligência e não atingiu ainda o nível da razão, da consciência. Falta-nos uma disciplina ética avançada. Albert Einstein, que era um grande luminar, disse: "O descobrimento das leis da natureza - a ciência - torna o homem erudito; mas não torna o homem bom. O homem bom é aquele que realiza os valores que estão dentro de sua consciência. Do mundo dos fatos, que é a ciência, não conduz nenhum caminho para o mundo dos valores, que é a consciência. Fatos não produzem valores, porque os valores vêm de outra região." Teilhard de Chardin disse: "O homem veio da biosfera. Está na noosfera (noos quer dizer inteligência, em grego) e age em função da noosfera. Viemos da biosfera, isto é, da esfera da vida. Nós nos intelectualizamos há milhares de anos; viemos da biosfera para a noosfera. Passamos da esfera da vida para a esfera da inteligência - e cá estamos. Acima da noosfera está a logosfera, a esfera da consciência; mas ainda não estamos lá.

VISÃO - Não há alguns indivíduos que estão acima do grosso da humanidade?

ROHDEN - É claro. Há indivíduos isolados, esporádicos, que estão na esfera da educação da consciência. Mas a maioria não está lá. É uma questão de evolução da humanidade. A culpa não é do Brasil, nem de ninguém. É da falta de evolução superior da humanidade. Na esfera em que estamos não podemos ter educação; só podemos fazer instrução. Todos os crimes e terrorismos vêm daí. A ciência não pode abolir o terrorismo; só a consciência pode fazê-lo. Já se foi o tempo

em que se dizia ingenuamente: "Abrir uma escola é fechar uma cadeia". A experiência prova que os grandes malfeitores da humanidade não foram analfabetos, mas, sim, homens que não educaram a consciência.

VISÃO – E as Igrejas, não favorecem a educação? Não é, essa, parte da sua razão de ser?

ROHDEN - A teologia da Igreja ensina que melhor que viver corretamente é morrer corretamente. Se um homem vive cinqüenta anos matando, roubando, defraudando e, nos últimos cinco minutos, se confessa e se converte, vai para a vida eterna. Isso é um convite antipedagógico, um convite tácito para uma vida má, contanto que haja morte boa. As teologias são tacitamente contrárias à educação da consciência. É uma denúncia que eu faço em base real. Simples moralidade não é educação.

VISÃO - Mas as Igrejas não pregam a ética do Evangelho?

ROHDEN - Não. Substituíram o Evangelho pela teologia. O Evangelho exige uma vida honesta do princípio ao fim. Mas as Igrejas pregam que basta converter-se na última hora. E tentam consertar seu erro com uma falsa interpretação das palavras de Jesus ao ladrão na cruz.

VISÃO - Além da teologia, há em sua opinião, outras filosofias contrárias à educação operando nos chamados meios educacionais.

ROHDEN - Os "meios educacionais" estão cheios dessas filosofias. Veja o behaviorismo de B.F. Skinner. Ele diz: "a liberdade é um mito. O livre-arbítrio não existe." É uma filosofia que diz que somos autômatos, que somos condicionados

pelo meio-ambiente. Ora, se não há livre-arbítrio, então não há base para a educação. O homem tem a alternativa de ser bom ou mau; isto é, a possibilidade de auto-educação. Mas se o homem é obrigado pelas circunstâncias a ser mau, ou a ser bom, então se acabou toda a base para a educação. Não negamos que as circunstâncias possam dificultar o exercício do livre-arbítrio; negamos que o homem normal possa ser obrigado pelas circunstâncias a ser bom ou mau.

VISÃO - O vazio moral, a angústia existencial que muitos parecem sentir hoje em dia e que é constantemente representada na arte moderna - pintura, teatro, literatura, cinema, televisão, etc. - de onde vêm?

ROHDEN- Vêm da falta de autoconhecimento e da falta de verdadeira educação. Esses fatores sociais - rádio, teatro, televisão, etc. - não podem educar porque, como já foi dito, a educação é um processo eminentemente individual. O que os citados fatores sociais poderiam e deveriam fazer é remover ou diminuir os obstáculos à verdadeira educação. Infelizmente, porém, quase todos os programas de cinema, rádio, televisão são flagrantemente antieducativos. E isso acaba num vácuo ou numa frustração existencial, como repetimos sem cessar em nossos cursos da Alvorada e em nossos livros.

VISÃO - Qual a relação entre a natureza humana e a auto-educação?

ROHDEN - A auto-educação é a perfeita evolução da natureza integral do homem. Não é algo alheio introduzido nela; é o conteúdo interno da própria natureza, eduzido e manifestado na vida externa, individual e social. O homem profano, sem auto-compreensão, abusa de tudo, inclusive de si mesmo, a fim de ter momentos de prazer superficial. Por outro lado, o homem místico isolacionista se recusa a usar qualquer objeto; simplesmente recusa tudo. Mas o homem cósmico, o auto-educado e auto-realizado, usa de tudo sem abusar de nada. E

isto é verdadeira educação. O educador deve mostrar ao educando que quer ser fiel à sua própria natureza é ser feliz, embora essa felicidade nem sempre esteja livre de sofrimento. Enquanto o educando confundir felicidade com gozo, ou infelicidade com sofrimento, não tem o caminho aberto para a verdadeira educação. O homem auto-educando pode ser feliz no meio de sofrimentos e pode também ser infeliz no meio de gozos. A base da auto-educação é autoconhecimento, como já diziam os filósofos gregos: "Conhece-te a ti mesmo."

VISÃO- Haverá no mundo moderno um movimento de auto-educação?

ROHDEN- Felizmente há, em todos os países, pequenos grupos que levam a sério a auto-educação. Conheço de convivência o movimento Neugeist (Novo Espírito), nos países germânicos; bem como a Self-realization (Auto-Realização), nos países anglo-saxônicos, que, na Inglaterra, também é conhecida como The New Outlook (A Nova Perspectiva). Esses movimentos são representados no Brasil pelo Centro de Auto-Realização Alvorada. São iniciativas particulares de pequenas elites que tomam a sério a sua auto-realização, baseada no autoconhecimento da natureza humana e manifestada na vivência ética da vida diária, individual e social. Felizmente, o maior dos educadores disse, há quase 2.000 anos: "O Reino dos Céus está dentro de vós, mas é ainda um tesouro oculto, que deveis descobrir." Com isso o Nazareno afirma a presença de um elemento bom no homem e a necessidade que ele tem de revelar na vida diária esse tesouro oculto. Isto é pura auto-educação (www.triangulodafaternidade).